

# a granja

A REVISTA  
DO LÍDER RURAL

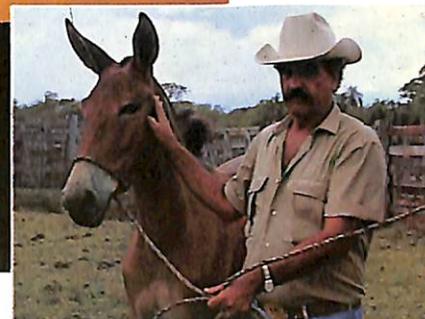
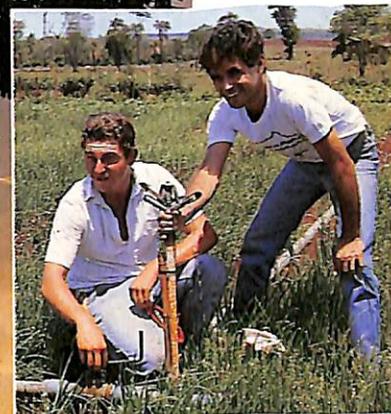
● Pantanal quer  
plano para crescer

## Brasil Central

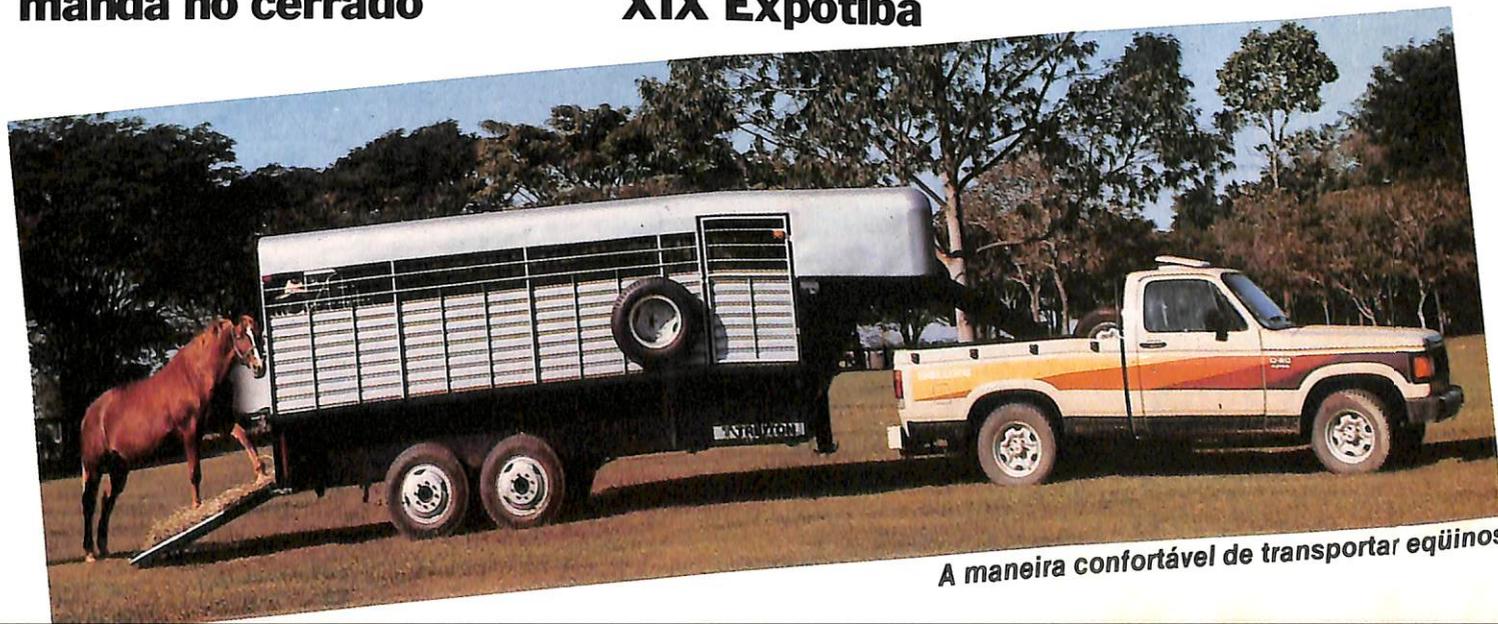
- Mato Grosso:  
arroz-de-sequeiro  
cede espaço para soja
- Em Goiás, milho  
manda no cerrado

- Dourados:  
nem só de grãos  
vive a região
- O melhor da  
XIX Expotiba

DEPOIMENTO:  
Arcebispo acusado  
de ser o instigador da  
desapropriação da Fazenda Annoni



O Senhor do Pantanal



A maneira confortável de transportar equinos

# SLC 6200 e 7200.

## Para melhores e maiores colheitas.



A SLC tem a melhor linha de colheitadeiras do mercado.

Nenhuma outra marca oferece tantas vantagens e versões para se adequar a cada uma das suas necessidades.

São máquinas modernas, resultado da mais avançada tecnologia, testada e aprovada por agricultores em mais de 150 países.

Com a 6200 e a 7200, você tem os melhores sistemas de corte, trilha, separação e limpeza do produto, para alcançar o máximo de produtividade em cada colheita.

Conheça as características exclusivas das Colheitadeiras 6200 e 7200 no seu Concessionário SLC: motores Turbo, sistema de transmissão com Posi-Torq e a versão Hydro/4.

E você ainda pode combinar Plataforma de Corte Flexível ou Rígida, de 13, 16, 18 ou 20 pés, Plataformas para Milho de 3 e 4 linhas e Esteiras de 5, 6 e 7 roletes.

No Concessionário SLC você vai ver o que existe de melhor e maior em tecnologia, qualidade e produtividade para sua colheita.



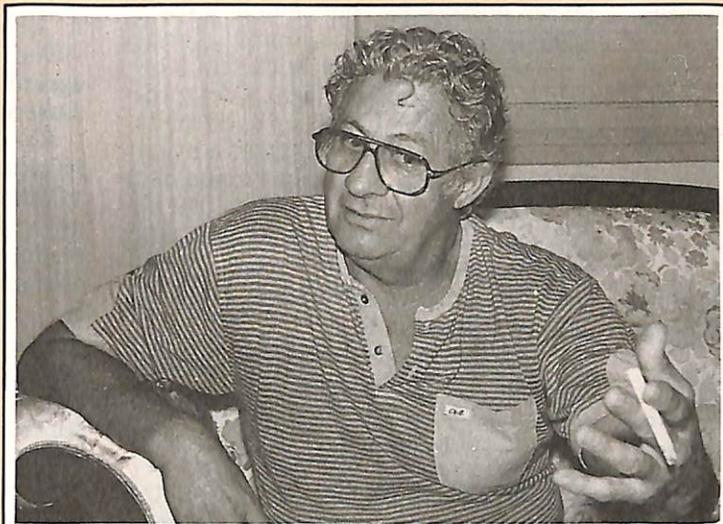
A Melhor



A Melhor e Maior

# A terra cobiçada

“**N**ão cobiçarás as coisas alheias”, diz o décimo mandamento. Mas foi justamente uma negação a esta lei divina a grande responsável pela desapropriação em 1971 da Fazenda Annoni, uma propriedade de 16 mil hectares, localizada no município gaúcho de Sarandi, segundo conta um dos principais personagens da história, o filho do ex-proprietário, o agropecuarista Bolívar Annoni. Pior: o desrespeito ao décimo mandamento partiu de um integrante da Igreja, o então bispo de Passo Fundo, dom Cláudio Colling, atual arcebispo de Porto Alegre. O caso, digno de ser romanceado por escritores do timbre dos falecidos Érico Veríssimo e Josué Guimarães, tem a cada dia um novo capítulo e se desdobra hoje com as viagens dos Annoni a Brasília, tentando cobrar a indenização ainda não-paga, e ao Uruguai, onde Bolívar destaca o prazer de viver dentro de um país democrático, “onde a liberdade é perfeita e se respeita o direito de ir e vir”, bem diferente do Brasil, onde até ameaças de morte já recebeu.



Annoni: “não acredito em reforma agrária”

De origem italiana, a família é responsável por projetos de colonização importantes, como no oeste catarinense com a fundação de cidades do porte de São Miguel do Oeste, obra de seu pai e de um tio. A participação dos Annoni não pára por aí. Eles tiveram atuação política inegável, lançando as bases de partidos como o PSD e o PTB, convivendo com personalidades que despontam no cenário político nacional como Leonel Brizola, a quem, aliás, Bolívar Annoni imputa

grande parte da culpa pelas confusões ocorridas no país em 64. Aos 58 anos, solteiro e sem filhos, ele concentra seus investimentos atuais na fronteira gaúcha — com criação de gado e lavouras de milho e arroz irrigados, e no Uruguai, onde desenvolve cruzamentos com o zebu brahman e cria ovinos corriedale. Mesmo elogiando a política agrícola uruguaia, “que dá segurança e firmeza de preços ao produtor”, Bolívar Annoni pensa no futuro, prevendo coisas grandiosas para o Brasil: “Basta que ele se transforme de país da inveja em país do trabalho”.

**A Granja — Grande parte da história da desapropriação da Fazenda Annoni ainda não veio a público, e, quando a reforma agrária é o assunto principal, muita gente cita este caso. O que realmente aconteceu para que a Fazenda Annoni fosse desapropriada? O que ainda não foi dito a respeito do assunto?**

**Bolívar Annoni —** A história da Fazenda Annoni é extensa. A nossa família a adquiriu em 1940 com 16 mil hectares, onde montamos um complexo industrial-madeireiro e desenvolvemos a pecuária em grandes pastagens e a agricultura em quatro mil hectares. Investimos muito nesta propriedade com a construção de usinas hidrelétricas que forneciam energia para seis municípios. A industrialização da região de Sarandi, onde se localizava a fazenda, não parou. Logo nos constituímos em líderes de exportação para o Uruguai e Argentina e também ultramar. O reforestamento era feito de maneira bem

simples. Ele era realizado dentro dos próprios matos. Se retirava a madeira para serrar e se plantava essências naturais como o pinheiro, cedro-louro, gabriúva, angico e madeiras-de-lei em geral. Os resultados foram surpreendentes. Tínhamos capacidade de serragem de 80 metros cúbicos diários, enquanto no meio da floresta a mata crescia cem metros. Tudo pelo manejo e cuidado corretos. Só se abatia árvores adultas ou mortas. Além disso, guardávamos o território 24 horas por dia, com guardas se revezando em três turnos. Inclusive, em pouco tempo, as áreas de matas que eram de 2.400 hectares, comprovados por levantamento aerofotogramétrico e mapeamento em 1936, haviam crescido 160 hectares. Enfim, isso nos prova que o próprio mato, com cuidado e trato, vai se desenvolvendo, vai absorvendo as áreas de campo. Primeiro vêm as capoeiras, depois o timbó e, posteriormente, as árvores sementeiras que vão aumentando

de a metragem cúbica total da área. Então, o importante é dizer que nossa produção não consumia de dia o que crescia à noite. As provas constam do trabalho pericial arquivado no Supremo Tribunal Federal para quem quiser ver.

**P — E sobre a desapropriação, o que realmente ocorreu? Houve outros interesses que superaram a produtividade e a razão? Existe alguma esperança de recuperar a propriedade?**

**R —** A fazenda já foi entregue ao governo, mas ainda falta pagar parte da indenização. Em relação ao processo de desapropriação, ele se deu por acusação de um bispo de Passo Fundo, na época dom Cláudio Colling, atualmente arcebispo de Porto Alegre, simplesmente por inveja. Ele sempre teve os olhos grandes dentro desta propriedade, onde caçava e à qual conhecia bem. É bom frisar que dom Cláudio tinha autorização para caçar, pois permitíamos que ele caçasse. Não havia proble- ▶

ma. Entretanto, ele se associou a um arrendatário, Ivo Fabris, que foi condenado por furto pelo tribunal e despejado da fazenda. Depois da condenação, o bispo resolveu investir em cima deste homem, mandando-o fazer novos plantios. Mas já era tarde. Por vingança disso, dom Cláudio fez denúncia pública ao então comandante do antigo III Exército, ao ministro Luis Fernando Cirne Lima e a outras autoridades. Das suas acusações constava que nós maltratávamos os arrendatários, quando em verdade o senhor Ivo Fabris estava sendo expulso por furto de madeira. Era o ano de 1971 e logo se observou o interesse de várias pessoas da região que pretendiam botar abaixo toda aquela madeira, como, aliás, vem ocorrendo hoje.

## A desapropriação da Fazenda Annoni ocorreu por inveja

**P — Como se portou a Justiça neste caso?**

**R —** Agiu corretamente. Tanto é assim que constam dos autos do processo as denúncias do bispo e há uma sentença do STF que acusa dom Cláudio Colling de ter induzido as altas autoridades ao erro para desapropriarem a Fazenda Annoni. Isso, inclusive, serviu como base para nos dar ganho de causa. O próprio Incra reconheceu em 1972 que havia desapropriado a área a pedido da denúncia infundada e apresentou este documento em juízo. A partir de lá tivemos uma luta gigantesca, pois até o Incra, na época, promovia incursões de caminhões com invasores para se alojarem em meio a invernadas lotadas com animais, iniciando a fase do desmando total. A cada momento ficava mais difícil para a Justiça Federal, com força da Polícia Federal e da Brigada Militar, manter o *status quo*. Isso foi denunciado, houve processos e até incendiaram o Fórum de Sarandi. Só não contavam que tínhamos cópias dos processos e os anexamos à Justiça Federal.

**P — O que havia nos documentos queimados?**

**R —** Havia um processo contra um dos invasores por ter queimado uma serraria dentro da propriedade. O incêndio foi criminoso, o invasor foi indiciado e o processo estava no Fórum. Essas pessoas eram vizinhas nossas e sempre pretendiam colocar as mãos na

madeira da Annoni, participando, inclusive, da denúncia de dom Cláudio Colling.

**P — O que impediu que a sua família recuperasse a posse da Fazenda Annoni, já que todas as sentenças eram favoráveis?**

**R —** Havia muitos desmandos, corrupção e muitas outras coisas no segundo e terceiro escalões do governo. Estes homens se serviam e se utilizavam do nome das Forças Armadas e/ou de militares para fazer desmandos.

**P — Mas, então, não houve justiça neste caso?**

**R —** Não. Houve justiça, sim. Os tribunais sempre confirmaram as sentenças favoráveis, condenando a desapropriação da Fazenda Annoni. Desde a primeira instância a Justiça vem atestando que foi um ato ilegal a desapropriação. Então, a União foi condenada por ato ilícito e estão obrigados a pagar uma indenização, dívida que ainda não foi saldada. Atualmente está na fase de execução de sentença e o assunto está sendo tratado diretamente com o Ministério de Desenvolvimento e Reforma Agrária (Mirad).

**P — Em quanto está o valor da indenização? Ela repõe as perdas?**

**R —** É muito difícil calcular o valor total. Agora, seja qual for, ele não conseguirá repor o que perdemos. Veja-se que são usinas hidrelétricas, 5.400 cabeças de gado, quatro mil hectares de agricultura, mais de cem máquinas e implementos, muitas benfeitorias, além da parte de pastagens e o melhoramento genético com sêmen importado da França para o charolês mocho.

## Os políticos não são despreparados, alguns são safados mesmo

**P — E nas demais propriedades da família também existe este problema de invasões, desapropriações e outros desmandos?**

**R —** Por incrível que pareça, existe outro caso semelhante ao da Fazenda Annoni. Tínhamos uma propriedade de 3.300 hectares em Marmeleiro, no Paraná, a Fazenda Perseverança, bem na divisa com Santa Catarina, que também foi desapropriada por vingança pelo Paulo Yacota, do antigo Incra. Houve a primeira invasão, a segunda, e, hoje, está com ação de despejo tramitando na Justiça. Esta propriedade

tinha um parque industrial respeitável, com serraria, fábrica de lâminas e fábrica de aberturas — produzíamos mil portas diariamente. Mas tudo foi desmantelado pelos invasores, e os dois mil hectares de matas foram arrasados em 60 dias por duas mil famílias. A propriedade está completamente destruída, tomando o mesmo caminho da Fazenda Annoni.

## A esquerda só venceu porque o povo está mal-informado

**P — O senhor acredita em reforma agrária? Qual a receita ideal para ela dar certo?**

**R —** Não, não acredito. Tenho fé na reforma do homem, deste homem que se diz camponês ou colono. Este homem precisa ser educado, reformado e reeducado por uma cultura moderna, avançada, inclusive para desenvolver um trabalho moderno dentro dos melhores conceitos de tecnologia que existem hoje. Conheço pessoalmente Israel e os desertos do México, que foram recuperados pela mão do homem. Isso é simples, só precisa ter o homem que é o ponto-chave, devidamente educado para isso. Não adianta simplesmente se atirarem, se jogarem pessoas em grandes áreas para produzir extensivamente soja, uma cultura de altos riscos, que não dá nem a subsistência familiar. Temos que desenvolver, como havia antigamente, o pequeno agricultor produzindo tudo. Só ia ao supermercado para pegar o café e o açúcar, pois na sua propriedade tinha todo o tipo de carne, tinha grãos, tinha hortigranjeiros, tinha frutas, enfim, era praticamente auto-suficiente.

**P — Por que antigamente isso era possível e hoje não ocorre mais?**

**R —** As escolas sempre estiveram perto das propriedades, as crianças estudando e desenvolvendo junto com os pais, recebendo aquela prática. Hoje este colono arrasou com o chiqueiro, com os piquetes de pasto, com os galinheiros e, inclusive, o sanitário que era fora da casa ele derrubou também para plantar soja em todo o lugar. Passou a viver então numa monocultura das piores possíveis. O que precisamos? Simples, é formar, reeducar estes homens. Precisamos de escolas como os tiros-de-guerra do Exército, lá no local, no ambiente, com um treinamento de trabalho na base de ordem unida.

**P** — Na sua opinião, estas consequências seriam resultado da atual política agrícola ou da falta de uma política definida?

**R** — Não há dúvida de que falta uma política agrícola no país. Do modo como as coisas estão não chegaremos a nada, nunca. Uma agricultura avançada, por exemplo, é a que se pratica no Vale do São Francisco, naquela zona de Pirapora, onde há uma produção fantástica, duas safras, tudo irrigado. O que falta lá? O homem é a resposta. Temos que mandar levas de gaúchos para lá, porque homem do ambiente, pela sua indolência, pelo clima, não consegue produzir. O que acontece, então? As grandes empresas como a Cica, Cooperativa Central do Brasil, a Cotia, se estabelecem no São Francisco, e vão, aos poucos, doutrinando os homens com base numa escola de conceito agrícola.

**P** — Quer dizer que a reforma agrária só seria viável com a participação da iniciativa privada?

**R** — Exatamente. A iniciativa privada sempre venceu e prova isso nas colonizações. Veja por exemplo que nós colonizamos um quarto do oeste de Santa Catarina. Lembro bem da época, era 1938, 1939; eu, então com 12 anos, andava com familiares dentro dos Ford 29 pelos sertões até onde se podia. Depois, se montava em mulas, em cavalos e se abriam picadas até chegar num local que, posteriormente, se transformaria em São Miguel do Oeste, cidade fundada pelo meu pai e por um tio. Na época foram colocados 30 mil agricultores naquela região que antigamente viviam em Garibaldi, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Flores da Cunha e Sarandi. Mas só foram colonos e filhos de colonos com o conceito de trabalho, com prática, com capricho para produzir. E foi este homem bom que terminou lá. Hoje, São Miguel do Oeste e Chapecó, colonizada por Serafino Bertaso, se constituem em praticamente um novo estado.

---

## O homem só procura desculpas para sua acomodação

**P** — Mas por que isso não continua ocorrendo? Qual o problema?

**R** — Pelo que se vê o homem não quer sair do seu lugar, não quer abrir novas áreas e sempre encontra desculpas para não ir para o Mato Grosso ou

para Rondônia. Mas não há problemas, ou melhor, o problema é que este homem não quer é trabalhar, não tem educação para trabalhar.

**P** — Como o senhor recebeu a vitória das esquerdas nas últimas eleições municipais e que tipo de influência isso pode trazer para a agropecuária do País?

**R** — A vitória das esquerdas não é o resultado do trabalho da esquerda. É o resultado da revolta do cidadão por ter sido mal-informado. Na verdade, a revolução aconteceu. Os militares trabalharam por este Brasil, construíram como nunca. Ergueram Tucuruí, Itaipu e várias usinas, que conheço, ao norte e no centro do país. As estradas, a parte de telecomunicações é perfeita, uma das melhores do mundo. Há muito desenvolvimento. Naturalmente, temos dívidas, isso não sai de graça, custa dinheiro. Quem quer melhorar o seu padrão de vida tem que pagar. As tecnologias são caras, mas são eficientes. E o que fez a esquerda? Bateu muito em cima desta dívida externa, mas nunca se deram conta ou tiveram a grandeza de reconhecer o que foi feito. Sem dúvida, isso chocou um pouco a população e se montou um *lobby* gigantesco para garantir que não teríamos condições de pagar. Mas não é assim. Em verdade nós produzimos e o País tem recursos, tanto minerais como florestais, suficientes para abastecer o mundo. Temos previsões de 100 a 200 anos para a exploração de minérios. O negócio é trabalhar.

---

## Houve grande progresso com os militares

**P** — Em síntese, no seu entender, as coisas estavam melhores no tempo dos militares?

**R** — Há coisas que não há como desmentir e no tempo do governo militar houve progresso, um progresso fantástico, com grandes obras na área energética, de telecomunicações, de tecnologia, de rodovias. Talvez a maior área do mundo com irrigação esteja em nosso País. Então, isso é progresso, não há como desmentir. Para tudo isso foi preciso contrair dívidas. A única coisa que se pode fazer é conseguir mais prazo, condições mais módicas e pronto. Se vamos negar a dívida, fazer moratória, perderemos a moral e o crédito.

**P** — Se a UDR já existisse na década de 70, a Fazenda Annoni seria preservada?

**R** — Não tenho dúvida que sim. As invasões iniciam, pelo processo esquizante, com este homem campesino, esta massa disponível e subesclarecida, que é muito fácil de ser conduzida. Primeiro este homem é aliciado, depois ele toma a propriedade rural e invade loteamentos de casas. É um processo contínuo e amanhã ou depois são invadidos bairros, supermercados, apartamentos e vai tudo. Com toda esta massa incendiada é muito difícil contê-la. É um processo que digo que conheço, pois estagiei em Cuba em 1961, onde fiquei por 110 dias, a convite de Fidel Castro. Como democrata e católico, aceitei o convite que, na verdade era para um amigo de esquerda que recusou. Lá, percorri todos os cantos como chefe de comissão da América do Sul e vi o desastre que houve.

---

## Cuba exporta hoje só uma promoção do que não existe

**P** — Que tipo de desastre o senhor presenciou em Cuba?

**R** — Eles levantaram aquelas massas de subcultura e jogaram contra os empresários, contra o homem, contra o próprio povo. Ninguém nega que Cuba precisava de reformas, pois o governo de Fulgêncio Batista estava perdido e as coisas desordenadas. Mas não precisavam ser tão radicais a ponto de exterminar uma grande massa. No final, os resultados foram inúteis. Destruíram as grandes usinas de açúcar, os grandes empreendimentos agropecuários, o sistema de pesca, enfim, foi um desastre completo. Hoje Cuba virou uma monocultura novamente, importando quase tudo. Inclusive, na época, Cuba exportava animais da raça charolesa para outros países do bloco socialista, como a Tchecoslováquia e Iugoslávia. Em síntese, o governo de Fidel deixou tudo no zero. Ao invés de manter aquela árvore que produz, ela foi cortada e, além disso, não plantaram uma nova. E a destruição continua hoje. Cuba só exporta hoje uma promoção de algo que não existe, continuando a praticar e cultivar princípios indignos para o ser humano. Há um regime de pressão, autoritário, na base da metralhadora pe- ▷

las costas, ou vai ou morre. E Fidel sempre usou este sistema, doutrinando sindicalistas, distribuindo dinheiro para comunizar as Américas. A tática continua e, no fundo, tudo não passa de uma grande mentira. A imprensa sadia pode ir a Cuba que vai confirmar isso que estou dizendo.

**P — É para esse caminho que estamos indo?**

**R —** Sim. Com a massa disponível e despreparada que nós temos, não tenho dúvidas disso. Os brasileiros de cultura, que atualmente estão na faixa de 30 por cento da população, estão limitando os seus filhos, tal a dificuldade de criá-los nos tempos atuais. Enquanto isso, a maior parte do povo, esta grande massa, prolifera que nem rato. Em pouco tempo vamos ficar que nem Cuba e o empresário se vai, ficando esta massa para dominar o País. E como estes despreparados vão tomar conta e manter este enorme parque industrial que temos no país? Será um desastre. Aí virá a República Popular Brasileira que logo será estendida para o resto da América.

**P — Em 89 temos eleições presidenciais, despontando vários candidatos como o Ronaldo Caiado, da UDR, e o Leonel Brizola, do PDT. Qual o seu prognóstico e a opinião em relação aos candidatos?**

**R —** O Ronaldo Caiado eu não conheço, mas depois que se viu ele organizar, montar tantas filiais da UDR por todo o País, dá para afirmar que o homem tem experiência nesta área e inteligência. Sabe escolher os seus assessores e isso é de extrema importância. Não adianta ser só Brizola, só Lula, só ser líder e mais nada, não ter capacidade para organizar um quadro de executivos.

## **B**rizola jogou um contra o outro e foi responsável por 64

**P — O senhor apoiaria Ronaldo Caiado se ele fosse candidato à presidência da República?**

**R —** É possível. Ficaria dentro desta linha de Ronaldo Caiado, de Antônio Ermírio de Moraes, de homens apolíticos, mas bons administradores.

**P — E o Brizola, receberia o seu apoio? O senhor tem alguma coisa contra ele?**

**R —** Não tenho nada contra o Brizola, inclusive ele foi meu sócio em agricultura na própria Fazenda Annoni há muitos anos, quando moço. Não há dúvida de que ele está se preparando para a função há muito tempo. Só gostaria que ele, se eleito, conduzisse o País com muita dignidade, com muita paciência e não usasse os meios ilegais, contra-sociais que usou...

**P — Que meios ilegais são esses?**

**R —** Aqueles meios utilizados na queda do ex-presidente Jango, o João Goulart, de jogar os subalternos contra os oficiais, o sargento contra o tenente, gerando intrigas. Hoje o Brizola já é homem feito, com muita andança, e precisa ser mais moderado. Penso que ele precisa seguir um caminho mais correto, pois as atitudes anteriores só serviram para criar os grandes casos que houve no País, inclusive da revolução militar.

**P — O senhor diria que foi Brizola o grande responsável por toda confusão que ocorreu no Brasil em 64?**

**R —** Exatamente, exatamente. Se ele tivesse ouvido os homens da executiva do partido, o PTB, como Loureiro da Silva, Salgado Filho, Fernando Ferrari, Alberto Pasqualini e um dos homens que sempre lhe deu toda a atenção possível, que foi Ernesto José Annoni, meu pai, as coisas não enveredariam por este caminho. Inclusive, dizem que Brizola foi cria do meu pai, mas não é verdade. O pai realmente orientou ele desde jovem, dentro do trabalho e da política, mas aos poucos Brizola foi conquistando mais territórios, se envolvendo com as ligas camponesas, com Miguel Arraes, atual governador de Pernambuco, passando a agitar de uma forma que não tínhamos condições de receber um impacto daquela maneira. E isso veio a resultar na revolução, com conseqüências que se sentem até hoje.

**P — Hoje o Bolívar Annoni, filho de um dos fundadores do PSD e do PTB, se identifica com qual partido?**

**R —** Em termos de partidos, a coisa está uma verdadeira salada de frutas, na base da dissidência da dissidência. Hoje penso em homens, não em partidos. Não há uma doutrina, um plano viabilizado para os partidos. Cada político procura seus próprios interesses. Participo semanalmente dentro da Câmara Federal e do Senado e vejo todo esse jogo de benefícios que estão recebendo e aprovando para si mesmos, como foi no caso do aumento dos seus próprios salários para Cz\$ 4 milhões. Enquanto isso, demoraram para apreciar o salário mínimo do trabalhador.

É uma ofensa muito grande não votarem a questão de 10 milhões de pessoas para aprovarem um projeto em benefício próprio. E isso não demonstra o despreparo ou a incapacidade dos políticos, mas a safadeza mesmo.

## **A**má fama do capim-annoni fez parte da trama

**P — O capim-annoni é tratado como uma verdadeira praga. O senhor concorda com isso e qual a relação do capim com a Fazenda Annoni?**

**R —** Não, não concordo. O capim-annoni faz parte da desapropriação. A alta produtividade da Fazenda Annoni se devia a estas pastagens que nós descobrimos e que usamos até hoje em outras propriedades. A origem é mais variada e veio de um trabalho exaustivo de pesquisa pelas Américas auxiliado por técnicos reconhecidos na área como o Anacreonte Ávila de Araújo e Ana Primavesi. Juntamos mudas de todo o país, da Patagônia, do Chile, da Venezuela, da Colômbia, do Brasil Central e do Nordeste, levando em conta aspectos de resistência ao frio e à estiagem. No final, selecionamos três espécies. Como a Fazenda Annoni era classificada como empresa rural pela alta lotação, o secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, na época Getúlio Marcantônio, induzido pelo extinto Incra, resolveu cancelar o capim-annoni. Por que isso? Cancelando o capim-annoni, prejudicaria a alta produtividade da propriedade e desqualificaria a Fazenda Annoni, que passaria a ser um latifúndio. Então, fizeram uma portaria, para que o capim fosse cancelado, apesar de existirem trabalhos, feitos inclusive por órgãos de pesquisa do governo, comprovando que oannoni tinha alta produtividade e resistência ao inverno, mantendo lotações de cinco a seis cabeças de gado por hectare. A publicidade negativa vem daí, pois hoje temos áreas com 14 e 15 anos com capim-annoni, superlotadas, com quatro ou cinco bois por hectare no inverno e sete a nove no verão. Estamos produzindo carne e tirando bois mensalmente durante todo o ano, colocando boi magro e tirando boi gordo, sem parar.

## Depoimento I

Nas páginas anteriores, **A Granja** registra o depoimento gravado de Bolívar Annoni, que fala da saga da desapropriação de uma empresa rural altamente produtiva. Novela que começou em 1972, no auge do governo Médici. É o testemunho vivo do que podem a inveja, a ganância, a corrupção, a irresponsabilidade. Mostra principalmente que o ato de destruir está presente na ação do homem. O pior de tudo é que a saga da Fazenda Annoni, amaldiçoadamente, depois de 16 anos de desmandos e incompetência, está longe de ter chegado ao fim. Pois, agora mesmo, os invasores, que estão vivendo à custa dos contribuintes, acumpliciados com a burocracia corrupta, acabam de devastar a maior parte de sua rica cobertura vegetal. Abstraindo-se alguns conceitos de ordem puramente pessoal, o depoimento de Bolívar Annoni será ainda mais devastador se dele não forem tiradas lições positivas. E imediatas.

## Depoimento II

**A Granja** sabe que ele recentemente adquiriu uma fazenda no Uruguai, assim como o Dr. Leonel de Moura Brizola. Por quê? Porque certamente ele lá se sente seguro para produzir. Neste mesmo Uruguai que durante anos e anos foi devastado pelo populismo demagógico. Hoje, após ter exportado duas gerações das suas melhores cabeças pensantes, o Uruguai começa novamente a enveredar pela direção das leis de mercado. E gradativamente (afinal, sua população é de pouco menos de 4 milhões de habitantes, e portanto não tem um mercado de consumo de

massa) começa a se reencontrar com sua vocação pastoril e com sua tradição de país exportador. E, incrível, Montevidéo inicia-se no próspero caminho dos grandes paraísos fiscais. Adeus ideologia que atrasou o país durante quase quarenta anos. Viva o pragmatismo!

## Depoimento III

Bolívar Annoni, homem justificadamente traumatizado, prevê a rápida cubanização do nosso país, através da implantação da República Popular Brasileira. Seu principal argumento baseia-se na explosão demográfica. Esse diagnóstico é realmente arrasador. Afinal o Brasil fabrica um Uruguai em população a cada ano. Um Uruguai preguiçoso, atrasado, agressivo e raivoso. São bebês que vão nascer, a grande maioria, sem estrutura familiar, sem base econômica, sem condições culturais, sem horizontes. Terá o Brasil produtivo, carregado de impostos, condições de arcar com este fardo?

## Depoimento IV

Bolívar Annoni fala com paixão do capim-annoni. Esta pastagem hoje é oficialmente considerada inço da pior qualidade. **A Granja**, antes de tudo, é uma revista técnica que tem o compromisso de levar a verdade técnica ao seu leitor. Há 44 anos. Por esta razão, desde já nos colocamos à disposição dos técnicos para a devida análise que o assunto requer.

## Vai cair o cartório das contas de trigo?

O trigo nasceu estatizante, sendo reserva de mercado ditada pelo monopólio oficial. Pois, Feliz Natal, o Executivo enviou projeto de lei que pretende acabar com esse controle. Pretende, sim, porque tudo agora depende de nossos legisladores da Câmara e do Senado.

## O Congresso é que manda

Pouca gente se deu conta. Mas, além de socialista (afinal, quase tudo do que é importante depende do Estado), o Brasil agora é de fato parlamentarista. Pois nada mais sai sem o "habite-se" do Congresso.

## Brasil Central: o celeiro do futuro

Apesar da crise e do desamparo creditício a que o setor primário foi submetido nos tempos mais recentes, o Brasil Central não encontra barreiras para suas crescentes produtividades, mesmo em segmentos mais tradicionais como a pecuária extensiva, hoje enriquecida pelo capim-braquiária e o sangue do nelore. E, se não atrapalharem, essa parte do país ameaça se tornar o maior centro da produção de alimentos do mundo, conforme o leitor verá nesta edição.

**NOSSA CAPA:** O trailer apresentado na capa é da marca Treiton, modelo Hípica, com quatro baias individuais.



Para levar um pouco do Brasil Central aos nossos leitores, o editor Paulo Moraes e o fotógrafo J. M. Alvarenga percorreram quase 10 mil quilômetros no centro do país. De automóvel, de barco e de avião, como mostra um flagrante na Fazenda Alaska, em pleno Pantanal mato-grossense.

## Mato Grosso do Sul

Hortigrangeiros	15
Microbacias	18
Tecnologia	24
Pesquisa pecuária	28

## Pantanal

### Mato Grosso

Arroz x soja	45
Soja	48
Pecuária	50

## Goiás

Conjuntura	54
------------	----

## XIX Expotiba

60

## Seções

Eduardo Almeida Reis	10	Flash	
Caixa Postal	12	Novidades no Mercado	57
Aqui Está a Solução	13	Ponto de Vista	64
			66

## Próxima Edição

O que mudou e o que vai mudar na agropecuária brasileira



Edição de Aniversário



Diretor-presidente:  
Hugo Hoffmann  
Diretora comercial:  
Leoni Zaveruska  
Diretor-executivo:  
Léo I. Stürmer

# a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

## REDAÇÃO

Paulo Alberto de Moraes (editor), Jomar de Freitas Martins (coordenador), Luciano Klöckner (repórter), J.M. Alvarenga (fotografia), César Antenor de Marchi (revisão).

## COMPOSIÇÃO E ARTE

Luiz Alberto O. da Fonseca (supervisor), Jair Marmet, Lecilda Alves Caliendo (composição), Júlio Costa Jardim (arte-finalista).

## CIRCULAÇÃO

João Manoel M. Prates (gerente de vendas de assinaturas), Antônio João Carazzo (gerente de venda avulsa), Sinara Weber da Costa (coordenadora).

## PUBLICIDADE (RS)

Maria Cristina Pereira dos Santos, Sedi-  
nei Rodrigues dos Santos (contatos).

## SUCURSAL DE SÃO PAULO

Jânio de Oliveira (gerente), Iara Lombardi, Luis Carlos Faloppa (contatos).  
Praça da República, 473, 10.º andar,  
conj. 102, fone (011) 220-0488, telex  
(11) 31567, CEP 01045, São Paulo.

## Representantes/Publicidade

**DISTRITO FEDERAL** - International Press  
Publicidade e Assessoria Ltda., avenida  
W/3 Sul, Q. 505, bl. "A", n.º 51, 2.º andar,  
CEP 70350, fones (061) 244-3838  
e 244-3822, Brasília; **PARANÁ** - Spala -  
Marketing e Representações, rua Alcides  
Munhoz, 69, conj. 31, fone (041) 225-  
1972, CEP 80000, Curitiba; **PERNAM-  
BUCO** - Elenco Representações e Em-  
preendimentos Ltda., rua da Aurora,  
295, conj. 505, fone (081) 221-1955,  
CEP 50050, Recife; **RIO DE JANEIRO** -  
Intermedia Representações Ltda., aveni-  
da Gomes Freire, 315, sala 605, fone  
(021) 224-7931, CEP 20231, Rio de  
Janeiro.

## Custo da assinatura

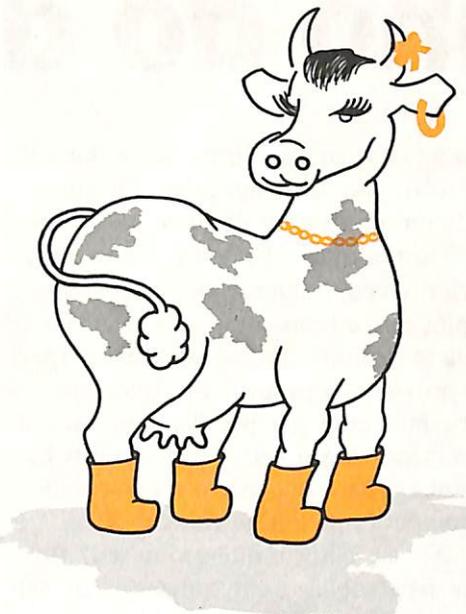
Ligue a cobrar (90512) 33-1822

# a granja

é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob n.º 088. p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (0512) 33-1822, telex 051-2333, cx. postal 2890, CEP 90060, Porto Alegre/RS. Exemplar avulso, Cz\$ 1.100,00; exemplar atrasado, Cz\$ 1.200,00. A revista não se responsabiliza por originais não-solicitados.

## ● Vacas de botas

É para inglês ver. As 120 vacas leiteiras de Stephen Angwin, fazendeiro em Cornouailles, na Inglaterra, vão estar preparadas para enfrentar os rigores do inverno europeu. Numa idéia que provoca risos e que só foi concretizada em ficção com o “gato de botas”, o produtor solicitou à Gater Rubber Company, firma especializada na confecção de botas de borracha de alta qualidade para caçadores e agropecuaristas, fabricar 240 pares deste tipo de calçado, dois para cada vaca. A justificativa do produtor é simples: “estarão menos sujeitas às doenças de inverno, não sentirão frio e não escorregarão nos estábulos, fato comum nesta estação do ano”. Depois de projetar dois modelos, a Gater fabricou o definitivo, com 30 centímetros de altura a um custo unitário de 24 dólares o par. Nem mesmo o custo total, de cerca de Cz\$ 5 milhões — cotação do dólar no paralelo —, espanta Stephen, que afirma que



os animais ficaram muito à vontade com as botas e ainda acha estranho que ninguém tenha pensado nisso antes.

## ● Uma nova moeda...

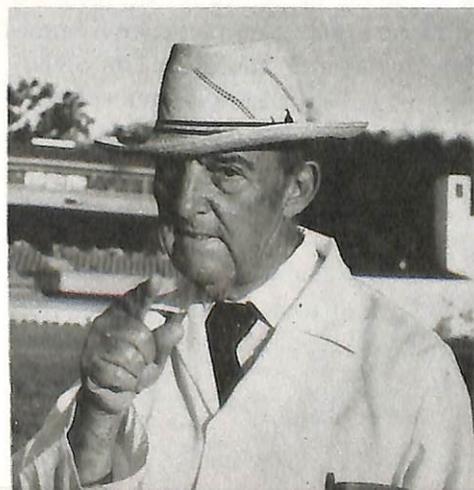
Como a desgraça e o humor andam juntos, o presidente da Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), Heitor José Müller, não se fez de rogado e entrou nesta dança. Ele lançou o nome de uma nova moeda para os brasileiros: o crucificado. “O milho está cotado em OTN, a soja e os insumos em dólar, o salário em URP, os impostos em OTN fiscal”, justifica. “Então, na verdade, o cruzado não existe, não tem valor, restando para produtores e consumidores o crucificado, mesmo”. Brincadeiras à parte, Heitor Müller afirma que a avicultura chegou ao fundo do poço no primeiro semestre deste ano, prevendo que as coisas vão melhorar para 89.

## ● À moda do búfalo

O professor da Unesp João Barrison Villares, jurado de búfalos durante a Expotiba e reconhecido por sua maneira peculiar de conduzir os julgamentos, ao concluir seus trabalhos, deu um puxão de orelhas de leve nos bubalinocultores: “tem muita gente que está adotando o búfalo da moda, levando em conta só os aspectos econômicos”, frisou. “Mas a zootecnia não tem moda e devemos manter as raças puras com fidelidade”. Depois de ralhar sutilmente com os criadores, o professor elogiou os progressos no búfalo, lembrando que este ano introduziu uma inovação nos julgamentos, levando em conta a aptidão dos animais para carne e para leite, que afinal é o objetivo desta espécie no mercado, ressaltou, concluindo que, por isso, deu prioridade para animais altos e longilíneos.

## ● Derramando charme

A imagem que o brasileiro construiu de fazendeiras americanas, principalmente originárias do “corn-belt” (estados de Illinois, Indiana e Wisconsin, onde se produz a maior parte da soja e milho nos USA), é de que são competentes, auto-suficientes e, por que não dizer, chatas e pouco femininas. Pois, em Curitiba, descobriu-se que Mrs. Jane E. Anderson, cujo marido é proprietário de uma fazenda em Indiana, mãe de três filhos, formada pela Universidade de Purdue, uma das mais famosas universidades de agricultura dos Estados Unidos, atualmente diretora de vendas da Associação Americana de Registro de Suínos (NASR), tem glamour de sobra e chamou a atenção de patrões, peões e de toda a galera que fez o sucesso da XIX Expotiba e I Feira Internacional da Indústria e Agropecuária. Evidentemente, como eficiente anfitrião, o Secretário da Agricultura do Paraná, agrônomo Osmar Dias, deu-lhe atenção especial.



# O olho do dono

**A**nda a Física mudada, mas tão mudada mesmo, com estas teorias da mecânica quântica, que já não me posso responsabilizar pelas leis que andei estudando no ginásio. Dizia uma delas que “a toda ação corresponde uma reação de igual valor e sentido contrário”. Aqui na roça, *mutatis mutandis*, a toda poeira excessiva corresponde um lamaçal assustador.

Tem sido assim com o início da temporada das chuvas. Onde sufocávamos, há dois meses, numa nuvem de pó, atolamos agora irremediavelmente. Isso quase que nos obriga a circular, por aqui, em automóveis “bons de barro”, como aqueles de tração nas quatro rodas e os Fuscas, se tiverem pneus lameiros. O diabo é que tanto uns como outros são péssimos no asfalto.

Para vencer 60 quilômetros de asfalto e mais 25 de lama, não abro mão de um veículo bom de asfalto. Isso me obriga a enfrentar os atoleiros com um velho Opala de seis cilindros e pneus enormes, o tipo do veículo inadequado, quando se pensa em barro. Paciência. Procuo encher a mala de coisas pesadas, ou pesadíssimas, tipo ração, adubo, cimento e arames farpados, para melhorar a aderência das rodas tra-seiras. E seja o que Deus quiser.

Já tentei usar correntes, que arrebetavam ao primeiro esforço. Além disso, sujavam o cinesíforo, quando havia necessidade de colocá-las no meio do atoleiro. Quando não sujavam o cinesíforo, sujavam o motorista, ou o chofer, o que vem a ser a mesma coisa, se considerarmos que a vítima era aqui o autor destas maltraçadas.

Por que ando a falar de estradas e lamaçais? Também não sei. Tudo que pretendo é falar sobre os pastos, ou sobre o paradoxo das pastagens, que faz muita gente boa dar com os burros

n'água, quando se trata de definir a lotação, isto é, a capacidade de suporte de um piquete ou de uma invernada.

Ainda outro dia, na entrada do período seco, tínhamos tanta sobra de capim que o bom compadre recomendava a compra de 50 garrotes, “para aproveitar o pasto”. Eu, que ando escaldado com este problema de falta de comida para o gado, comprei seis boizinhos, para ocuparem o lugar onde o compadre pretendia colocar 50...

Sabe o leitor o que aconteceu? Pois, se não sabia, fique sabendo: os seis quase chegaram a passar fome.

O negócio é sempre assim: quando a gente acha que cabem 100, é porque só cabem 12. E olhem lá! Tempos atrás, quando os projetos Voisin estavam com a corda toda, o professor Veiga foi chamado a estudar um projeto onde havia 11 mil bois. Negócio lindo, cheio de cerquinhas, corredores, bebedouros, cochos para sal e quetais. No entanto, os bois que entravam no projeto com 180 quilos de peso vivo, em média, ao fim de um ano de pastoreio rotativo racional estavam pesando 140 quilos.

Elucubrações as mais científicas foram feitas para explicar esta perda de peso, até o grande Veiga matar a charada: faltava comida! Na teoria, os tais piquetes comportavam 11 mil garrotes. Na prática, os garrotes passavam fome.

Mas o paradoxo a que me refiro, e que talvez nem seja um paradoxo, pode ser resumido da seguinte forma: num pasto onde 100 cabeças, durante um ano, ganham 600 arrobas, 200 cabeças podem não ganhar arroba de es-

pécie alguma. E ainda podem perder peso.

Deu para entender? Seguinte: você tem um pasto conhecido, onde já engordou 100 cabeças de gado, conseguindo um ganho de 600 arrobas, isto é, seis arrobas por cabeça/ano. Pela matemática, se você botasse 200 cabeças, poderia esperar um ganho médio de três arrobas por cabeça/ano, no mínimo. Mas não é isso que acontece. E você corre o risco de ver suas 200 cabeças emagrecerem, ao cabo de um ano.

Nos primeiros tempos de vida na fazenda, onde ainda havia tudo por fazer — casas, cercas, usina hidrelétrica, etc. — tive uma vaquinha jersey que produzia 19 quilos de leite por dia, praticamente a pasto. Ganhava uma poeirinha, e só uma poeirinha de farelo de trigo, durante as ordenhas, para amansar, para desaguar. E passava o resto do tempo andando a esmo, catando pontas de capim.

Foi então que resolvi fazer uma tal de extrapolação, e pensei: se uma vaca produz 19 litros, 30 vacas produzirão 570 litros por dia. Não é isso que nos ensina a matemática? Pois foi o que fiz, para dar com os burros n'água. Cerquei a fazenda, fiz pastos e piquetes, comprei as 30 vacas e vi a produção cair para menos da metade.

A própria vaca pioneira, quando ficou impedida de continuar pastando à solta, escolhendo aqui e ali, eventualmente acolá, as pontas dos capins de sua preferência bovina, passou a produzir 10 litros por dia, apesar de começar a receber ração balanceada durante as ordenhas.

Portanto, é o olho do dono que engorda o boi. Mas o olho de um dono que, onde vê pasto para 100 cabeças, tem a cautela de não botar mais do que 12 ou 15 bois, no máximo.

# Produtos Agropecuários Gerdau.

## Seus amigos do campo.



Quem usa arames Gerdau pode confiar que tem cercas sempre fortes, resistentes, duráveis. Tem facilidade no manuseio, tem economia. E tem uma linha completa para escolher o arame certo para a cerca certa. Cerque-se de amigos. Confie nos arames e nos outros produtos para agropecuária do Gerdau. Arames farpados Elefante, Urso e Zebu. Arames lisos Tenaz e Coapa. Além das correntes, cordoalha para curral, arames galvanizados, distanciadores Cercafix, pregos e grampos para cerca.

### **SIDERÚRGICA RIOGRANDENSE S.A.**

Av. Borges de Medeiros, 650 - Sapucaia do Sul - RS.  
CEP: 93200 - Tel.: (0512) 73-1288.

### **COMPANHIA SIDERÚRGICA DA GUANABARA - COSIGUA**

Av. João XXIII, 6.777 - Rio de Janeiro - RJ.  
CEP: 23568 - Tel.: (021) 305-1515.

### **SIDERÚRGICA AÇONORTE S.A.**

BR 232, Km 12,7 - Recife - PE.  
CEP: 50791 - Tel.: (081) 251-3488

QUALIDADE



Standard

## Zootecnista se une

“Os zootecnistas brasileiros, que hoje são em número de sete mil em todo o país, já contam com uma associação nacional para defender os direitos da categoria. Foi fundada no dia 24 de setembro, em assembléia geral realizada em São Paulo, com representantes de diversos estados, a Associação Brasileira de Zootecnistas (ABZ), sendo eleito presidente Luiz Augusto Müller (RS), devendo a entidade iniciar imediatamente um trabalho de fortalecimento das associações de classe e sindicatos profissionais estaduais, bem como de valorização do mercado de trabalho dos zootecnistas. A ABZ está realizando uma campanha de filiação para fortalecer seu quadro social. Para isso, os zootecnistas devem procurar pessoalmente, ou através de carta, informações à rua Capitão Rosendo, 201 - Vila Mariana - CEP 04120 - São Paulo/SP - Fones: (011) 549-0273 e 549-3404.”

*Sérgio Savastano*

*Secretário-geral ABZ  
São Paulo/SP.*

## Emprego I

“Tenho 22 anos e sou apaixonado por agricultura. Leio sempre **A Granja** para me informar do que acontece de novo na agropecuária. Faço muitos cursos por correspondência para me atualizar. Gostaria de trabalhar em qualquer parte do Brasil ou do exterior. Sou casado, sem filhos e estou cursando o segundo grau.”

*José Miguel Pereira Capuchinho  
Rua Cacairis, 710, apto. 201  
CEP 22730, Jacarepaguá/RJ.*

## Emprego II

“Sou engenheiro agrônomo, formado em 1987. Tenho experiência em agricultura e pecuária, um bom conhecimento em planejamento e contabilidade rural. Aceito trabalhar em qualquer parte do país.”

*Wlamir Wagner Carone  
Av. Dr. Edgard Conceição, 317  
CEP 13400  
Piracicaba/SP.*

## Tem lugar pra sócio

“Procuro pessoas interessadas em participarem de exploração em criações de pequenos animais e implantação de viveiros de mudas e flores, assim como comercialização de produtos agropecuários em uma área de aproximadamente 250 hectares que tenho a 50 quilômetros de São Paulo, na rodovia Castelo Branco, com topografia acidentada. Para viabilizar esse anseio, espero contar com a colaboração dessa revista, a fim de permitir que eventuais interessados entrem em contato comigo.”

*Osmar Pereira de Barros  
Rua João Adolfo, 118, conj. 209  
CEP 01050, São Paulo/SP.*

## Eleições

• O biênio 88/89 à frente da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (Arco) será ocupado pela seguinte diretoria, eleita recentemente: presidente, Luiz Carlos Velloso Brum; primeiro vice, Francisco Jorge Boffill; segundo vice, Gil Dutra de Faria; primeiro secretário, Sinval Rangel Barreto Luz; segundo secretário, Júlio Cesar Pintos; primeiro tesoureiro, Cláudio Chagas Telles; e segundo tesoureiro, Renato Chaves Nunes Vieira.

## Carneiro da discórdia II

“Senhor Editor:

Após ter lido nesta coluna manifestação do sr. Alexandre Tollens Linck sobre o episódio que envolveu o criador paranaense Francisco José Dresch, durante o certame da raça hampshire down na última Expointer, acho importante endossar sua receita de grande campeão: ‘é necessário ter muito conhecimento, paciência, dedicação, seriedade, amor, perseverança e muito trabalho’. O autor ainda acrescenta um outro ingrediente — tradição. Peço licença para discordar da inclusão obrigatório deste.

Os campeonatos das diversas raças que concorrem em Esteio têm mostrado que a combinação bem dosada de todos aqueles elementos é capaz de proporcionar o título maior a uma ca-

banha nova, suprindo-se com garra a carência de tradição. Em 1980, estreando em Esteio juntamente com João Alberto Bronzatto, pequenos criadores, obtivemos para a Cabanha Recosta, de Itapoã, o grande campeonato de fêmeas da raça hampshire down. Contávamos, então, apenas com nosso trabalho e o bom material genético adquirido da Cabanha do Costa, de Ary Palma Velho, de Bom Jesus. Em 1982, com muita perseverança, obtivemos o grande campeonato de machos. Prosseguimos, hoje, à frente das Cabanhas Andurá e Recosta, ainda pequenos, trabalhando com seriedade, dedicação e paciência, sobretudo quando se trata de enfrentar as ostentações da força do dinheiro e da propalada tradição.

Na raça crioula, por exemplo, certamente a mais tradicional do Rio Grande do Sul, a vitória dos novos tem sido saudada por estabelecimentos quase seculares. Estes vêm naqueles o reconhecimento a seu trabalho e a certeza de que a criação a que tanto se dedicaram tem futuro, pois se expande e conquista mercados.

Os motivos e intenções que um criador tem para inscrever animais em Esteio podem ser os mais variados — até mesmo ganhar o grande campeonato, principalmente se convicto de que possui um animal melhorador. O novo expositor logo aprende que, independente do resultado, é preciso continuar aprimorando seu trabalho e acreditar no que faz. Cada jurado elabora um tipo ideal dentro do conjunto de características determinadas pelo standard racial, e nem sempre os animais com os melhores prêmios são os que atingem maior cotação na hora de comercializar. Frustrado em Esteio, o sr. Francisco José Dresch obteve recentemente, na XIX Expotiba, em Curitiba, o título de grande campeão, concorrendo com o mesmo carneiro importado dos Estados Unidos que aqui se apresentou. O jurado foi um técnico gaúcho, de reconhecida competência, o dr. Jair Menezes, ex-presidente da Arco.”

*Almirante da Silva Neves  
Viamão/RS*

N. da R.: Não foi conferido grande campeonato na raça hampshire down na Expotiba, conforme registra nesta edição “A Granja Leilões”.

# AQUI ESTÁ A SOLUÇÃO

## Alimentação na propriedade

“Peço informações sobre o capim-elefante, como época de plantio, variedades utilizadas e onde adquirir mudas. Além disso, gostaria de saber dados sobre o uso do confrei na alimentação de suínos e bovinos.”

Nelson Dias da Silva  
São João do Triunfo/PR

**R** — Existem aproximadamente 70 cultivares de capim-elefante, apresentando diferenças quanto a morfologia, produção, valor nutritivo, ciclo vegetativo, preferência animal e relação haste-folhas. Conhecido ainda pelos nomes de capim-napier, cameroon e pasto-elefante, esta gramínea é originária da África e o seu potencial forrageiro foi fescoberto em 1909 pelo coronel Napier. O capim-elefante se desenvolve melhor em altas temperaturas, paralisando o seu crescimento quando o termômetro registra abaixo de 10 graus centígrados. As geadas afetam a parte aérea, não atingindo a parte subterrânea, a não ser que ocorra o congelamento do solo. Normalmente, adapta-

se a qualquer tipo de solo e, quando corrigidos ou férteis, apresenta altas produções. O capim-elefante, porém, não tolera terrenos encharcados ou inundados por longo tempo. O estabelecimento da pastagem deve ser feito em solos planos ou com topografia pouco inclinada. Quanto à adubação, depende de análise de solo. Uma das empresas que trabalha com mudas de capim-elefante é a Rebrote Mudanças e Forrageiras, av. Cristóvão Colombo, 3038/204, fone (0512) 42-8094, CEP 90460, Porto Alegre/RS, que inclusive distribui gratuitamente um manual sobre a gramínea, de autoria da agrônoma do Instituto de Pesquisa Zootécnicas Francisco Osório (IPZFO), Zélia Maria de Souza Castilhos, que também pode ser contatada pelo fone (0512) 33-5411, ramal 23. As variedades oferecidas pela Rebrote são: mercker 86 México, merckeron pinda, aiwan-A 144,



taiwan-A 146, taiwan-A 241 e uruckwona. Em relação ao confrei, segundo o veterinário Volnei Conci, chefe da equipe de animais não-ruminantes do IPZFO, também pode ser utilizado tanto para suínos como para bovinos. O instituto desenvolve um programa de avaliação de alimentos e formulação de rações caseiras balanceadas para suínos, com base dos produtos colhidos na propriedade. Basta enviar carta para o Laboratório de Nutrição Animal do IPZFO, rua Gonçalves Dias, 661, Porto Alegre, CEP 90060, citando o nome do programa e enviando amostras dos produtos para análise. As amostras devem ser de meio quilo por produto.

## Confinamento

“Qual a melhor maneira de instalar 150 animais em semiconfinamento com pastagens e cocho durante um clima de inverno chuvoso?”

Antonio da Silva Souza  
Casca/RS

**R** — Os dados apresentados pelo sr., segundo Vivian Fischer, da Confinazul Consultoria e Projetos Agropecuários, são gerais para uma avaliação mais precisa. É necessário, antes de tudo,

analisar as condições da propriedade, como: o que é plantado, os tipos de animais, os preços dos ingredientes, pois cada caso é um caso. Outras informações podem ser obtidas diretamente na Confinazul, rua Marechal Floriano, 185, 11.º andar, fone (0512) 24-6000 ou 24-6565, telex (51) 2757, CEP 90020, Porto Alegre/RS ou junto à Associação Brasileira dos Confinadores (Abraco), av. Cairu, 1034, fone (0512) 42-3641, CEP 90230, Porto Alegre/RS.



## À busca do verde

“Peço informarem os endereços do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, da Sociedade Brasileira de Silvicultura, do Partido Verde em São Paulo e no Rio Grande do Sul e da Indústria de Pneus Rinaldi S/A.”

Oswaldo Silva  
Santa Bárbara do Oeste/SP

**R** — Em São Paulo, o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal-IBDF está situado na rua Alameda Tietê, 637, caixa postal 7134, CEP 01417, São Paulo/SP, fone (011) 883-1300; Sociedade Brasileira de Silvicultura: av. Paulista, 2006, 12.º andar, conjunto 1.210, CEP 01310, São Paulo/SP, fone (011) 289-2313. Com relação ao Partido Verde, este não existe no Rio Grande do Sul, mas em São Paulo o endereço é: Partido Verde (sede estadual), rua Trajano, 60, B. Lapa, CEP 05050, São Paulo/SP, fone (011) 263-6632. Para finalizar, a Rinaldi S/A., Indústria de Pneumáticos, fica na rua Luiz Alegretti, 193, CEP 95700, Bento Gonçalves/RS, fone (054) 252-4255.

# Kepler Weber o modelo agrícola que o Brasil precisa.

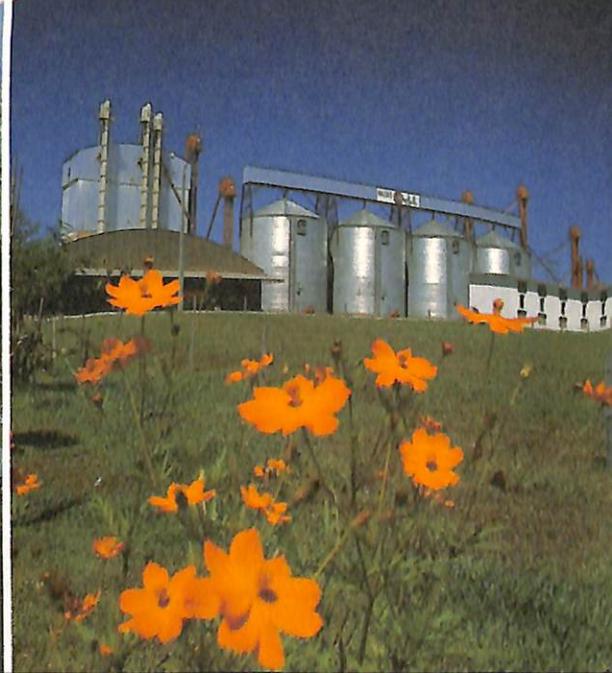
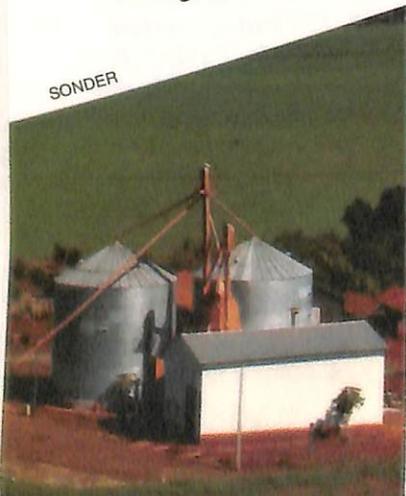
É o continuar. Um modelo agrícola para ser bom não pode ficar só na arrancada. É disso que o Brasil precisa.

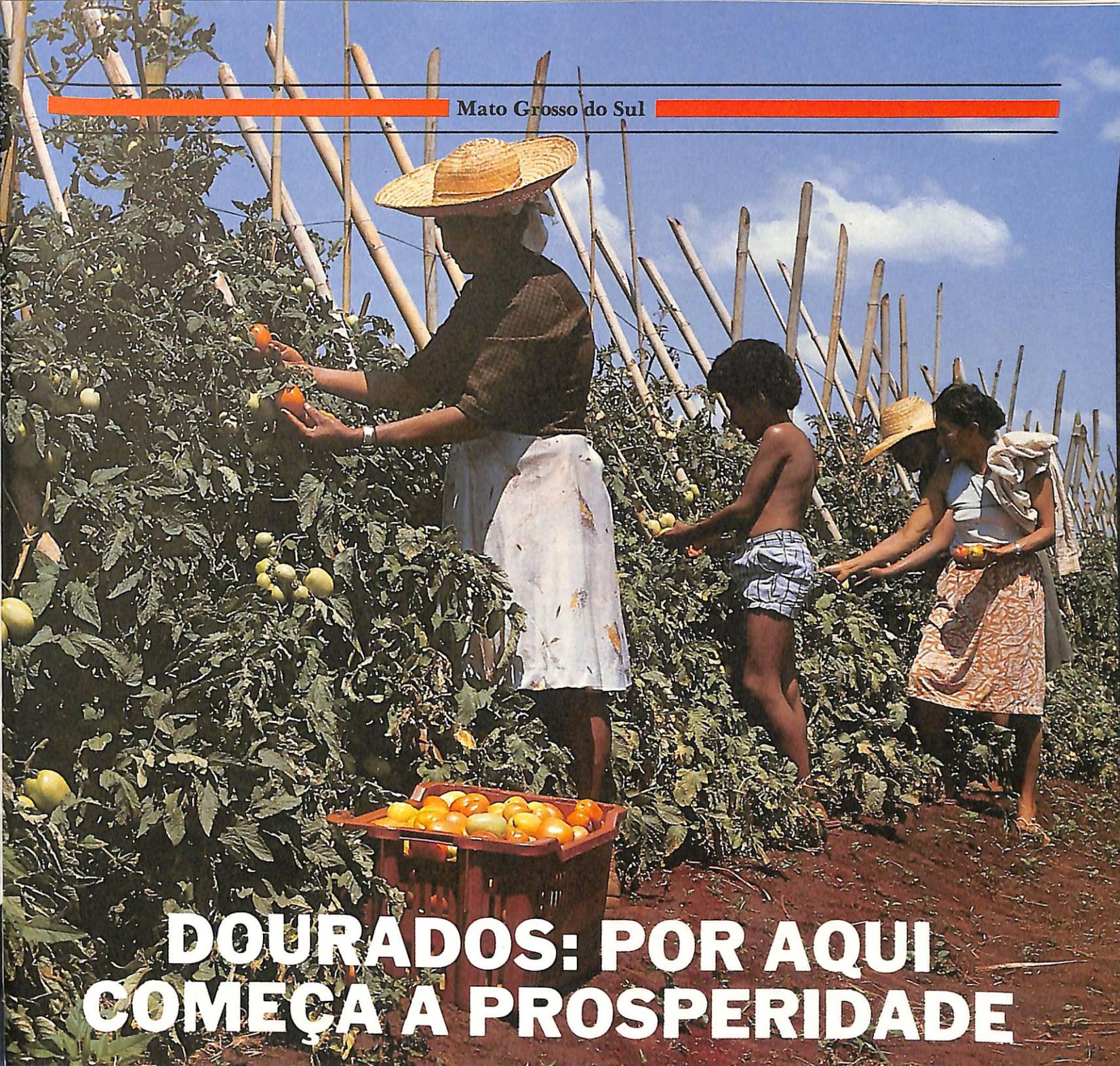
Atender as necessidades do pequeno, médio e grande empresário agrícola é o primeiro passo. Por isso, a Kepler Weber tem projetos adequados à cada necessidade, da secagem à cada armazenamento de grãos. O segundo passo é não deixar o agricultor na mão. Nunca. E é aí que entra a equipe ATAK. Assistência Técnica da própria Kepler Weber. O agricultor chamou, ATAK atendeu. E a Kepler Weber também garante a reposição de peças.

## KEPLERWEBER

Panambi: Fone (055) 375-2322 / Porto Alegre: Fone (0512) 43-7174  
Curitiba: Fone (041) 253-6606 / São Paulo: Fone (011) 288-2122 /  
Campo Grande: Fones (067) 382-3013 e 382-3113 / Cuiabá: Fone (065) 361-5044 /  
Goiânia: Fones (062) 241-2041 e 241-6855 / Belo Horizonte: Fone (031) 227-1466.

SONDER





# DOURADOS: POR AQUI COMEÇA A PROSPERIDADE

A Grande Dourados, em menos de uma década, se tornou um poderoso pólo produtor de grãos e, agora, parte para a horticultura, onde se destacam o tomate e a ervilha.

**P**ara conhecer a atual realidade da agropecuária do Centro-Oeste brasileiro, não é preciso examinar muito, pois a prosperidade se instalou na região, de onde não parece querer sair facilmente. Mesmo em zonas como a da Grande Dourados, em que a presença da pequena propriedade já é uma constante, novas fronteiras agrícolas são abertas diariamente, em incessan-

tes e atraentes oportunidades de lucros, abrindo horizontes insuspeitados para a maciça carga de investimentos que sobra em outros setores do país.

Dos primeiros colonizadores, restou a experiência até certo ponto vitoriosa da colônia federal fundada por Getúlio Vargas em 1943, próximo a Ponta Porã, que, se não conseguiu manter todo o contingente de colonizadores, ao me-

nos serviu para o fortalecimento das cidades já existentes, que passaram a receber em maior volume os produtos básicos de alimentação, barateando o custo de vida.

Na década de 70, os primeiros fazendeiros gaúchos efetuam compra de terras na parte sul do estado para continuar lá a criação extensiva de gado de corte. É que em meados da década de



*Vieira e Souza, da Empaer: cebola para o mercado local.*

60 a orizicultura irrigada iniciou um forte avanço sobre as melhores terras da pecuária no Rio Grande do Sul. Incapaz de competir com a lucratividade do arroz, que supervalorizou as terras gaúchas, a pecuária foi se espremendo nas coxilhas, para daí ser empurrada pelo súbito florescimento da sojicultura nos anos 70, marchando desde o Rio Grande do Sul, através do oeste catarinense, oeste paranaense, Mato Grosso do Sul e chegando ao Mato Grosso, com a recente inauguração da fazenda Itamaraty norte, de Olacyr Francisco de Moraes, onde se pretende cultivar 100 mil hectares com esta leguminosa.

### *Estado produz um terço da safra de ervilhas do país*

A própria região de Dourados ainda não está plenamente desenvolvida. Prova disso é a oportunidade que se oferece aos pequenos e médios produtores, que, graças à pesquisa, podem participar da produção de hortigranjeiros, ganhando um bom dinheiro num mercado 98 por cento dependente de importações. Favorecido pelo clima ameno, o sul mato-grossense pode, apoiado por novas técnicas, suprir o mercado local com tomates, ervilha desidratada, cebola e batata-inglesa.

A ervilha, por exemplo, tem se mostrado uma alternativa econômica su-

pervalorizada. Em trabalho coordenado pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural — Empaer, do Mato Grosso do Sul, a jovem lavoura de ervilha já produz um terço da safra nacional, com seis mil hectares cultivados com a leguminosa. Dourados, em menos de uma década, enfim, se tornou um poderoso pólo produtor de grãos.

Essa mesma condição de grande produtor começa a dar mostras de desgaste, semelhantes ao

ocorrido no Rio Grande do Sul. A erosão anda a galope nas terras planas da região, porém a solução imediata já está acontecendo na prática, com a instalação de microbacias em quase todas as zonas onde predominam as pequenas, médias e mesmo as grandes propriedades.

**Hortaliças** — O caso da ervilha, uma cultura recente na região da Grande Dourados, pode elucidar o mistério de para onde vão os resultados da pesquisa. O trabalho de aclimação de variedades foi coordenado pelo Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças (Brasília), e as mais cultivadas são a “micado” e “triofin”, conforme explica o técnico da Empaer, Luiz Vieira de Souza, que também faz trabalho de campo com batatas e cebola.

O pesquisador Antônio Correa de Oliveira é quem gerencia os experimentos com ervilha. O tipo cultivado na região se desidrata naturalmente ainda na lavoura. Por isso, o maior comprador ainda é a indústria de enlatados. Contudo, o pesquisador afirma que existem receitas para utilizar a ervilha seca no dia-a-dia da dona-de-casa.

O plantio desta cultura é feito em abril e a colheita acontece de 90 a 120 dias depois, dependendo da variedade. A lavoura é toda mecanizada e o rendimento com tratamentos convencionais alcança 1.500 quilos por hectare. Ainda assim, a pesquisa com irrigação já obteve produtividades de 2.500 quilos por hectare.

Um fato interessante veio a somar-se à recentíssima história da introdução

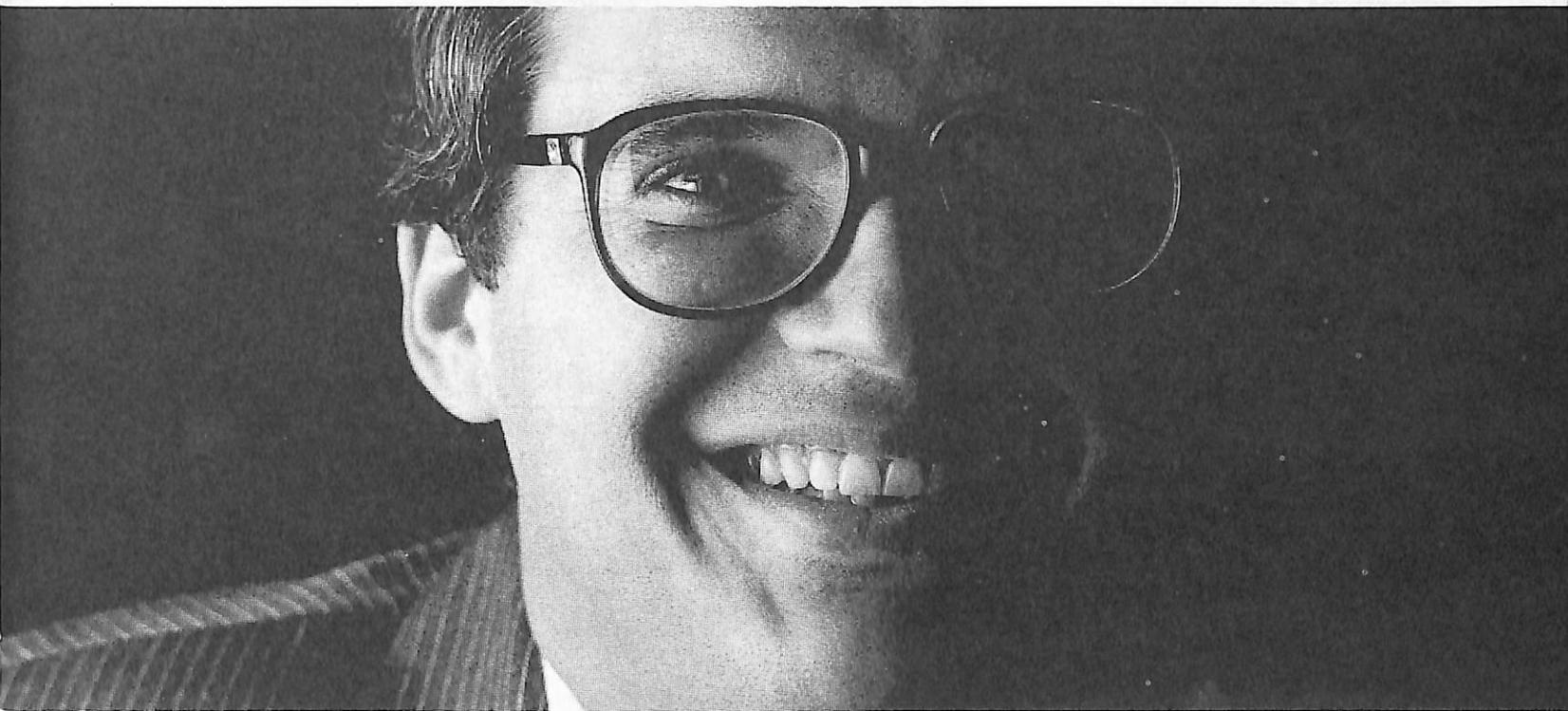
da ervilha na região, desde que em 1983 a terras foi revolvida para a formação dos primeiros canteiros. Numa vistoria em uma das lavouras pioneiras, foi identificada uma planta em mutação, apresentando, ao invés de folhas, um maior número de estípulas. A substituição das folhas pelas estípulas, afirma Antônio Correa, não dificulta o metabolismo da planta, pois os filamentos são dotados de “estames”, uma rede de orifícios que serve para a respiração da planta através da absorção e perda de gases. Além disso, esse mutante, descoberto pelo melhorista e coordenador do Programa Nacional de Ervilha, do Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças, apresentou outra virtude importante que é a de não acamar no período pré-colheita, facilitando a utilização de máquinas ao mesmo tempo que aumenta o rendimento físico da produtividade em 20 por cento. Essa novidade ainda está em fase de multiplicação, e posteriormente será distribuída.

A introdução da cultura da ervilha esteve ligada a programa de hortaliças e seu rápido crescimento cria a necessidade de planejamento da produção futura, onde segundo Cristino Antônio Martins, gerente regional da Empaer em Dourados, a Empresa atua, juntamente com a Embrapa, a fim de evitar embolamento na comercialização da safra. Outras hortaliças, como a batata, oferecem uma boa perspectiva de mercado.

Liliane Kobaiashi Leonel é responsável pela área de fomento à cultura da batata. Iniciou em 1986 sete hectares; 55 hectares em 1987, de 40 produtores, alcançaram uma média de 20 toneladas por hectare contra uma produtividade média nacional que gira em torno de 11 toneladas por hectare. “Aqui, o resultado é melhor porque a lavoura já começou utilizando nível adequado de tecnologia”, afirma Liliane. Outra vantagem é de que a batata plantada no sul do Mato Grosso é colhida em julho e agosto, quando os preços estão melhores. A variedade que mais se adaptou ao clima é a baroneza rosa.

Na mesma lista de hortaliças, ainda entra o tomate como uma das culturas mais promissoras. Com meio hectare pode se conseguir duas colheitas semanais, ou até três, dependendo das condições de plantio da lavoura, como é o caso do produtor Eiishi Maeda, que vai tirar entre 1.500 e 2.000 caixas até o final da safra □

# Conta Azul Remunerada da Caixa.



## Sem dúvida, com toda segurança.

Conta Azul Remunerada.  
Agora, ao invés do seu dinheiro  
ficar parado, perdendo minuto  
a minuto, ele vai render.

Diariamente.  
E já a partir do dia da  
aplicação.

Você não tem prazo definido

para sacar ou depositar.

É quando você resolver.

No caso de retiradas, é só avisar  
24 horas antes. E a movimentação  
pode ser feita pessoalmente ou até  
por telefone, se preferir.

Você deve estar achando que a  
Conta Azul Remunerada é muito

parecida com as outras que estão  
no mercado.

Mas só ela tem uma coisa que  
nenhuma outra tem: a segurança  
da Caixa Econômica Federal.

E segurança é o que um homem  
de decisão nunca pode deixar de ter.  
Não é?

**CAIXA ECONÔMICA  
FEDERAL**



# Com a lavoura, a erosão. Aí vieram as microbacias

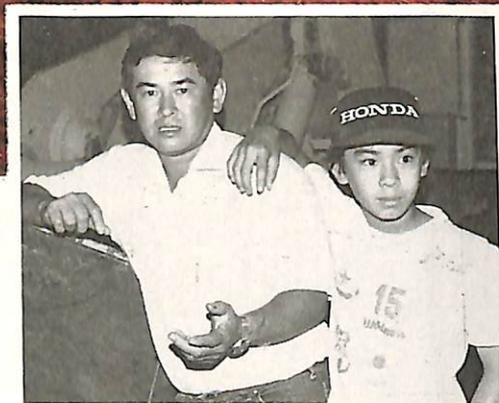
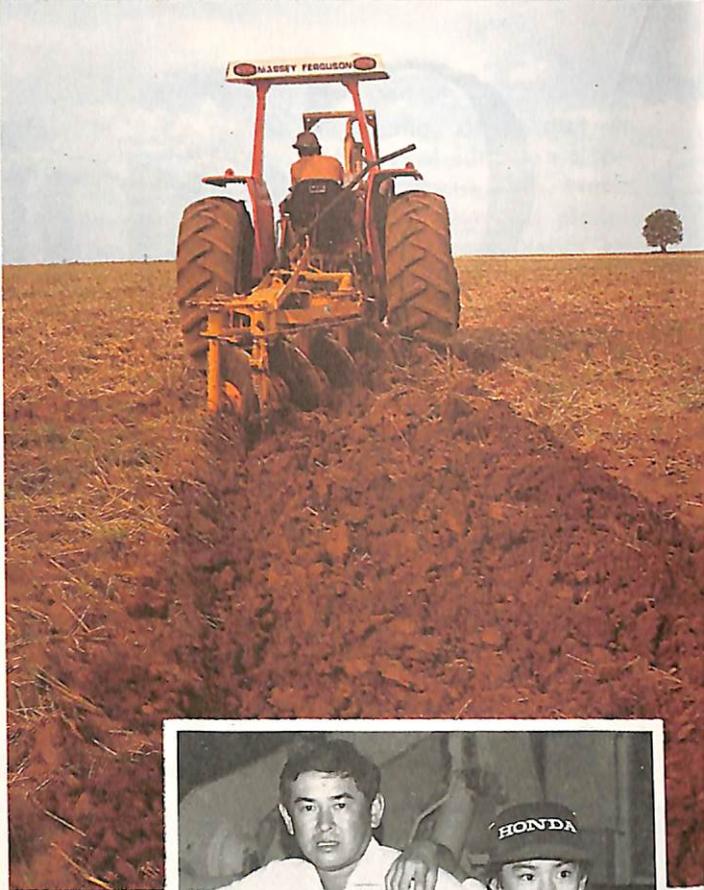
As primeiras discussões sobre as medidas que a comunidade rural deveria tomar para o controle da erosão tiveram lugar na Cooperativa Agrícola de Cotia, em Dourados, e já se marcou uma viagem para conhecer o trabalho avançado de microbacias em Toledo, noroeste paranaense. Isso tudo aconteceu no ano passado e, sem demora, começaram a ser demarcadas as propriedades por onde os murunduns e terraços de base larga dariam um novo contorno à paisagem.

Hideo Ono é da Colônia de Saiju, outro distrito de Caarapó, onde a microbacia já está quase totalmente estruturada, atingindo 1.200 hectares de 35 produtores. Lá, os agricultores organizaram um depósito comum para o lixo agroquímico, inclusive com fins comerciais, já que existem empresas recomprando o vasilhame. Construíram, também, fonte comunitária de abastecimento d'água para mistura com os agroquímicos, deixando livres os rios e fontes naturais.

As tratativas para a construção dos diques seguem mais ou menos o esquema usado no Paraná e Rio Grande do Sul. As prefeituras fornecem máqui-

nas, especialmente tratores de esteira, necessários para o levantamento dos murunduns e terraços de base larga. A comunidade abrangida pela microbacia custeia a mão-de-obra e o combustível, enquanto o serviço de extensão rural dá o apoio logístico no desenvolvimento e estruturação das microbacias.

Com a mesma rapidez com que a agricultura se desenvolveu no Mato Grosso do Sul, também os problemas decorrentes do uso intensivo do solo começaram a surgir. As perdas de solo fértil se avolumavam ano a ano em terras como a de seu Tsutomu Motomiya, do distrito de Café Porã, município de Caarapó. Nos primeiros dias de novembro, a solução já teve início, com a inauguração de mais uma microbacia, somando-se a mais outras 15 já existentes em várias localidades.



**Construção de microbacia em Café Porã (acima).  
E Hideo Ono: um projeto ecológico, no Saiju**

*A introdução das microbacias na zona agrícola de Dourados conta com a participação ativa do Governo do Estado, inclusive com o fornecimento de tratores de esteira e retroescavadeiras, conforme explica o Secretário da Agricultura e Pecuária, Rubem Figueiró. Na verdade, as microbacias são parte de um projeto mais amplo, o "Pró-Ceres", que visa, entre outras coisas, recuperar um milhão e 200 mil hectares de solos desgastados e assegurar a permanência dos produtores nas suas regiões. A Secretaria da Agricultura e Pecuária também está trabalhando na estruturação de um programa de estoques de carnes, contemplando um setor que de longe é o mais importante do Brasil Central. O Mato Grosso do Sul, segundo informa Rubem Figueiró, possui o terceiro maior rebanho nacional e está con-*

## Pró-Ceres quer recuperar 1,2 milhão de hectares

*sagrado como maior fornecedor de gado gordo do País.*

*Leite — A área de produção de leite, carente no Estado, precisa de incentivo, opina o secretário Rubem Figueiró, acrescentando que, a fim de que o produtor possa ter tranquilidade para investir na produção, precisa da segurança do mercado comprador. Por isso, a primeira medida a se tomar, afirma ele, é lutar pela criação de uma indústria de laticínios, onde a produção seja armazenada, em forma de queijos, manteiga ou leite em pó.*

*Para reforçar a disposição de fortalecer a pecuária leiteira, o secretário adianta que está em andamento um serviço de fornecimento de touros jersey, para a padronização e melhoramento do gado leiteiro.*

*O abastecimento de sementes, sistema de troca-troca de coberturas para a produção de cavalos de tração, e a orientação no uso das várzeas formam um conjunto de medidas que visam elevar o nível de vida do lavrador, afirma o secretário sulmato-grossense, a fim de conter a evasão humana do meio rural.*

# TRATOR BEM CUIDADO TEM O OLHO DO DONO.



## E O ÓLEO DO DONO.

Como tudo na fazenda, trator pra ficar sempre novo tem que ter o olho do dono. E para facilitar a sua vida a Castrol tem o óleo do dono: AgriCastrol AS Especial. Recomendado pela Massey Ferguson, AgriCastrol AS Especial é um óleo multiuso para ser aplicado em conjunto com Castrol Tropical Turbo ou Super.

Você usa Tropical Turbo ou Super no carter e AS Especial nos demais sistemas do trator: câmbio, transmissões, freio úmido e tomada de força. Além de aditivos para estes sistemas, AgriCastrol AS Especial contém um aditivo especial para eliminar o problema do ruído na frenagem.

Maior tecnologia para facilitar o seu trabalho, seu estoque e economizar na manutenção. AgriCastrol AS Especial. O óleo multiuso do dono.



QUEM MAIS ENTENDE  
DE ÓLEO NO MUNDO.

# AgriCastrol

A CASTROL PRESENTE NO CAMPO.

AgriCastrol AS Especial (recomendado pela Massey Ferguson e Valmet), AgriCastrol MP e AgriCastrol TFT 100 (recomendado pela Dedini - Toft).

A comunidade rural do Mato Grosso do Sul sentiu arrepios durante as negociações constitucionais sobre a reforma agrária. “Felizmente, foi afastada a possibilidade de desapropriação de terras produtivas para a reforma agrária”, desabafa o presidente da Federação da Agricultura do Estado do Mato Grosso do Sul (Famasul), Eduardo Metello. Os investimentos voltaram com toda a força e o setor retomou seu ritmo de crescimento. Se a reforma agrária foi uma preocupação momentânea, o assunto ainda não se esgotou, pois a discussão recai agora sobre como a Federação deve participar dos debates. Eduardo Metello é enfático ao afirmar que a Federação está disposta a defender os produtores ativos, seja qual for a natureza do empreendimento, porém não vê razão de participar da defesa das terras adquiridas como reserva de valor. “Quem tem terra e não produz não é companheiro meu e, portanto, não temos obrigação de defender aquele que não trabalha a terra, fazendo com que se cumpra a função social”, esclarece ele.

Quanto aos investimentos, este produtor é taxativo nas suas observações

## Produtor faz a riqueza e inflação come o lucro



**Metello: investimentos na agricultura não comportam juros de mercado**

sobre empréstimos tomados junto ao mercado. “A incompatibilidade entre agricultura e OTN é uma realidade indiscutível”, diz ele. De tal sorte que quem alugou dinheiro já está em dificuldades, pois a correção dos preços dos produtos, além de não acompanhar a desabalada corrida dos custos financeiros e da inflação, nunca acontece ao mesmo tempo.

O presidente da Famasul se queixa muito é da situação de mercado, que coloca a agricultura como caudatária dos demais segmentos, já que as respostas ao investimento só aparecem a médio e longo prazos, incapaz portanto de acompanhar o ritmo de produtividade da indústria mais moderna. Não acredita que a agricultura seja indiretamente causadora de inflação.

Por isso, no momento em que o país discute o Pacto Social e a formulação da Lei Agrícola, o setor pede que o governo continue privilegiando o consumidor, porém que contemple o produtor, garantindo preços justos, sem tabelamentos demagógicos, bem como a criação de reservas fixas para o financiamento das lavouras.

O setor de pecuária, por exemplo, está desamparado há um punhado de anos. Isso foi bom e mau para as fazendas. Bom porque o fazendeiro está sem dívidas; e mau porque a pecuária não avançou. O parque de máquinas

parece estar na mesma situação de abandono financeiro. De acordo com Eduardo Metello, “os agricultores estão remendando suas máquinas, o que seria antieconômico em outros países”. Isto acontece porque “não existem mais linhas de crédito subsidiado, já que os investimentos na agricultura não comportam juros de mercado”, reafirma ele.

Recentemente, o ministro da Agricultura anunciou a possibilidade de contratações de financiamentos com a quitação das dívidas em produtos, pré-calculados. É uma medida que livra o produtor da oscilação do mercado, porém será preciso saber quem absorverá o prejuízo, se na hora do pagamento os preços do produto estiverem abaixo ou muito próximos do preço de custo.

Essa preocupação não é gratuita. O potencial inexplorado das aptidões agropecuárias é um enigma que se revela incessantemente. As respostas aos investimentos podem ser rápidas, como na última safra, em que faltaram armazéns e os produtores foram obrigados a usar de toda a criatividade. Apesar disso, as perdas em função da precariedade dos armazéns improvisados variaram entre 20 e 30 por cento. Contra isso, informa o dirigente da Famasul, foi desencadeado um programa de construção de armazéns, tanto sob a responsabilidade da Cibrazem quanto da iniciativa privada.

• SECADOR DE CEREAIS

• MÁQUINA DE LIMPEZA E SELEÇÃO

• CORREIA TRANSPORTADORA

• EMPILHADEIRA PARA SACARIA

• CHUPIM

• PROJETOS AGROPECUÁRIOS



Avenida Expedicionário  
Weber, 3207  
Caixa Postal 100 -  
Fone: (055) 512-3377  
SANTA ROSA - RS

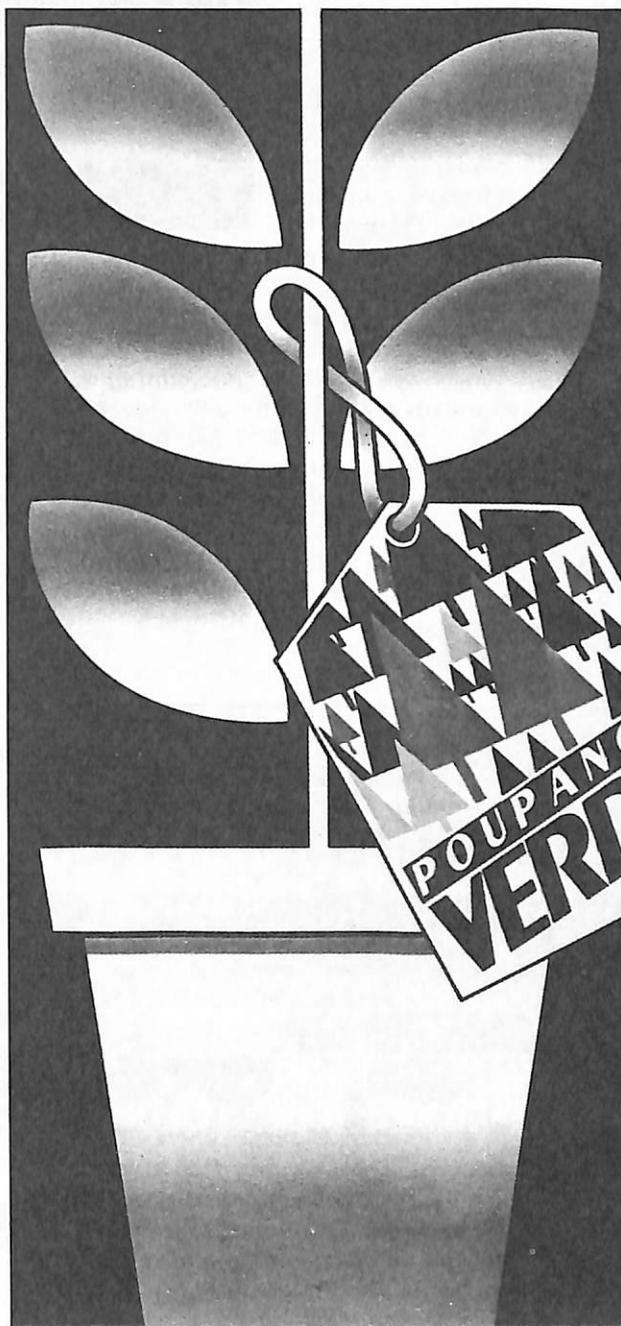
# PLANTE VERDE PARA COLHER MADURO.

Plantar dinheiro sempre foi o sonho de muita gente.

Pois bem. Com a Poupança Verde - Sistema Cooperativo do BNCC, este sonho rende juros e correção monetária de verdade.

É igualzinha às outras cadernetas de poupança, com todas as suas isenções e a garantia (do Governo Federal).

E o melhor é que rende também crédito rural.



Seus recursos financiam os projetos das cooperativas do país.

Na época da sua safra, plante seus lucros na Poupança Verde do BNCC.

E veja o que é colher maduro.

SISTEMA COOPERATIVO  
**BNCC**  
*A força da terra*

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA  
GOVERNO FEDERAL  
TUDO PELO SOCIAL



**APLIQUE SEUS LUCROS NA  
POUPANÇA VERDE DO BNCC.**

# Itamaraty: um gigante que não pára de crescer

Um empreendimento agropecuário gigantesco, encravado no nordeste do estado do Mato Grosso do Sul, ameaça crescer mais ainda. É a Fazenda Itamaraty, do empresário Olacyr Francisco de Moraes, com seus 59 mil hectares. É muita coisa e tudo ao mesmo tempo: destilaria de álcool, aviões e uma frota de centenas de veículos, automóveis, tratores, colhedoras e um centro de pesquisas.

A agrônoma Maria da Graça Ribeiro Fogli começou sua vida profissional há oito anos, tão logo deixou os bancos da Universidade de Viçosa, em Minas Gerais, onde elaborou tese sobre competição de plantas e fertilidade de solo. A “doutora Graça” encontrou em 1980, quando assumiu o laboratório de pesquisas, um território virgem, onde tudo estava para ser feito.

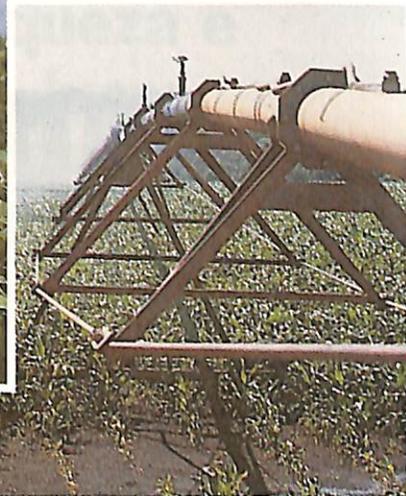
A região próxima a Ponta Porã, on-

de a Itamaraty está instalada, como de resto grande parte do oeste, ainda não tinha estudos sobre desempenho de plantas. A região cultivava materiais precoces, próprios de zona de alta fertilidade, que é o ca-

so dos nossos campos, apresentando um porte muito baixo, mas só foi bem mais tarde que se teve disponibilidade de outros cultivares para avaliação.

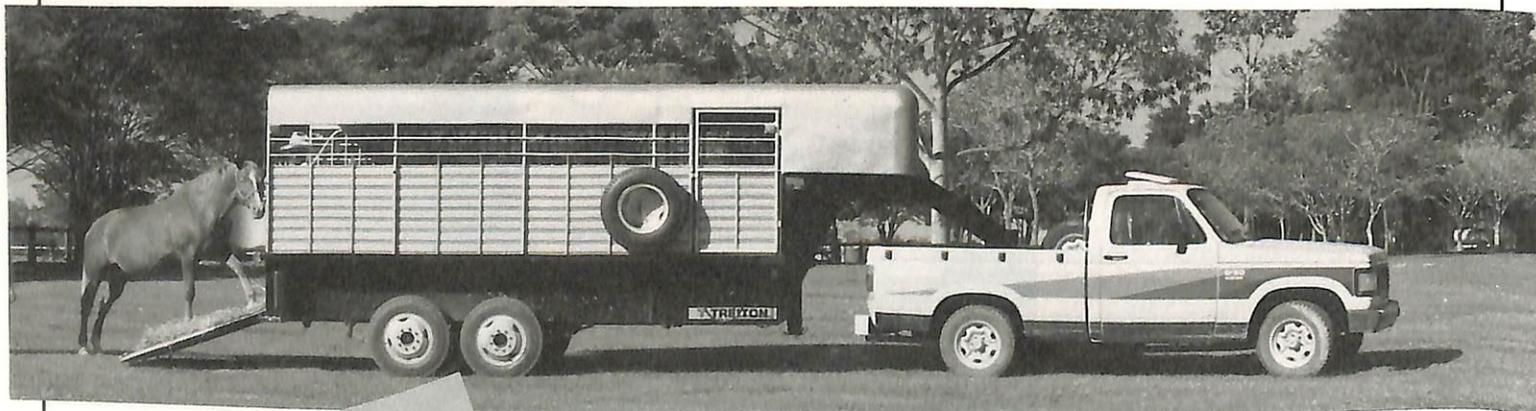
A Fazenda Itamaraty não produz só o combustível que movimenta sua frota de carros leves. Produz também a pesquisa que lhe rende milhões na hora da colheita. E isto se justifica numa propriedade de tamanhas dimensões, pois significa a independência tecnoló-

gica para as lavouras de soja — 34 mil hectares — e de milho — quatro mil hectares —, com produtividade de oito mil e 500 quilos/ha, graças à irrigação por 75 pivôs centrais, capazes de cobrir 118 hectares cada. Esse império de milhares de hectares e pessoas desencadeou um novo projeto: confinar dez mil cabeças de gado nelore x charolês, tendo como fonte básica de alimento o bagaço de cana hidrolisado. □



*Graça: com pesquisa, milho irrigado rende 8.500kg/ha*

## Transporte animais como nos EUA Pick-up e caminhão num só veículo



Ao invés de apoiar a carga junto ao pára-choque, o engate TREITON apóia sobre o centro da suspensão traseira. Desta maneira, a frente da pick-up não levante, fica mais fácil dirigir e a capacidade de carga aumenta.

Consulte-nos

- Uma solução simples, uma opção inteligente.
- Projetado e construído p/transportar seus animais com segurança, agilidade e conforto.
- Projetos específicos p/transporte de eqüinos, bovinos, caprinos e carga seca.
- Capacidade de carga até 4.000kg. Freios próprios.

 **TREITON**

**Treiton Equipamentos de Transporte Ltda.**  
Av. Marginal do Rio Pinheiros, 780  
Fone: (011) 831.6944 - Telex 11 82575  
CEP 05317 - São Paulo - SP

# CAMINHO DA ROÇA.



Esse Interior, onde nasceu e cresceu, o Bamerindus conhece como ninguém.

Foi ali, no dia a dia com o homem da terra, que aprendeu a ter os pés no chão.

E a descobrir novos horizontes, voando alto na direção da tecnologia e da informática.

Afinal, esse também é o destino da agropecuária brasileira: ser moderna e produtiva.

Sem perder o rumo do companheirismo, o Bamerindus se tornou um dos maiores bancos do país.

E tira o chapéu para quem, como ele, seguiu o caminho da roça.



 **BAMERINDUS**  
O banco da nossa terra.

# Aviação agrícola em alta. Venda de máquinas em baixa

Enquanto a aviação agrícola se expande no Centro-Oeste, o produtor não está renovando a contento sua frota agrícola.

**A** aviação agrícola vem acompanhando o vertiginoso desenvolvimento que se apoderou do centro do país. A Agroaérea Teruel, de Campo Grande, por exemplo, vem nesse ritmo de evolução, há 15 anos, quando se instalou na capital sul-mato-grossense. É uma empresa pioneira que já fornece serviços para todo o estado, com escritórios espalhados nas regiões-chave do território. A demanda por este tipo de serviços é crescente, garante Alcides Mariano de Farias, sócio-gerente da empresa.

Com uma frota de dezessete aviões, a Teruel mantém serviços em praticamente todo o Brasil. Entretanto, é na Grande Dourados que se concentra sua maior força de atuação. A clientela atendida já atinge a faixa de 1.500 produtores, pulverizando inseticidas, fungicidas e herbicidas em mais ou menos



*Zambillo: especulação dá sobrevida às máquinas*

350 mil hectares por ano, de arroz, trigo e soja. As adubações foliar e granular ainda não atingiram um número significativo, ficando em 15 mil hectares por ano. Já um número mais ex-

pressivo se refere à semeadura aérea de pastagens, arroz, trigo e aveia, perfazendo 200 mil hectares num ano.

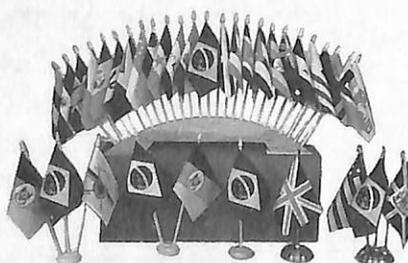
Os benefícios que a aviação trouxe para as lavouras estão mais ligados à eficiência administrativa, pois dão tranquilidade ao produtor quanto ao ataque de pragas e à emergência de ervas daninhas, que podem ser combatidas com maior presteza. As vantagens da aviação agrícola se revelam especialmente nas grandes propriedades, apresentando ganhos indiretos na elevação da produtividade de 20 por cento, já que ela não provoca o amassamento da lavoura.

Segundo Alcides Mariano, 60 por cento das receitas são gastas para cobrir os custos, sendo que o item salário dos pilotos leva a maior parte: 20 por cento. Os preços dos serviços variam de acordo com o tipo de aplicação; contudo, o mais caro é o

## FÁBRICA DE BANDEIRAS PICORAL® LTDA.

48 ANOS DE TRADIÇÃO, QUALIDADE E IDONEIDADE A SERVIÇO DO BRASIL  
BANDEIRAS: NACIONAIS - INTERNACIONAIS - COMERCIAIS

BONÉS PROMOCIONAIS • A MENSAGEM QUE FICA NA CABEÇA



Mastros: Madeira - Ferro - Alumínio  
Flâmulas - Estandartes  
Talabartes - Rosetas - Acessórios

Rua Hoffmann, 301/303 - Fone: (0512) 22-4537  
Telex 515363 - Cx. Postal 747  
CEP 90220 - Porto Alegre - RS

Você entra com a idéia!  
Nós desenvolvemos a arte-final para sua aprovação

herbicida, que custa 1,5 OTN por hectare.

**Máquinas** — A mesma necessidade de lançar mão da aviação agrícola para o controle das lavouras também se observa no que se refere à aquisição de máquinas e implementos, intimamente associada às altas produtividades. A situação atual do crédito rural, porém, este ano inibiu a renovação e compra de maquinário. No próprio Mato Grosso do Sul, onde existem 350 mil quilômetros quadrados de terras agricultáveis, nem 30 por cento estão totalmente mecanizadas. Quem faz estas afirmações é Vicente Luiz Zambillo, dedicado ao comércio de máquinas, equipamentos, peças e serviços em Campo Grande.

“A agricultura não terá maiores progressos se não tiver os meios. Na faixa de aquisição de equipamentos, influem uma política de preços e linhas de crédito especiais com juros diferenciados”, entende Zambillo, para quem a especulação financeira impede a modernização da frota. Em geral, o tempo de vida útil de um trator, por exemplo, é de cinco anos, mas a média da frota se situa em 10 anos.



*Aviação agrícola: eficiência administrativa*

Neste exercício de 1988, na região de Campo Grande, o estado do Mato Grosso consumiu 11 tratores de esteira, para uma previsão de vendas de 200 máquinas, disse Zambillo. Nas previsões do empresário, há possibilidade do desenvolvimento de uma indústria de celulose, com o que haverá grande demanda por máquinas. Segue o setor rodoviário, que deverá aumentar sua necessidade de máquinas e equipamentos, puxando para cima a demanda por equipamentos, tanto para a instalação

quanto manutenção das rodovias.

O empresário lembra que o desenvolvimento da agricultura no Mato Grosso do Sul já teve como consequência a instalação de meia-dúzia de empresas na área de esmagamento e transformação de matérias-primas produzidas nas várias regiões. “Este movimento”, sublinha ele, “vai estimular o nascimento de um parque industrial para a fabricação e montagem de máquinas no próprio Mato Grosso do Sul, garantiu Vicente Zambillo.

## CONSÓRCIO NACIONAL CATERPILLAR

# A maneira mais leve de comprar o seu equipamento pesado.

Conheça as vantagens em seu Revendedor Caterpillar:

**B** BAHEMA  
BA-SE-MA-PI

**F** FIGUERAS  
RS-SC

**L** LION  
SP-MS-MT-RO  
AC-AM-RR

**M** MARCOSA  
CE-RN-PB  
PE-AL

**P** PARANÁ  
EQUIPAMENTOS  
PR

**S** SOTREG  
RJ-ES-MG  
GO-PA-AP

CATERPILLAR, CAT e  são marcas da Caterpillar Inc.

# A cana vira álcool, e o bagaço vai pro boi

**A** competitividade das lavouras do Centro-Oeste brasileiro depende cada vez mais da aplicação generalizada de tecnologia. Verdadeiras frotas aeroagrícolas e terrestres são mobilizadas em tempo recorde para o preparo e cultivo das terras. É o caso da Companhia Agrícola Sonora e Rio Corrente Agropecuária, situada no extremo norte do Mato Grosso do Sul, que fez investimentos pesados para a exploração de um canavial de 12 mil hectares, mais 10 mil e 200 hectares de soja, e uma pretensão: engordar cinco mil cabeças de gado em regime de confinamento e 10 mil cabeças a campo, tudo isso numa propriedade de 29 mil hectares.

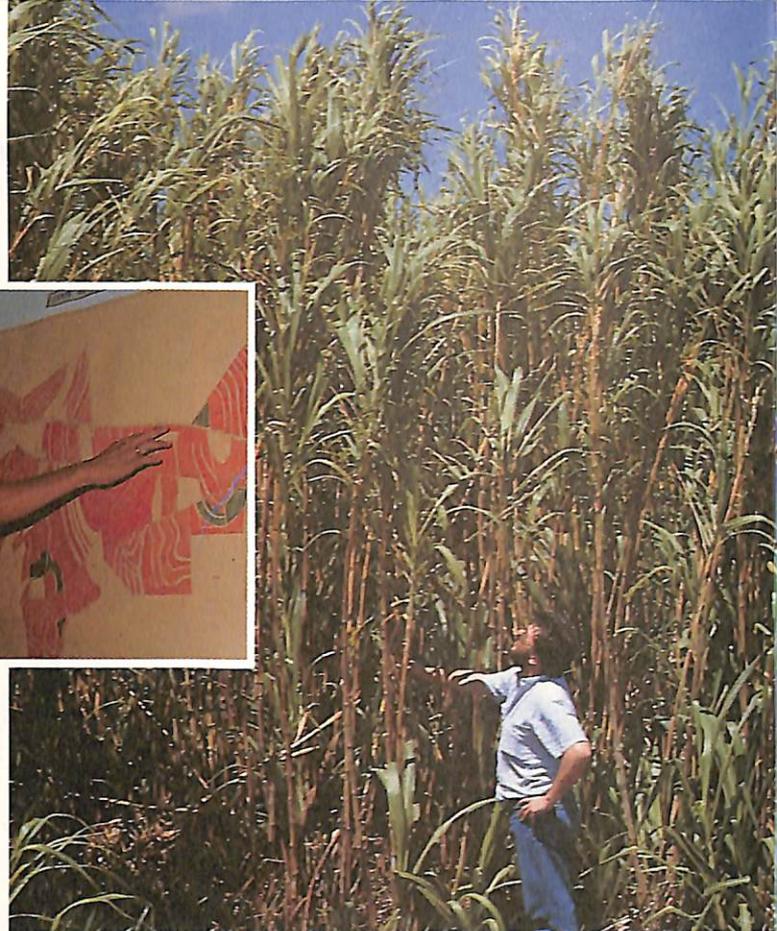
Essas informações quem presta é o assistente agrícola da Sonora, Edsom Mello Oliveira, responsável pelo setor de administração das lavouras, da empresa dirigida por Francisco Góbbi, no escritório de São Paulo.

Com a produção de cana, a Sonora industrializa no próprio local 40 milhões de litros de álcool por ano, devendo atingir na próxima safra os 50 milhões de litro do combustível. Possui uma capacidade estática de armazenagem para cinco milhões de litros de álcool, distribuídos em seus reservatórios, sendo que a Petrobrás é a única compradora da produção.



O empreendimento nasceu há nove anos e hoje conta com 500 empregados fixos e 700 trabalhadores flutuantes, população que foi capaz de dar origem a uma nova cidade, que, aliás, emancipou-se recentemente. A maioria dos funcionários atuam no canavial, cuja safra se estende de março a novembro.

Depois de implantado, o canavial pode sofrer corte durante cinco anos, quando a lavoura deve ser desmanchada e substituída pela cultura da soja. Por enquanto, o bagaço e o vinhoto



*Mello: estes 12 mil hectares de cana vão alimentar cinco mil cabeças em confinamento*

são devolvidos à lavoura como fertilizante, mas no futuro o bagaço da cana será usado na engorda de animais. Os custos de produção da cana se concentram mais na adubação de preparo da “soqueira” com NPK 10-05-30 em geral, além de 350 quilos por hectare de cloreto de potássio e três toneladas e meia de calcário por hectare como medida de manutenção, que, aliás, vem diminuindo de volume ano a ano, observa o administrador Edsom Mello Oliveira.

A área de soja ocupa 10 mil e 200 hectares, apresentando um rendimento médio de 41 sacos por hectare e uma produção total de 400 mil sacos por safra. Segundo Edsom, o custo de produção consome o equivalente a 16 sacos. O resto é lucro da empresa, garante ele, calculando ainda.

Para garantir o trabalho na lavoura, a Companhia Agrícola Sonora mantém no parque de máquinas 30 caminhões para o transporte da cana, com capacidade de carga de 16 toneladas, inclusive com alguns veículos com tração também no “truque”, e ainda 40 tratores de esteira, patrolas e pás carregadeiras, além de seis colhedoras, que trabalham duramente nos períodos de safra. □

## Broca não tem vez na Sonora

*Na cultura da soja, os tratamentos culturais não oferecem problemas. Porém, o cultivo da cana exigiu a instalação de um laboratório para a produção de um inseto conhecido por apantelles, para o combate à broca da cana. No local trabalham 20 pessoas, sob a coordenação de Maria Alaide Oliveira Chaves. É que o mosquito apantelles é o inimigo natural da mariposa, fase final da metamorfose da lagarta.*

*O apantelles é criado no próprio laboratório, onde recebe uma dieta especial à base de gérmen de trigo, farelo de soja, ácido ascórbico e ácido acético. Os mosquitos são produ-*

*zidos e guardados em recipientes de plástico, onde cabem centenas deles. O único trabalho é liberar os insetos no meio do canavial. Enquanto as fêmeas põem ovos sobre as crisálidas, contaminando-as com o vírus natural, o apantelles macho pica a broca, transmitindo diretamente o vírus à praga.*

*Segundo Maria Alaide, a eficiência do tratamento é garantida e não provoca nenhum tipo de envenenamento, mesmo porque não existe outra maneira de contornar esses ataques, a não ser através da inoculação do vírus nos mosquitos e da sua liberação no meio do canavial.*

**D**o primeiro beijo, a gente nunca esquece.



CD-43

**C**arinho. Proteção. Natureza. Quando você usa Decis no café, é com isso que você se depara. Além de respeito. Inovação. Evolução. Solução. Decis é colheita farta. É o vôo livre ao natural. Ao verde. Com a emoção da pureza. Com a emoção do primeiro beijo.



**DECIS. AS PRAGAS SOMEM.  
A NATUREZA FICA.**



**decis**<sup>®</sup>  
A decisão segura.

# Maior esforço é na alimentação

Missão do CNPGC, da Embrapa, é criar opções mais baratas de alimentação do gado. Mas a grande novidade é na área de saúde, com o lançamento da vacina contra a tristeza

**A**tualmente, a pesquisa de gado de corte no Brasil despende seu maior esforço na área de alimentação, onde são gastos 70 por cento dos recursos. O objetivo é a produção de carne pelo menor custo, tendo em vista o baixo poder aquisitivo da população. E a maneira mais barata de produzir carne é em regime de pasto, onde já se conseguiu obter melhoras sensíveis de produtividade, conforme explica Ivo Martins Cezar, diretor do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, da Embrapa, em Campo Grande.

Essa é a missão do CNPGC, tendo à mão um Brasil tão diversificado e com situações muito particularizadas, onde se deve formular sistemas mais produtivos para a pecuária. Porém, o alto custo das terras torna cada vez mais impossível a criação extensiva, lembra Ivo Martins. O período médio cíclico necessita de quatro anos para a produ-

ção de uma fêmea, e mais quatro anos para o preparo do bezerro até o abate.

Para Ivo Martins, a adoção do regime de confinamento não resolverá o problema da pecuária, a longo prazo, pois se trata de uma sistemática de produção que atua somente na ponta, e não na base do processo. "Trabalhar na base significa fazer a vaca parir e manter o terneiro. Não há dúvidas que isso é possível, porém toda iniciativa esbarra na questão administrativa, cujos recursos ainda são deficientes na pecuária, surgindo problemas de gerenciamento."

Para reduzir o ciclo de produção, é preciso diminuir a idade à primeira cria, antecipando em um ano a idade do boi ao abate. Mas, para conseguir esse objetivo, é preciso melhorar a alimentação, bem como o padrão zootécnico e a saúde do rebanho. Dentro deste contexto, o Programa Nacional de

Pesquisa de Gado de Corte desenvolve 170 projetos, mantendo inclusive uma fazenda-modelo como campo de experimentações.

As tecnologias geradas na Embrapa são de aplicação generalizada, como é o caso da pastagem, onde já se desenvolveu 426 ecotipos do gênero *panicum*, e 300 ecotipos de braquiária. Somando uma coleção de centrosemas, esse número sobe para 800 ecotipos. Aliás, a centrosema é uma leguminosa que dará condições para a produção de forrageira apropriada para as zonas tropicais. Essa coleção de variedades foi desenvolvida a partir de trinta ecotipos existentes, sendo, por isso, uma das mais significativas vitórias, lembra Ivo Martins Cezar.

No aspecto da sanidade, a preocupação é com as parasitoses: endo, ecto e hemoparasitas. Por sinal, a última conquista é a vacina contra a tristeza para-

*Ivo Martins: a longo prazo, confinamento ainda não resolve*





*No Pantanal, rebanho bovino encolhe e se adequa à realidade*

sitária bovina, desenvolvida pelo cientista Raul Henrique Kessler, como um produto acabado, já em negociações com a iniciativa privada para industrialização e repasse aos produtores.

O trabalho com pastagens busca prioritariamente a recuperação e criação de alternativas para os Cerrados. Nas zonas onde o pastoreio foi mais intenso, a recomendação é a introdução de lavouras anuais, a exemplo do arroz e da soja, para o posterior aproveitamento dos resíduos deixados por estas lavouras. O campim marandu é uma

das aquisições do Centro, e recém foi lançado. Foi cultivado em mais de 500 hectares, mostrando uma sólida resistência ao ataque da cigarrinha, um inseto que costuma destruir o pasto.

Na área de reprodução, a ênfase dos trabalhos do Centro versa sobre dois assuntos, a saber: melhoramento zootécnico de rebanho e desenvolvimento de programas de cruzamentos industriais. O trabalho de melhoramento do rebanho pretende analisar os dados de desenvolvimento dos reprodutores, com o objetivo de oferecer uma apre-

ciação dos mesmos em relação aos seus filhos — “em outras palavras, um ranking de touros”, sublinha Ivo Martins Cezar.

A segunda linha de pesquisa do CNPGC aborda a técnica dos cruzamentos, considerada uma etapa para quem já resolveu os problemas de base — quer dizer, reprodução, repetição de crias, alimentação. “E não só do ponto de vista do domínio das técnicas do criatório, como também de aspectos do gerenciamento, dito fundamental”, salienta o diretor do Centro.

Para Ivo, a parte mais sensível do sistema é a comercialização. Na sua opinião, há um direcionamento contraditório no mercado, que faz com que o produtor se desfaça de seus estoques quando os preços estão em baixa. Esse é o ritmo normal dos ciclos da pecuária, onde se acusa, nos oito anos de sua duração, os altos e baixos próprios do sistema. Porém, o produtor que se dispuser a diminuir em um ano o período de apronte de seus animais poderá aparecer mais vezes quando a onda estiver em alta, “com a vantagem de diminuir o capital de giro, que passa a circular mais rapidamente”, conclui ele.

# Ideal. A máquina pra quem não sabe perder.

Ela tem um exclusivo sistema de retrilha independente que proporciona grãos mais perfeitos.

A Ideal também sai ganhando no descarregamento.

O tubo é horizontal, com maior altura, que descarrega os grãos em carretas de grande porte em qualquer posição.

Escolha uma Ideal no seu revendedor: 1170DS ou 1175DS. Ou procure saber a opinião de quem já tem uma.

É bom conversar com quem está acostumado a ganhar sempre.

MÁQUINAS AGRÍCOLAS



**INDÚSTRIA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS IDEAL S.A.**  
Rodovia RS 344 - km 1  
Caixa Postal 68 - 98.900  
Santa Rosa - RS - Brasil

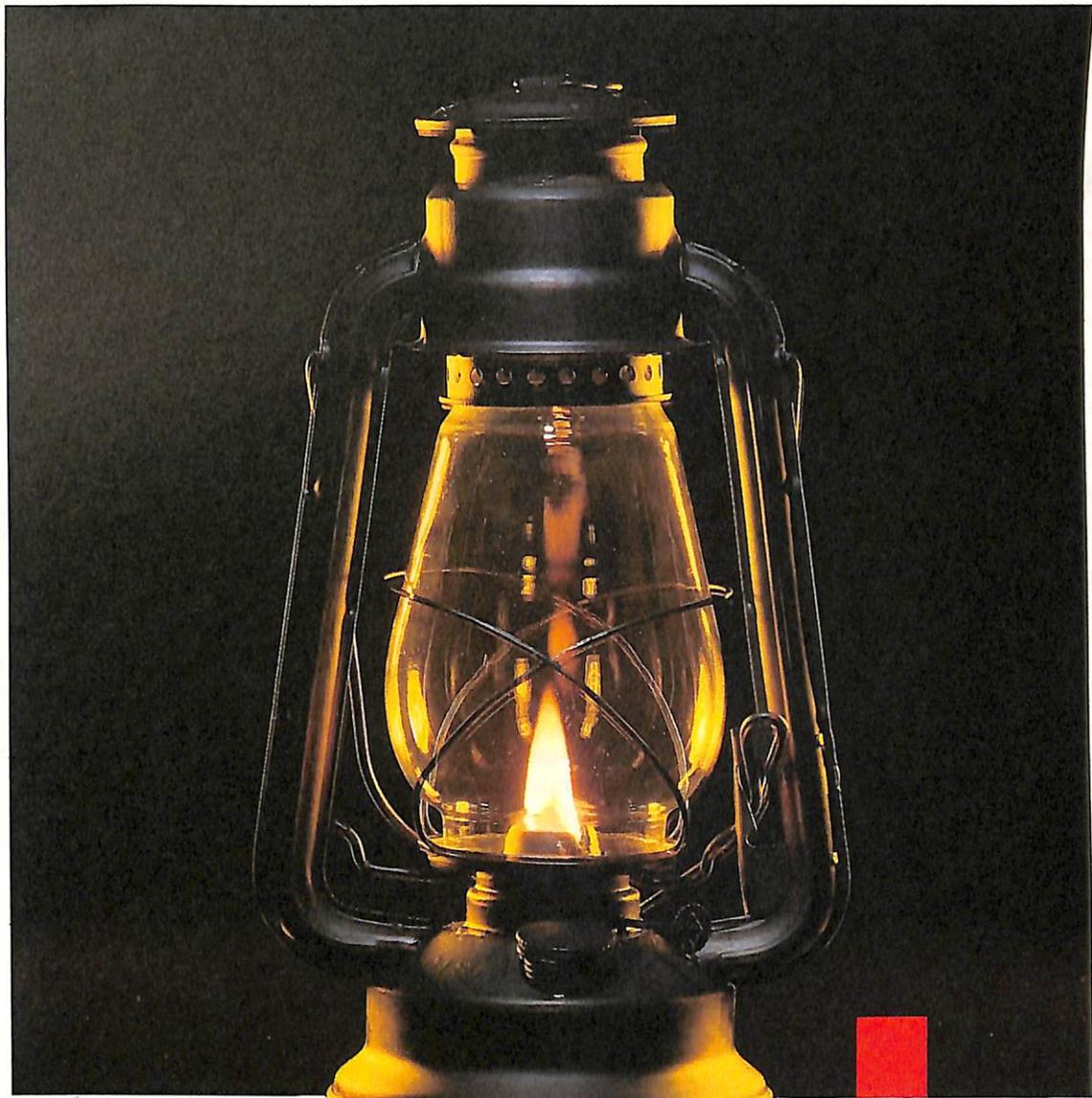
**Quem tem uma Ideal só entra em campo pra ganhar.**

No próximo número:

**Edição de Aniversário**

**“O que mudou e  
o que vai mudar  
na Agropecuária  
Brasileira.”**

**Para Ler, Releer  
Consultar e Guarda**



**a granja**  
**45 anos**

---

**DE PERMANENTE RENOVACÃO**

**r.**

# Em Terenos, a pecuária como deveria ser

A pesquisa em bovinocultura dos trópicos ganhou uma nova dimensão quando o Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte — CNPGC instalou a Fazenda Modelo no município de Terenos, em 1983. Nesses anos de trabalho, muita coisa ficou evidente para o pesquisador Eduardo Simões Correia, responsável pelo experimento, porque o local retrata as características de cerrado e campo limpo, onde predominam a cria, recria e engorda. A tecnologia é simples e facilmente adaptável às fazendas da região.

Trata-se de um modelo físico de produção em que se testam as tecnologias existentes, a fim de detectar defeitos e corrigi-los. As técnicas aprovadas em campo são transferidas aos produtores através da extensão rural.

O trabalho começou com 150 matrizes melhoradas de cinco e seis anos de idade e de seis touros nelore controlados. As expectativas de estabilização do rebanho em 332 cabeças em



Simões: mais produtividade com menor custo

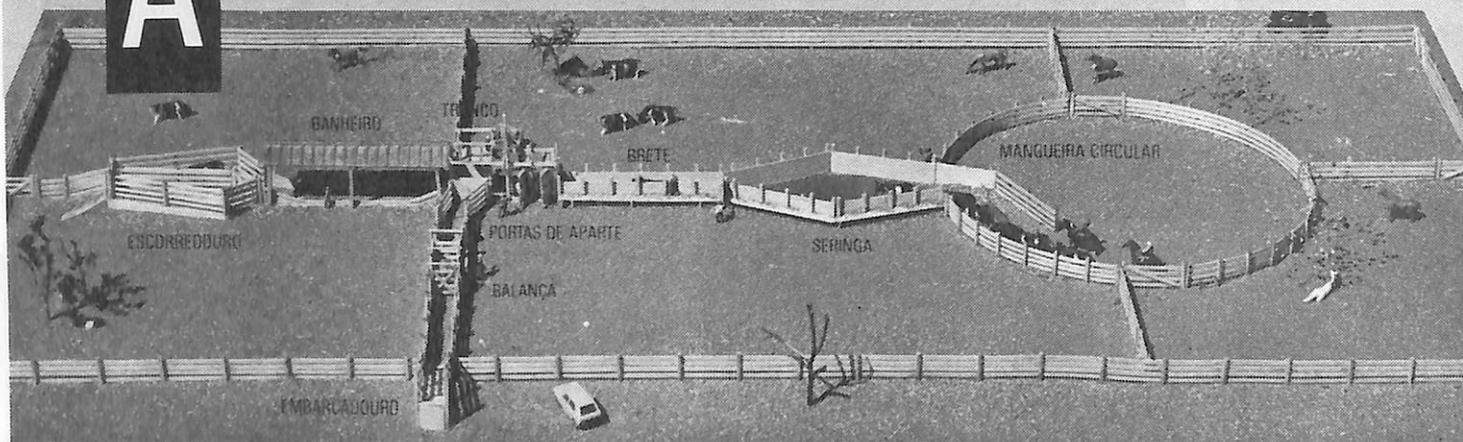
1985/86 foram amplamente superadas, mostrando que o índice de desfrute pode chegar a 20 por cento, lembra Eduardo Simões.

O pesquisador atribui essa elevação da produtividade às boas condições de pastagens, à suplementação mineral nas quantidades certas, tratamento sanitário rigoroso, tudo isso submetido a

uma administração eficaz. Com isso, foi antecipada a idade à primeira cria e reduzida a idade em um ano. Também as taxas de natalidade se elevaram dos 55 por cento, que é a média nacional, para 96,9 por cento, o suficiente para o produtor recuperar o fôlego e continuar na produção de carne, avalia o pesquisador. □

# A

## MUTTONI REALIZA SEU SONHO DE ONTEM



## AMANHÃ DE MANHÃ.

AS INSTALAÇÕES COMPLETAS **MUTTONI** OFERECEM QUALIDADE, RAPIDEZ E SEGURANÇA NO MANEJO COM BOVINOS, EQUINOS E OVINOS.

TODOS OS ARTIGOS SÃO CONSTRUÍDOS

EM MADEIRA DE LEI TRATADA. ASSESSORAMENTO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

PROJETOS ESPECIAIS - MONTAGEM E INSTALAÇÃO EM TODO O BRASIL.

**GUSTAVO MUTTONI & CIA LTDA.**

Rua Porto Alegre, 120 - km 285 - BR 116

Tel.: (0512) 80-1533 - 80-2764

Caixa Postal 86 - CEP 92.500 - GUAÍBA - RS



TRADIÇÃO MUTTONI DESDE 1879

# Com os olhos para o futuro

**A** Fazenda Itamaraty se situa nas terras da histórica Companhia Mate Laranjeira, outrora pertencente a Francisco Mendes Gonçalves e Tomás Laranjeira, que ali se instalaram em 1851. Dona Elza Passos é descendente do pioneiro Francisco Gonçalves e mantém ainda 34.600 hectares da fazenda. A antiga casa dos fundadores, na região de Bela Vista, a 450 quilômetros de Campo Grande, ainda se mantém firme, como de resto os negócios da Fazenda Margarida, sucessora da empresa.

Dona Elza é quem toma conta dos negócios da Fazenda, que há dez anos vem transformando velhas estruturas para acompanhar seu tempo. Essa é uma preocupação secundária em termos de Mato Grosso do Sul, conforme entende Sebastião de Oliveira Lima, presidente da Associação de Criadores do Mato Grosso do Sul (Acrissul), de Campo Grande, para quem o Estado pode se considerar moderno, pois, afinal, saiu praticamente de zero há não mais de 20 anos.

Dona Elza sentiu necessidade de remodelar a fazenda, para melhorar a competitividade do seu produto. Contratou o veterinário Luiz Fernando Nasser, que se deparou não com um problema técnico, que deste tipo tinha muitos, e sim com a resistência cultural das 60 famílias que residem na fazenda, algumas delas já na quarta geração. Não faz muito, conta Dona Elza, era costume cravar uma taquara no campo, com uma garrafa emborcada na ponta, com o objetivo de prevenir ou curar a aftosa. É de imaginar o espanto, a admiração e a in-

credulidade quando o povo local vê Luiz Fernando Nasser medindo o perímetro escrotal dos touros e mandando para a faca animais que costumavam cobrir o rebanho. Afora isso, a mineralização passou a ser administrada com maior eficácia a partir de análise do teor de nutriente nas plantas.

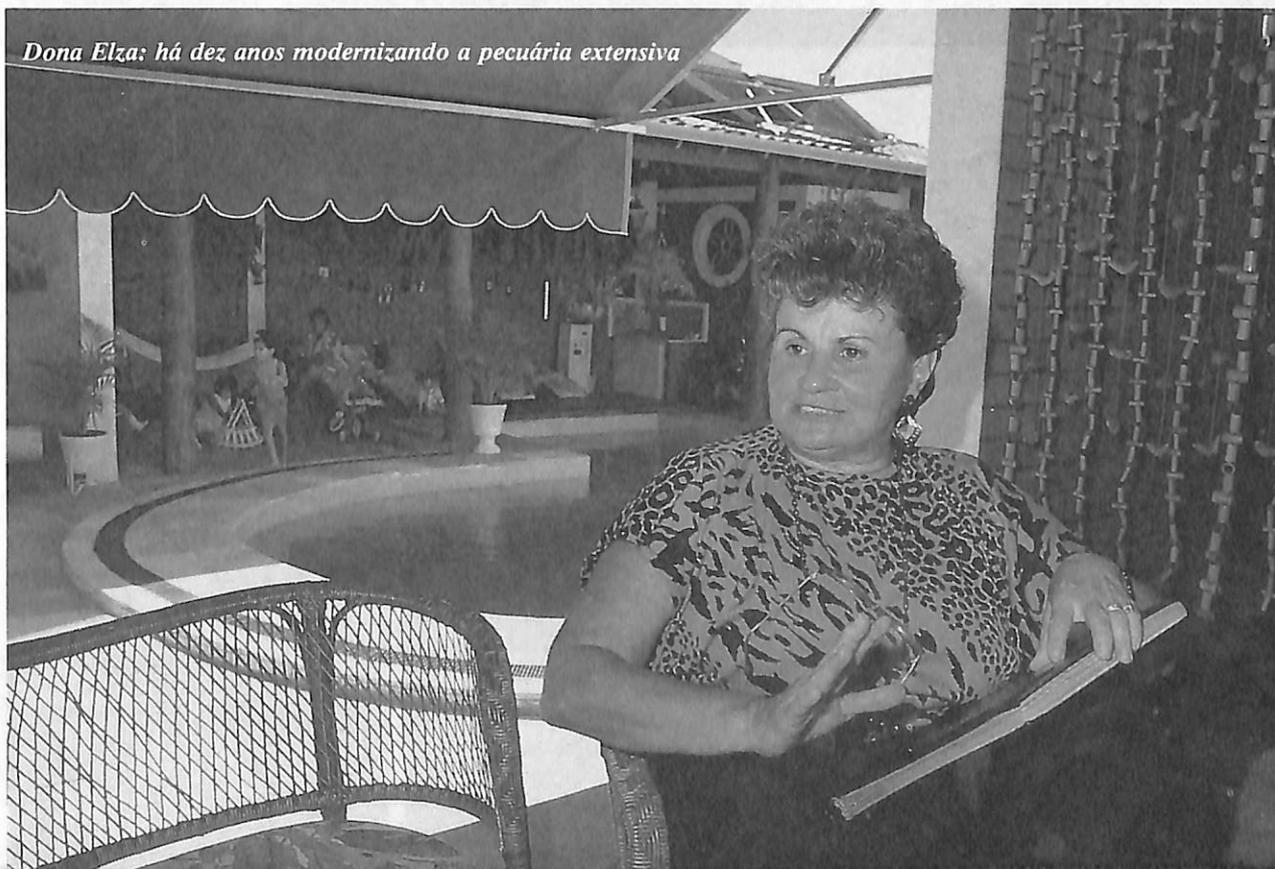
Aumento de produção é a palavra-chave da empresa, que Luiz Fernando mantém com dois sócios. E foi o que fez na Fazenda Margarida, reconsiderando alguns métodos utilizados, conservando outros, por ainda se prestarem, pelas características da propriedade. Um programa mínimo casou a produção com um cronograma de vacinações e tratamentos gerais. E se a modernização é fundamental para continuar no mercado, a Acrissul não tem feito outra coisa do que estender serviços por todo o interior do estado, principalmente nas fazendas do Pantanal, carente de estradas. O presidente Sebastião Oliveira informa que a Associação mantém uma central de rádio, ligada a dez estações, prestando serviços a 378 fazendas localizadas em zonas inacessíveis.

A Associação faz quase o papel de

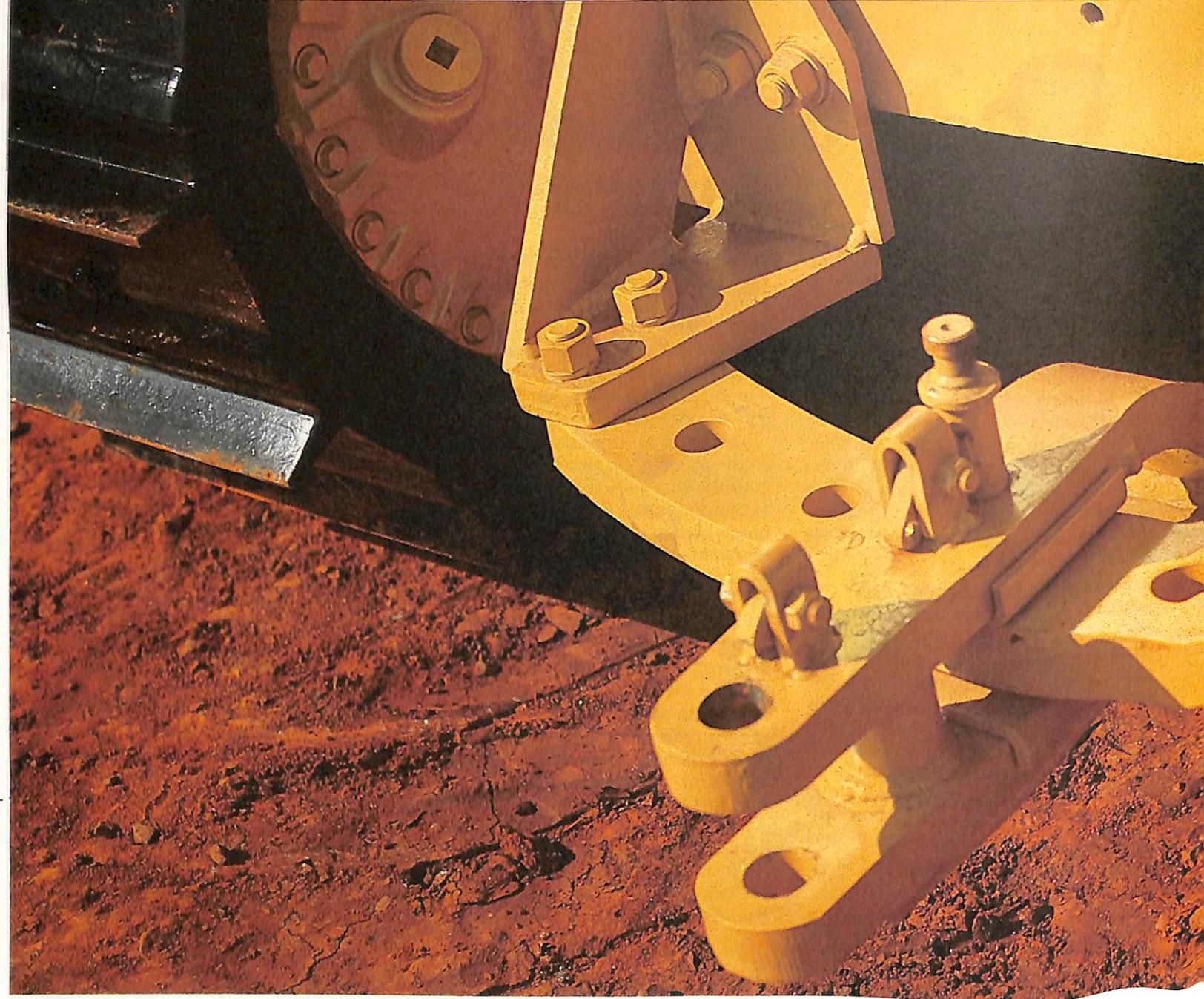
cooperativa, pois possui veterinários para atendimento nas propriedades, no fomento à inseminação artificial, que por sinal já atingiu cinco mil vacas de leite. O melhoramento do gado de corte, de outro lado, está baseado num programa de trocas de touros novos por reprodutores velhos, especialmente para os produtores de menor poder aquisitivo.

Sebastião Oliveira atribui a modernização da pecuária no Mato Grosso do Sul à introdução do nelore e do capim braquiária, que se adaptaram perfeitamente ao Brasil Central. Além disso, a Acrissul tem um trabalho de controle zootécnico, com a Associação Brasileira de Criadores de Zebu, pertencendo ao Estado o maior número de registros. A elevação da qualidade dos animais ficou demonstrada quando o rebanho do Mato Grosso do Sul bateu o recorde de peso médio ao abate, se constituindo no maior exportador de gado gordo do país.

A modernização da Fazenda Margarida, na verdade, começou há dez anos, quando ela fechou acordo com três famílias de agricultores gaúchos para o desbravamento de algumas áreas. No contrato, fica explícito que a área a ser trabalhada é de mil hectares, que depois de quatro anos de cultivo, sem outro ônus qualquer, são devolvidos com pastagens cultivadas. Com esse sistema, Dona Elza já incorporou seis mil hectares de pastagens aos cam-▷



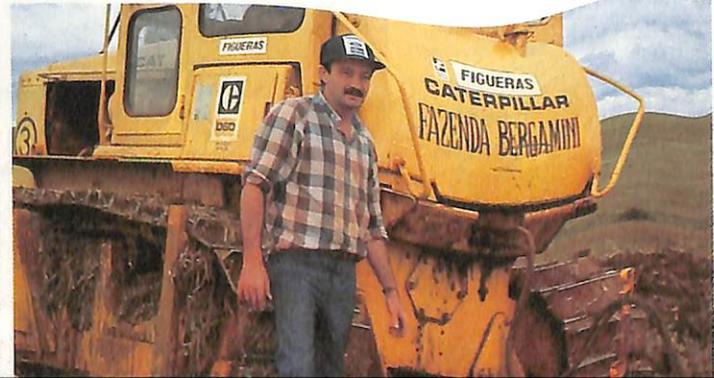
*Dona Elza: há dez anos modernizando a pecuária extensiva*



# TRAÇÃO: A NOSSA

A potência no volante do motor que é anunciada pelos diversos fabricantes de tratores para uso agrícola pode ser confundida com aquela disponível para tração de implementos. Nada mais enganoso. A perda de potência entre a disponível no volante e a efetivamente utilizável na barra, devido em grande parte à patinagem, nos tratores de pneus pode chegar a até 50 por cento. Já nos tratores de esteiras as perdas são bem menores e pouco variam em função das condições do solo pois, ao se deslocar sobre a plataforma de aço formada pela esteira, os efeitos da patinagem e da resistência ao rolamento praticamente inexistem.

*Conheça as vantagens*  
*do*  
**CONSÓRCIO NACIONAL**  
**CATERPILLAR**



NORTON



# GRANDE ATRAÇÃO.

Estudos realizados pela Universidade de Oklahoma nos E.U.A. estabeleceram a Regra 0,86 que determina, de forma científica, as perdas de potência nos tratores de pneus. Um motor que desenvolve 95 HP no volante, em uma máquina de rodas transmitirá apenas 45 HP de potência efetiva para a barra de tração em operação sobre solo solto.

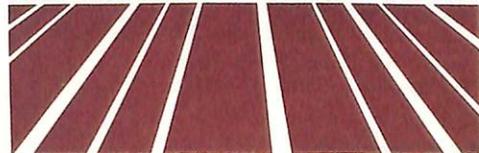
Nos tratores de esteiras, tomando como exemplo o D4E SA da Agroline, e segundo os mesmos estudos, os 97 HP no volante irão gerar uma potência efetiva na barra de tração de 74 HP, isto é, mais de 50 por cento acima da disponível na máquina de pneus do mesmo porte. **Com o mesmo consumo de combustível.**

E é claro que maior potência na barra de tração significa melhor e mais rápido trabalho no solo, com implementos maiores e com maior peso por disco, e tudo a que você tem direito quando prefere um trator Agroline.

*"Tenho o D6D SA Caterpillar e também tratores traçados, por isso posso sentir as diferenças de cada um no dia-a-dia. Por exemplo: nos trabalhos que exigem grande força de tração, utilizo sempre o D6. Sem desmerecer os traçados, com Caterpillar a gente sabe que pode esperar um trabalho mais econômico e melhor realizado. É mais máquina."*

*Roberto Bergamini - Erechim, Rio Grande do Sul.*

## AGROLINE



## CATERPILLAR

Mais força a seu lado

CD-12

pos nativos de melhor qualidade. O setor de agricultura da Fazenda Margarida não é menos importante, particularmente pelos 60 mil pés de mandioca cultivados anualmente para o consumo dos empregados.

### *O boi criado na região é o mais barato do mundo*

A experiência de Dona Elzá, como administradora da Fazenda, a qualifica para proferir palestras sobre direitos sociais e legislação trabalhista rural. Todas as segundas-feiras, se realiza uma reunião técnica com a participação da Universidade e da Embrapa. Nas sextas-feiras, um produtor conta suas experiências, e no primeiro sábado do mês é a vez do Recampo — reunião de dia-de-campo, na propriedade de um associado que tenha um trabalho diferente para mostrar.

De tudo que se fala nas reuniões, existem algumas coisas que não podem ainda ser usadas nas fazendas do Mato Grosso, em função das caracte-



**Sebastião Oliveira: nelore e braquiária trouxeram a evolução**

rísticas das propriedades. O cruzamento industrial, por exemplo, Sebastião só recomenda para propriedades pequenas, por causa do controle — que fica difícil de ser feito —, já que a monta natural é o método mais comum.

De qualquer forma, o boi criado na região é “boi de capim”, que trocado por dólares é o mais barato do mundo, embora os baixos salários impeçam que o consumo *per capita* se eleve.

O mercado sem dúvida é o ponto crucial da pecuária, que hoje, mais do que nunca, busca o aumento de produção. O dirigente da Acrissul, Sebastião Lima, vê com muito otimismo todo o desenrolar da pecuária nos últimos anos. Primeiro, porque o setor foi um dos que mais cresceu no Brasil Oeste, com seus 46 milhões de cabeças, cabendo ao Mato Grosso do Sul nada menos do que 19 milhões de reses. Ele vê o outro lado desta questão, que só tem um nome: mercado mundial.

Até 1979 o Brasil era um país importador de carne bovina. Em 1985, o quadro foi totalmente invertido, de tal sorte que o Brasil se colocou no segundo lugar entre os maiores exportadores da proteína vermelha. Com o plano Cruzado, a coisa desandou, pois o mercado externo foi fechado aos pecuaristas. E pior, para eles, foi a entrada de 470 mil toneladas de carne de vaca, que veio competir com o produto nacional, aprisionado dentro das fronteiras.

Nessa época, recorda Sebastião Oliveira, que é vice-presidente do Conselho Nacional de Pecuária de Corte — CNPC, a Comunidade Econômica Europeia possuía quase um milhão de toneladas de carne bovina, provenientes de um programa que visava controlar a superprodução de leite, decorrendo

daí um abate de gado de leite, principalmente na França e Alemanha.

Os estoques da Comunidade Econômica Europeia, hoje, não são mais do que 280 mil toneladas, que já entraram para o consumo dos países europeus. Isso coloca a Europa como franca compradora de carne em 1989, afirma o presidente da Acrissul, acrescentando que outros mercados como o do Japão e Rússia poderão ser alternativas para a exportação de nosso produto.

Para continuar crescendo, o Mato Grosso do Sul pede que a intervenção do governo seja para proteger o consumidor na época da entressafra, enquanto o produtor precisa de apoio oficial na época da safra — outubro em diante, quando o preço da arroba do boi é irrisório. O sistema que os produtores usam para defender seus interesses, por culpa da falta de um programa nacional de produção, advém de um contra-senso da política do setor, que viola um direito social ao deixar evaporar no mínimo uma arroba. “O governo deveria guardar essa arroba de boi no frigorífico e, se não quiser vender, que doe à população”, exclama o fazendeiro.

O vice-presidente do Conselho Nacional de Pecuária de Corte acredita que o aumento da produção deve vir primeiro da expansão horizontal da criação, pois há campo para ser desbravada, com o que se poderia duplicar ou triplicar a oferta de carne, usando o seguinte argumento: “Temos que ocupar as partes altas do Pantanal, que, se os falsos ecologistas não atrapalharem, nós vamos transformar no maior centro de engorde do mundo. O Pantanal no Mato Grosso do Sul possui vastas áreas que não inundam, são cobertas de um cerrado muito pobre, de tal modo que a vida silvestre não se desenvolve no local, por falta do que comer, o que mudaria expressivamente caso ali fosse cultivada uma pastagem”, conclui ele.

### **TURBOMAQ MAQUIGERAL A MELHOR MÁQUINA PARA IRRIGAÇÃO FABRICADA NO BRASIL**



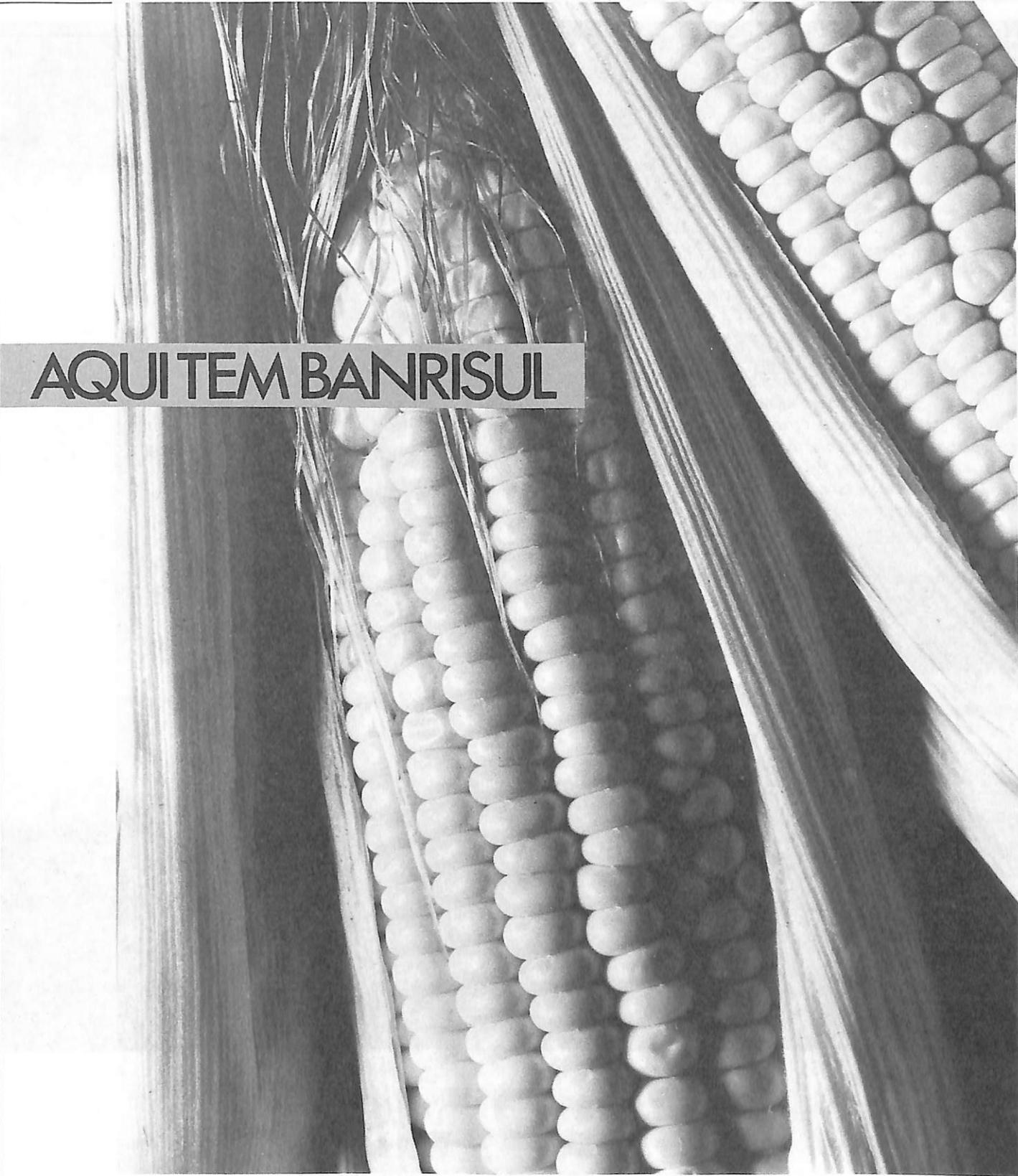
- Irrigação e fertirrigação (inclusive vinhaça)
- Tubos, conexões, aspersores, motobomba diesel e elétrica, montagem direta, etc.
- Projetos e orçamentos

Fabricante:

**Battistella Ind. e Com. Ltda.**

Empresa do Conglomerado Battistella

Rua Frei Orlando, 1453 - Fone: (041) 262-4323  
CEP 82500 - Curitiba - PR



**AQUI TEM BANRISUL**

Quem olha os nossos campos, as nossas lavouras e a nossa agricultura pelas coxilhas do Rio Grande, pode não saber, mas está vendo o Banrisul.

Porque ele não é um simples banco. É o agente financeiro, um banco social que aplica, segura, investe e financia a economia gaúcha. Assim como apóia a nossa agricultura, com o Crédito Rural.

Onde tem Banrisul, tem a semente do desenvolvimento.

**banrisul**  
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S. A.



GOVERNO DO ESTADO  
DO RIO GRANDE DO SUL - 1988



# O PARAÍSO NÃO PODE ESPERAR

O Pantanal, rico em recursos naturais, exige com urgência um modelo agrícola diferenciado que contemple a região com a infra-estrutura básica necessária ao desenvolvimento e fortalecimento de sua economia

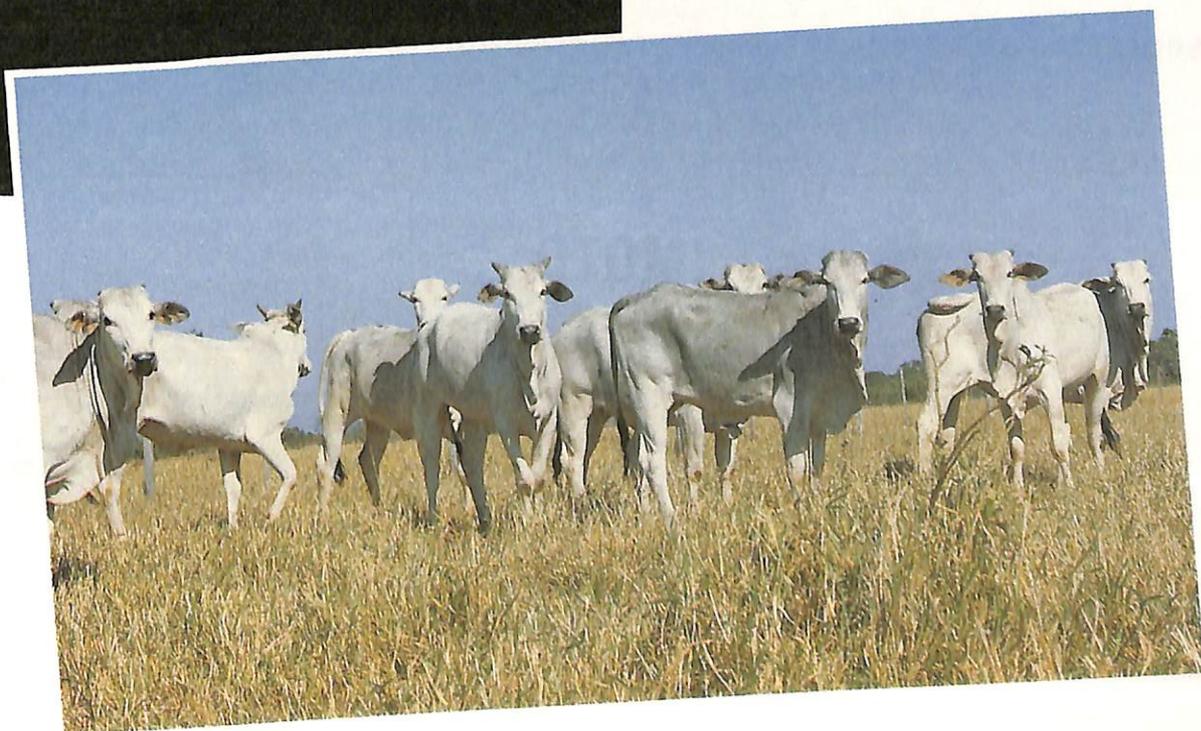


Uma visita ao Pantanal é uma experiência que jamais se apaga na memória, tal é a multiplicidade de sons, cores, formas e movimentos que se confundem numa exaltação da mais pura vitalidade. Este é o espetáculo da natureza que eternamente se renova e se oferece gratuitamente aos olhos do visitante atônito, que não pode conter a emoção de conhecer um dos redutos onde o paraíso não deixou de existir.

É uma vasta região que compreende parte do Paraguai, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, preenchendo 400 mil quilômetros quadrados — dos quais 230 mil em terras brasileiras. Sua importância tem crescido ultimamente, sendo uma das frentes de luta de maior empenho dos movimentos ecológicos.

Por seus próprios meios, a região vem mantendo um ritmo de desenvolvimento baseado na equilibrada convivência dos bovinos com a onça, o veado, a ema e o tuiuiu. A pecuária é o suporte econômico que dá sustentação a praticamente todo o Pantanal. Porém, a forte descapitalização que atinge o criatório extensivo está obrigando os fazendeiros a repensarem seus negócios, visando urgentemente aumentar a produtividade do rebanho.

A par disso, são levantadas questões do mais variado caráter, colidindo opiniões tão opostas como as dos desenvolvimentistas e conservacionistas. O fato é que a região não poderá continuar na estagnação em que se encontra e buscará seus caminhos, mais do que nunca agora, quando o Congresso se prepara para regulamentar o projeto do parlamentar Jonas Pinheiro, que transforma o Pantanal em patrimônio nacional. Os pantaneiros querem estradas para escoar a produção das fazendas, que hoje só mantém comunicação por rádio ou avião. Querem condições para investir, e que as riquezas geradas sejam aplicadas especialmente na estruturação da economia local e fiscalização do turismo no Pantanal.





## “Seu” Paulo: contra as lendas e fantasias

O pantanal mato-grossense é um dos recantos do planeta que oferece o mais completo espetáculo da natureza, na sua própria dinâmica de equilíbrio. A despeito da ocupação territorial, sobrevive, revelando incessantemente os seus segredos mais ocultos. As informações sobre a região dão conta muito mais dos problemas ecológicos, muitos deles decorrentes da falta de conhecimento mais profundo da potencialidade da região.

Um crítico contumaz das fantasias que circulam sobre a região é o pantaneiro por adoção Paulo Sardinha Costa, dedicado à exploração de cinco ou seis mil cabeças de gado de corte nos dezoito mil hectares da Fazenda Alaska. Quando este fazendeiro chegou à região, em 1956, contava com dezesseite anos de idade e já tinha de seu um avião para transporte de passageiros e alguma carga para entregar no interior do Pantanal. Foi uma época difícil, pois uma seca que começara em 1955 se

prolongou até o final de 1959, deixando prejuízos para todo mundo, inclusive para o próprio Pantanal. Nesses trinta e três anos sobrevoando a planície, o mato alto e o mato baixo, Paulo Sardinha Costa viu nascer e ganhar corpo uma “lenda” sobre o problema do assoreamento das vazantes do rio Cuiabá. Mesmo durante as cheias, a área de alagamento costumava atingir no máximo um quilômetro de largura.

Hoje, o alagamento dos rios atinge uma área cinco vezes maior, e tem certamente uma explicação mais lógica do que o simples assoreamento provocado pela construção de diques como a estrada Beira-Rio, que costeia o rio Cuiabá na altura da Fazenda São João, do empresário Sebastião Camargo. É que esses argumentos têm servido para barrar o desenvolvimento da economia da região, um verdadeiro celeiro em potencial para a produção de alimentos básicos. Para fundamentar essas afirmações, “seu” Paulo contou a seguin-

te história: “é 1956 e a seca já se arrasta por mais de um ano. Mesmo assim, o Pantanal dá conta do rebanho, ofertando as últimas reservas de alimentos, nas partes mais baixas da planície, onde o pasto nativo se mantém verde e nutritivo. Os animais vão avançando em busca de alimentos até atingir o leito das principais vazantes do Cuiabá e do rio Paraguai. O solo mais fértil do Pantanal resistiu à sobrecarga. No primeiro ano, já começaram a surgir pequenos arbustos no leito das vazantes. No segundo e terceiro ano, os arbustos viraram árvores e mantiveram o desenvolvimento até que as chuvas voltaram, já no fim de 1959. As primeiras enxurradas encontraram a barreira dessa verdadeira floresta que se formou em cinco anos de seca, repressando uma avalanche de matéria orgânica — húmus, galhos e folhas — dando início a um novo ciclo de enchentes no Pantanal.”

Outra imagem que se costuma ver na televisão e que Paulo Sardinha Costa se propõe a desmistificar é aquela que mostra a região submersa numa imensidão de águas, acusando perdas irreparáveis na pecuária. O fato é que existe um manejo adequado a esta condição para o criatório de bovinos, aproveitando a parte alta do Pantanal, que não é atingida pelas águas, ao passo em que as zonas de planície mais baixa servem de socorro para o gado durante a seca. E para quem não sabe o que é a pecuária do lugar, ele informa que o índice de nascimentos é de 100 por cento; quer dizer, não existe matriz vazia em período de produção.

**CARROCERIAS GRANELEIRAS IMOTO P/ TRANSPORTE DE RAÇÃO. ADAPTÁVEIS EM  
TODAS AS MARCAS NACIONAIS DE CAMINHÕES.  
CAPACIDADE DE CARGA DE 7,5 A 18 T.**



MOD. CONVENCIONAL



**INDÚSTRIA DE MOTORES E  
MÁQUINAS LTDA.**

Fone: (0499) 33-0277

Telex: 492496

XANXERÊ - SC - BRASIL



MOD. IMOTO



**S**e há queixa generalizada de abandono da pecuária por parte das autoridades que traçam a política de financiamentos agrícolas, maior preocupação certamente têm os fazendeiros do Pantanal. A região é carente de estradas, o que a torna incapaz de viabilizar uma produção, por falta de escoamento. O Pantanal possui vastas regiões agricultáveis, das quais as enchentes jamais se aproximaram e cujos níveis de fertilidade natural do solo atingem a perfeição: 7,5 de Ph. Estas terras poderiam produzir os alimentos necessários que a região é obrigada a buscar fora, com grandes custos e dificuldades.

A própria pecuária do Pantanal tem condições de incluir a produção de leite na estação das águas, mas também é barrada pela falta de ligação com o mercado exterior. As comunicações são feitas por rádio e o acesso mais rápido é por avião. Essas condições mantêm a região amarrada às suas tradições e a produção não encontra caminhos para crescer.

A única estrada importante é a Transpantaneira, que liga Poconé ao Porto Jofre, no Sul, que, porém, comete o pecado de servir apenas a algumas propriedades.

Por um lado, essas circunstâncias têm permitido que o Pantanal suporte a presença do homem e seus bovinos, mantendo sua dinâmica de equilíbrio. O pasto nativo viceja no local e é tão bom quanto as capineiras e leguminosas cultivadas, usadas na engorda de bovinos de corte, no que se refere à velocidade de ganho de peso. Outro fato notável é a raríssima ocorrência de doenças no rebanho, devido à falta disponibilidade de alimentos capaz de manter os animais com uma saúde inabalável. Nem o carrapato tem vez nessa criação, melhorada com base na raça nelore, particularmente.

Cedo, a fertilidade da planície se revelou no alto índice de repetição de crias, alcançando até 100 por cento, e essas características qualificam a região como importante produtora de bezerros para recria.

A bovinocultura se integrou ao Pantanal de tal sorte que, hoje, 20 por cento dos bezerros nascidos nas fazendas são devorados, especialmente pelas onças, que dão fim também aos cachorros que os fazendeiros insistem em levar para o interior. Mesmo assim, há sempre o "devastador", criando o de-

## Falta de estradas mantém a economia isolada



*Em certos locais, o único meio de transporte é o avião*

sequilíbrio ao abater indiscriminadamente o jacaré, a onça e a capivara. Navegam pelos rios e vazantes principais como pescadores. Acampam sem permissão nas propriedades, não raras vezes provocando incêndios nas matas. Retornam discretamente ocultando sua carga ilegal sob grande quantidade de peixes arrancados pela força da rede — proibida pela legislação vigente. Levam outro tanto de carne de gado tomada pelo abigeato, razão pela qual são freqüentes as trocas de tiros entre os fazendeiros e os foras-da-lei, já que estes estão sempre tentando aumentar sua "cota" no rebanho. É o que atesta o ex-proprietário da Fazenda Bororeu, Eduardo Bouret, que por esta razão se viu obrigado a vender a propriedade no interior e se estabelecer próximo ao município de Barão de Melgaço.

Para um pantaneiro por adoção, como Paulo Sardinha Costa, a única maneira de conter a ação do invasor no local é aplicação de um programa oficial que contemple os vários fatores que concorrem para o desenvolvimento da economia regional, pois no seu entender o atual quadro se deve ao isolamento em que sobrevive o pantaneiro, assim mantido no interesse da preservação das riquezas ecológicas existentes.

Porém, há um fato indiscutível, que qualquer visitante pode comprovar: a preservação da flora e da fauna nativas tem acontecido com mais segurança nas propriedades em que os investimentos chegaram, apesar das incertezas do setor. É o caso da Fazenda São João, a 230 quilômetros de Cuiabá, do empresário Sebastião Camargo, constantemente solicitada para as milionárias incursões turísticas de estrangeiros ricos, que chegam ao local de avião, instalando-se em hotéis à beira dos rios.

"É um absurdo a quantidade de barcos que passam em frente à sede da fazenda", exclama Nelci Bittencourt Pereira Ribeiro, agrônoma residente na fazenda, referindo-se aos desconhecidos que andam livremente pelos rios.

A Fazenda São João possui 72 mil hectares, onde cria cerca de 30 mil cabeças de gado nelore, aproveitando 26 mil hectares. A casa não se nega a receber os visitantes, porém é preciso obter autorização, predeterminando o dia da excursão, a fim de que algum funcionário da empresa possa acompanhar os turistas, explica Nelci.

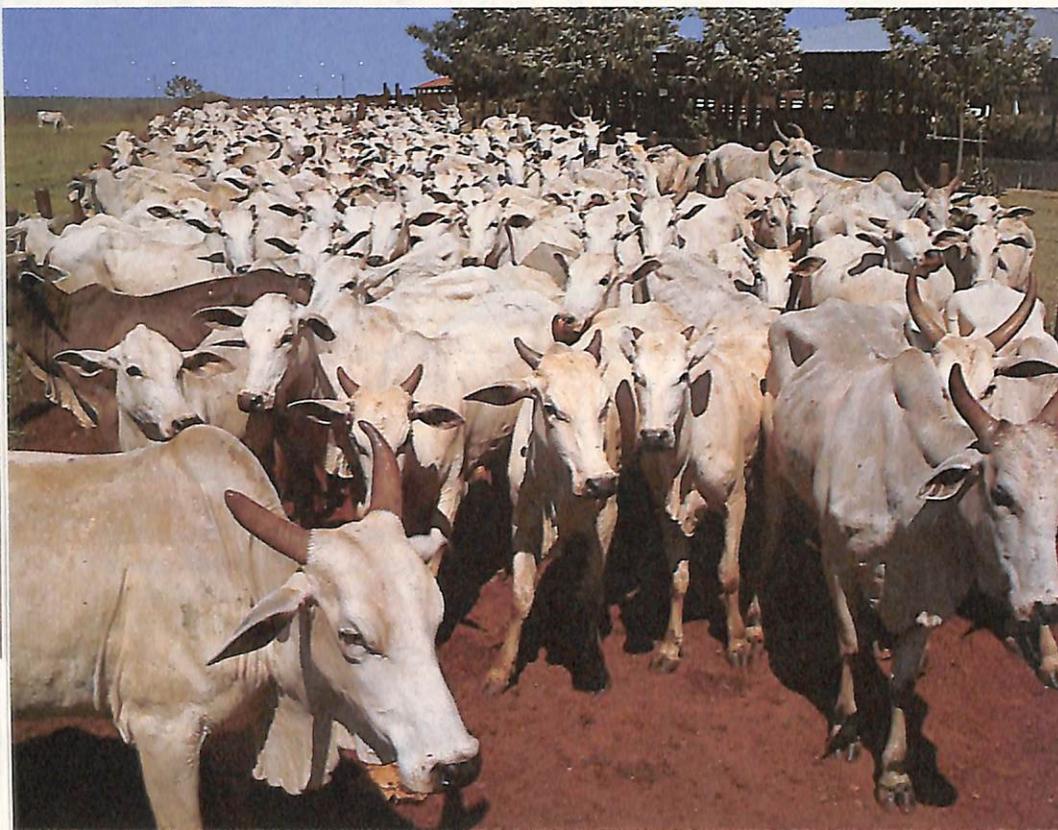
Acostumada a percorrer a estrada que liga a sede da fazenda à Transpantaneira, Nelci conta que inúmeras vezes▷

pararam a condução para juntar latas de bebidas e cascos de refrigerantes jogados a esmo, pelos embasbacados visitantes que param à beira da estrada para apreciar o espetáculo de milhões de tuiuius em revoada e a languidez dos jacarés misturados à areia e plantas aquáticas nos terrenos alagadiços.

É uma queixa comum do pantaneiro o descaso com que a questão é tratada, pois a região não vê refluir nenhum benefício com a arrecadação do turismo. A causa disso, analisa Nelci, é a falta de estrutura e fiscalização para o recebimento dos turistas, de tal sorte que tudo acontece de forma precária e im-

provisada, sem uma legislação séria que possa ser obedecida. Isso impede a criação de uma riqueza que poderia ser usada na preservação do próprio Pantanal, inclusive com uma regulamentação para a produção dirigida de animais silvestres, hoje uma presa fácil para o depredador.

## Boi perde na relação de trocas na hora da compra de insumos



*No Pantanal, rebanho bovino encolhe e se adequa à realidade*

As transformações ocorridas no setor de produção de gado de corte criaram uma realidade algo mais do que assustadora para um fazendeiro do Pantanal, como Paulo Sardinha Costa. Em 33 anos de tráfego pela região, o criador pôde ver o nascimento de uma indústria frigorífica que rapidamente penetrou o interior do oeste brasileiro. Ao mesmo tempo, houve o fortalecimento da categoria dos invernistas, enquanto o Pantanal encolhia seu rebanho para se adequar à nova realidade de mercado.

É que a produtividade das fazendas não se alterou em termos de produção

de quilos de carne por hectare, colocando o pecuarista numa situação de inferioridade na relação de troca de seus produtos com os segmentos mais modernos, onde é obrigado a se abastecer. Em consequência, uma forte descapitalização atinge o setor revelando-se, por exemplo, no preço de uma roçadeira, que saltou de Cr\$ 4 mil para Cr\$ 40 mil durante o congelamento no início do Plano Cruzado, e hoje pode ser encontrada no mercado por Cz\$ 800 mil. A evolução do boi nem de longe se aproximou dessa valorização, pois na época um boi custava Cz\$ 40 mil, alcançando atualmente Cz\$ 120 mil.

Os frigoríficos saíram de São Paulo e se instalaram mais próximos da zona produtora. O invernista entra em cena e compra grandes quantidades de animais direto nas propriedades, livrando o fazendeiro dos custos da circulação. Mesmo assim, o costume é tropear o gado até as principais praças de comercialização do boi em pé: Rondonópolis, Poconé, Cáceres ou Corumbá. Porém, hoje o Pantanal só envia em torno de 50 mil cabeças de gado para abate em São Paulo, enquanto a tradição registrava o encaminhamento de pelo menos 230 mil animais por ano para aquele estado. “Não faz muitos anos”, lembra o pantaneiro.

Se o avanço da indústria sobre o Brasil Oeste inibiu as tradicionais práticas da pecuária, essa situação se agravou com a extinção do crédito subsidiado para a retenção de matrizes, acentuando a descapitalização da pecuária, conforme relata Paulo Sardinha. As linhas de financiamento eram de quatro anos, tempo suficiente para aprontar um boi para o abate, dentro de um ciclo total que, incluindo a produção da matriz, leva oito anos para se completar. É um problema de matemática simples, pois a matriz produz em quatro anos, potencialmente, quatro terneiros, sendo que a venda de um animal era suficiente para pagar o financiamento e ainda sobrava um lucro de produção.

Na prática, o sistema não funcionou porque a estratificação dos beneficiários incluía frigoríficos e terminadores, cujo ciclo de produção se esgota no exercício de um ano.

Esses fatos vêm se arrastando há mais de 15 anos, promovendo um cruel abate de matrizes prenhas. Paulo Sardinha calcula que, das 600 vacas abatidas diariamente em Cuiabá, pelo menos 400 são mães com o bezerro no ventre. □

## Falta decisão política para desenvolver este patrimônio

A discussão sobre os destinos do Pantanal cresceu recentemente, quando o deputado federal, eleito pelo município de Poconé, Jonas Pinheiro, viu aprovada pela Assembleia Nacional Constituinte a proposição de sua autoria segundo a qual o Pantanal mato-grossense seja tombado como patrimônio nacional, resguardando as vocações naturais da economia local. O deputado revela que já existe um projeto embrionário de um programa, mas falta decisão política para que comece a progredir.

“O Pantanal é altamente viável, um verdadeiro celeiro, principal-

mente às margens do rio São Lourenço, com suas terras perfeitamente agricultáveis, que é hoje zona de pastagens nativas permanentes com capacidade para alta densidade de lotação de gado”, avalia Jonas Pinheiro, seriamente preocupado com o fato de não se conseguir aplicar a lei que proíbe a exploração irracional das riquezas naturais.

O deputado eleito por Poconé defende o urgente retorno do crédito para retenção de matrizes, como maneira de imediatamente reduzir o alto índice de abate de matrizes que se tem registrado. Ele reivindica, em

nome dos produtores, incentivos para o povoamento dos campos, manejo do gado em pastagens nativas, defesa do patrimônio pesqueiro e criação de animais silvestres (com a supervisão da Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca — Sudepe).

O conhecimento sobre a região aponta, também, a necessidade de construção de reservatórios de água para abastecer o gado durante a estação seca, especialmente nas partes altas do Pantanal, onde as características já são de Cerrado. Aí, o projeto prevê o perfuramento de poços artesanais (a água é encontrada a 10 ou 20 metros de profundidade) para irrigação das lavouras e pastagens, além do bombeamento de água desde reservatórios e baías, enchendo campos que ficam vazios, hoje, em grande parte por falta desse elemento fundamental. □



## Quem tem Kombi não fica pisando em ovos.

Se a carga é delicada, a Kombi dá conta do recado. Standard, Furgão ou Pick-up, ela é a mais econômica,

do custo inicial à manutenção. E transporta mais, em volume e peso. Solte a imaginação.

A Kombi carrega.



**Linha Kombi**

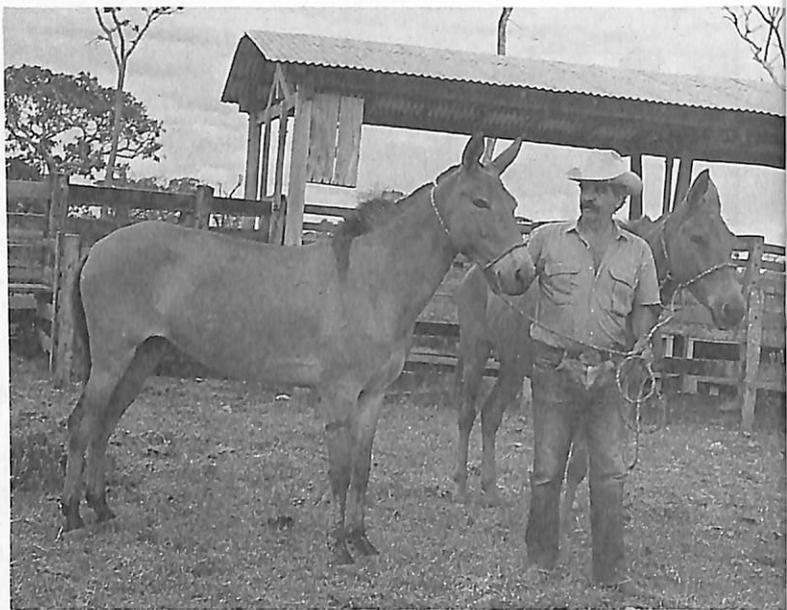
## Fazer burro é um negócio inteligente

O fazendeiro Paulo Sardinha Costa possui um rebanho de cinco mil e 600 cabeças de gado e uma tropa de cavalos que trazem na anca mais do que a simples marca da Alaska. A raça dos eqüinos é pantaneira, mas tem alguns quarto-de-milha. E um jegue. Seu Paulo utiliza o jumento para a produção de burros meio-sangue, hoje vendidos na média de doze animais por ano, na base de Cz\$ 400 mil. E tem nome: é o “burro hiper”, onde o sangue do quarto-de-milha está presente.

Esse cruzamento tem demonstrado excelentes resultados, quando avaliados a campo. Um burro agüenta 90 dias de trabalho forçado e, se der folga, o animal fica redomão. Mas, afinal, para que judiar dos animais, exigindo mais do que o necessário?, pergunta seu Paulo.

A tropa de cavalos se mantém em 40 animais, sendo que três são reprodutores. Juntamente com o rebanho bovino, esses animais são tratados num “mangueiro” que comporta três mil cabeças. E o curioso é que seu Paulo

conseguiu se valer dos conhecimentos de aviação para construir o mangueiro. Os animais entram por um corredor que se bifurca circularmente, por um lado, ou pelo outro, dependendo dos “ventos predominantes”. A idéia é evitar que uma nuvem de poeira impeça que o peão veja a aproximação da rês. O “tronco” é também original, embora não de todo, mas pelo fato de ter sido adaptado a partir de uma mesa cirúrgica para bovinos, na qual o boi pode ser imobilizado, tanto pelo pescoço, quanto pelos quartos. A saída da seringa foi especialmente projetada, tendo em vista o



*Costa: selecionando resistência*

campo de visão dos animais. “A porta é mais ampla e resguarda o animal de se bater nos moirões ao sair, machucando, particularmente, ossos da bacia”, explica o criador. □

# VET SUL

## VETERINÁRIA DO SUL LTDA.

DISTRIBUIDOR DE PRODUTOS VETERINÁRIOS

RUA ERNESTO ALVES, 27  
FONES: (0512) 24-3700 - 24-3521 - 26-4481 - 26-4139 - POA - RS

# ARROZ DO SECO PERDE PARA SOJA

A soja, atualmente, se revela uma cultura mais apropriada para o Centro-Oeste do que o arroz-de-sequeiro, que hoje se depara com baixas produtividades e doenças fúngicas

No Mato Grosso, as primeiras lavouras de arroz-de-sequeiro substituíram a vegetação rasteira do Cerrado, atendendo uma demanda interna latente. Tão logo o mercado esgotou a sua capacidade de consumo, começaram a surgir problemas, especialmente na área industrial, que se encontra ociosa por falta de produção. É uma lavoura de alto risco e a produtividade é baixa — 1.300 quilos por hectare. Afora isso, no segundo e terceiro anos de cultivo, surgiram doenças como a brusone, além do aparecimento de insetos de difícil controle.

Esse é um drama vivido por todo o Centro-Oeste, fazendo com que esta cultura sobreviva como lavoura de “abertura de planteiro” conforme explica Luiz Duarte Silva Junior, coordenador de operações da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Mato Grosso. Ele lembra que a recente história da agricultura do Estado nas-

ceu sob o império de vultosos investimentos subsidiados, sendo que a consolidação só veio com o Pólo-Centro, que permitiu a efetiva abertura do Cerrado. Foi um tempo em que a extensão rural dava assistência de avião nas fazendas.

Esse momento crítico que a cultura do arroz de seco vem atravessando coincide com a expansão da soja, que se encaixa com perfeição nos interesses do agricultor do Brasil Central, pois é uma oleaginosa altamente produtiva e que tem o respaldo do mercado mundial, de maneira que “a soja substituiu o arroz-de-sequeiro com bastante vantagem”, argumenta Luiz Duarte. Enquanto o arroz-de-sequeiro se mantém com uma área de 800 mil hectares, a soja já se espalhou por um milhão, 352 mil e 727 hectares produzindo três milhões de toneladas com uma produtividade média de 2.400 quilos por hectare.

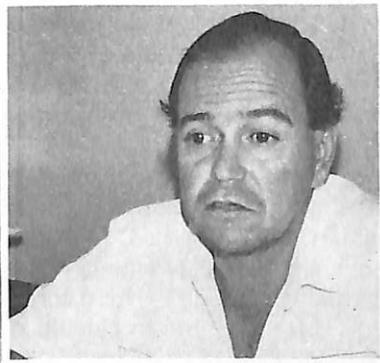
A lavoura algodoeira, que nos últimos anos vem sofrendo perdas irreparáveis com os ataques do bicudo, está se desenvolvendo em pequenas propriedades assistidas pela extensão, dando mostras de sua importância econômica quando tratada adequadamente. Essa produção organizada, somada à já existente, deu condições para o surgimento da indústria algodoeira, que só na região do município de Cáceres totaliza três empresas em funcionamento.

A pecuária de corte, de sua parte, é o setor que oferece maior potencial de desenvolvimento e é atualmente o carro-chefe da economia do Centro-Oeste, com seus 46 milhões de cabeças com possibilidades incalculáveis de crescimento. A própria lavoura de soja e arroz já vem sendo manejada por agropecuaristas no sentido de se integrar à pecuária, aproveitando os restos de cultura, pastagens na rotação de áreas, cena essa que é comum na parte sul do Estado, por onde começou a ocupação.

Antes mesmo de fechar duas décadas de colonização, o Mato Grosso vê se manifestarem distorções e defeitos na sua economia, particularmente no norte do Estado. O “nortão” não tem nenhum tipo de benefício para os seus trinta mil pequenos produtores, que estão num beco sem saída, por falta de opção de lavouras, desde que o zoneamento agroecológico destinou aquela área ao manejo florestal.

Sinop, a 400 quilômetros de Cuiabá, é uma cidade de 60 mil habitantes que ficou sem sustentação econômica, pois a exploração da madeira, sua principal atividade, foi interrompida pela nova regulamentação do setor. A limitação causada à economia da região está sob a vigilância rigorosa de autoridades federais e de organismos internacionais ▽

Duarte: no sul do estado, a explosão da soja

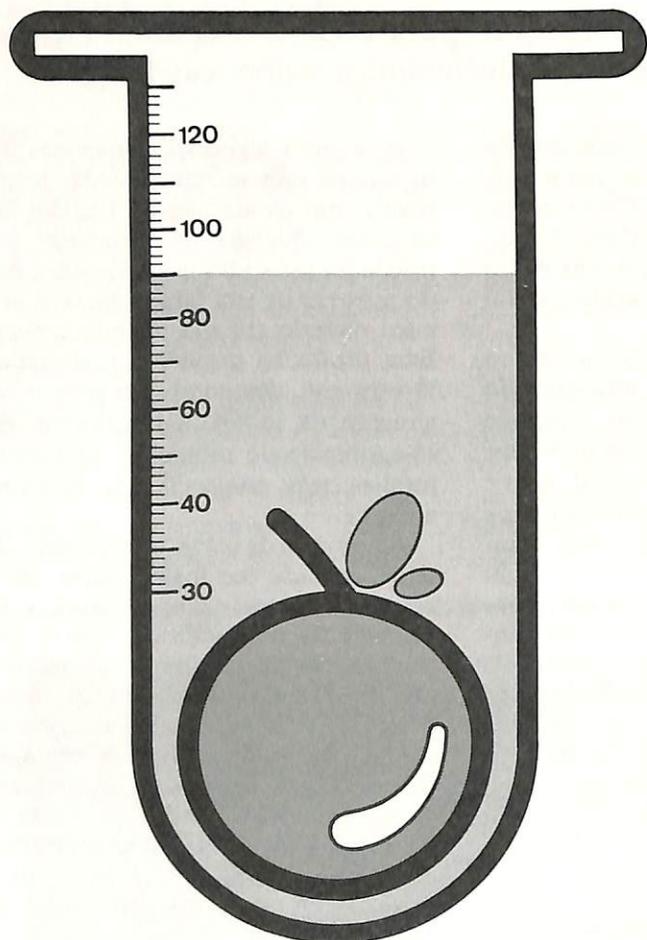


# TECNAL

I FEIRA DE TECNOLOGIA ALIMENTÍCIA

13 A 18 DE MARÇO DE 1989

CENTRO DE EXPOSIÇÕES DE CURITIBA  
PARQUE BARIGÜI



## SETORES QUE PARTICIPARÃO DA TECNAL:

- PROCESSAMENTO
- REFRIGERAÇÃO
- ARMAZENAMENTO
- TECNOLOGIA DE EMBALAGEM
- EQUIPAMENTOS EM GERAL
- ADITIVOS
- SERVIÇOS

PATROCÍNIO ABIA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA ALIMENTÍCIA  
• CO-PATROCÍNIO ABRE - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMBALAGENS  
• ITAL - INSTITUTO DE TECNOLOGIA DE ALIMENTOS • PROMOÇÃO 7/8 DIRETRIZ  
EMPREENDEIMENTOS S.A. • FILIADA À UBRAFE

Maiores informações: Diretriz Empreendimentos S.A., nos seguintes endereços: Curitiba - Centro de Exposições de Curitiba - Parque Barigüi - BR 277, Km 0 - Rodovia do Café - CEP 82.000 - Fone (041) 222-3831 - Telex 415921 - São Paulo - Rua Marquês de Itu, 70 - 2º andar - CEP 01.223 - Fone: (011) 259-0188 - Telex 1160873, para realização de sua reserva.

ligados à rede financeira mundial, de tal sorte que o Banco Interamericano de Desenvolvimento, bem como outros bancos do gênero, não financiam nada no Mato Grosso se não houver planejamento adequado, revela Luiz Duarte.

Desta forma, o "nortão" está aí, em busca de alternativas para a região. A saída, ao que parece, está no desenvolvimento de culturas perenes como o guaraná, o café e a seringueira. Nesse sentido, a pesquisa está em fase muito adiantada na Estação Experimental de Rosário Oeste, com um canteiro de um milhão e 200 mil mudas que serão transplantadas para projetos de até três hectares. Luiz Duarte observa que esta opção é a mais viável para o pequeno produtor, que não tem como competir com a avançada tecnologia das empresas rurais localizadas próximo aos centros consumidores.



*Sem corte de madeira, "nortão" ficou desamparado*

A irrigação é fundamental em qualquer projeto que pretenda enfrentar seis meses de escassez de chuvas, característica principal do Cerrado brasileiro. Aliás, a irrigação é capaz de garantir a produção de soja até mesmo na entressafra. Esse novo recurso vai resolver o problema de carência de sementes na época do plantio, inclusive com a elevação do teor germinativo das mesmas, já que a colheita normal da região se dá numa época em que a temperatura e umidade naturais prejudicam a qualidade do produto.

O trigo é outro cereal que está se dando bem nas zonas de mata alta, em 600 metros de altitude acima do nível do mar e necessita de irrigação, mas tropeça na falta de eletrificação rural. Dessa forma, os produtores são obrigados a investir na perfuração e construção de poços artesianos, tendo no diesel o seu principal combustível.

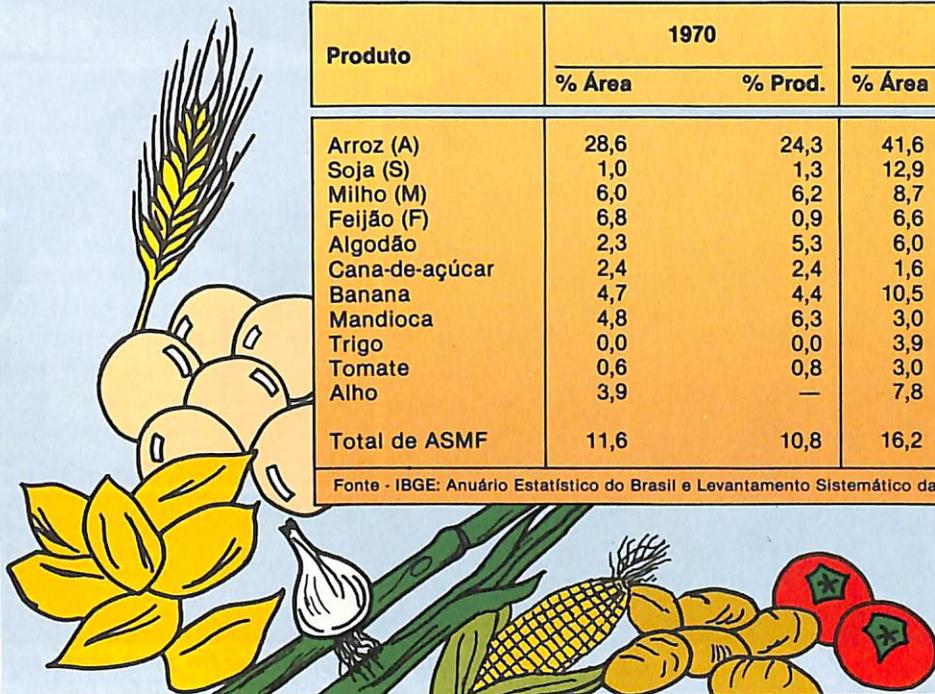
A sorte do Mato Grosso pode, entretanto, mudar brevemente, quando estiverem concluídos os trabalhos de ligação da 30ª linha de transmissão, a Cachoeira-Dourados, melhorando a oferta de energia elétrica. O Araguaia é um dos alvos desse plano, já que naquela região existem cerca de 7,5 milhões de hectares de várzeas, segundo calcula o coordenador de Operações da Emater-MT.

A extensão dos benefícios do serviço de eletrificação rural ainda é tímida no Centro-Oeste, sobrevivendo na cabeça de milhares de agricultores, hoje lutando contra os custos crescentes dos combustíveis vegetais e minerais. É por causa dessa urgência que está em construção, no norte do Mato Grosso, uma usina a carvão, cujo projeto conta também com a participação da Universidade Federal do Mato Grosso, que realizará estudos técnicos sobre o desempenho da geradora, além de uma avaliação da sua viabilidade econômica. □

Brasil - Importância relativa da região Centro-Oeste na produção das principais lavouras  
1970, 1980 e média 1987/88

Produto	1970		1980		1987/88	
	% Área	% Prod.	% Área	% Prod.	% Área	% Prod.
Arroz (A)	28,6	24,3	41,6	32,2	36,6	27,8
Soja (S)	1,0	1,3	12,9	12,6	31,1	34,6
Milho (M)	6,0	6,2	8,7	10,7	12,8	16,5
Feijão (F)	6,8	0,9	6,6	4,9	6,0	7,5
Algodão	2,3	5,3	6,0	9,5	7,0	8,8
Cana-de-açúcar	2,4	2,4	1,6	1,5	5,0	5,3
Banana	4,7	4,4	10,5	8,4	13,0	9,7
Mandioca	4,8	6,3	3,0	3,9	3,8	5,2
Trigo	0,0	0,0	3,9	4,1	12,4	9,0
Tomate	0,6	0,8	3,0	3,7	4,9	5,1
Alho	3,9	—	7,8	11,9	9,4	8,4
Total de ASMF	11,6	10,8	16,2	15,3	20,9	23,7

Fonte - IBGE: Anuário Estatístico do Brasil e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, dezembro de 1987.



Cabo de aço ou gancho, seu problema de transporte está solucionado

## “NCH É LUCRO CERTO”



### REPRESENTANTES

São Paulo  
Rio de Janeiro  
Minas Gerais  
Paraná  
Sta. Catarina  
Rio G. do Sul

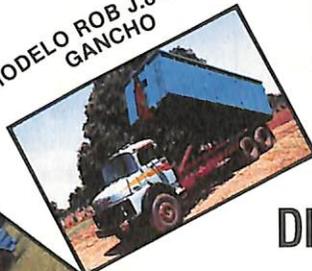
### REPRESENTANTES

Mato Grosso  
Mato Grosso do Sul  
Goiás  
Tocantins  
Bahia

CARRETA AGRÍCOLA MOD. 25 T  
TIPO CABO DE AÇO



MODELO ROB J.8 TIPO  
GANCHO



MODELO ROC 25 TIPO  
CABO DE AÇO



## DIVERSIFICAÇÃO

Equipamento desenvolvido com a mais alta tecnologia, vem provar que na atualidade é o mais versátil na agricultura, construção civil, industrial e transportes pesados em geral.

De fácil manuseio, os nossos equipamentos não necessitam de mão-de-obra especializada. Com apenas três controles, acionados de dentro da cabine do caminhão, o motorista executa todas as operações com a máxima segurança.

Equipado sobre chassi de qualquer marca ou modelo de caminhão, o equipamento *carrega, descarrega e bascula* com ângulo de até 72 graus qualquer tipo de carga *líquida, sólida, gasosa* com até 30 toneladas de carga.

Para maiores informações, nossa equipe técnica de projetos encontra-se à disposição dos interessados em nossa fábrica ou com nossos representantes em todo o Brasil.

NCH EQUIPAMENTOS HIDRAULICOS DO BRASIL LTDA.  
Rua Miguel Russo, 58 - Fones: (019) 96-1369 e 96-1445  
Telex: (019) 2681 HEND BH - CEP 13830 - Sto. Antônio da Posse - SP

Nazaré/BA (075) 736-1018  
São Paulo/SP (011) 857-6468  
Cascavel/PR (0452) 24-2506  
Santa Rosa/RS (055) 512-1676

Pelotas/RS (0532) 25-0922  
Rio de Janeiro/RJ (021) 280-0135  
Uberlândia/MG (034) 831-2617  
Campo Grande/MS (067) 387-2857

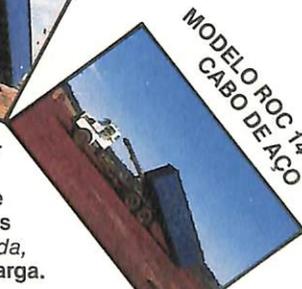
MODELO ROB 4  
TIPO GANCHO



MODELO ROC 7 TIPO  
CABO DE AÇO



MODELO ROC 14 TIPO  
CABO DE AÇO



MODELO ROC 30 TIPO  
CABO DE AÇO



Muitos produtores do Mato Grosso se decepcionaram com o desempenho da cultura do arroz-de-sequeiro no Cerrado. As primeiras lavouras não ofereceram grandes problemas, mas não tardou a aparecer a brusone — que na verdade é um fungo e também já ataca o trigo. Seu Hermann Ströbel, ex-dirigente cooperativista no Rio Grande do Sul, é um desses arroteiros. Ele estendeu suas atividades até Rondonópolis, em 1975, onde adquiriu, em sociedade com outros membros da família, nada menos do que 16 mil e 400 hectares em pleno Cerrado. Nasceu a Agropecuária Guarita, que já cultiva cinco mil hectares de soja e 400 hectares de milho por ano. Outra área menor foi destinada ao reflorestamento — de eucalipto — para queimar nas caldeiras dos silos e secadores da empresa.

Em 1976, o agricultor Hermann Ströbel revolveu o solo para os primeiros canteiros experimentais de soja. Na safra 79/80, a oleaginosa se esparramou por mil hectares. E continuou crescendo, a ponto de permitir a construção de uma sólida estrutura com instalações para os 90 trabalhadores e

# Na Guarita, o que importa é diversificar



*Ströbel: está faltando armazém para tanta soja*

## EMERGÊNCIA

**SUA EMPRESA PRECISA DE ASSISTÊNCIA? NÃO ESPERE MAIS.**

- Temos a melhor assistência médica para sua empresa.
- Cuidamos de seu funcionário, preservando sua saúde, para que ele tenha um bom rendimento em seu trabalho.

**NÃO PENSE MAIS**

Faça um contato conosco.

A saúde de seu funcionário é a garantia do seu lucro.



**SERVIMED**

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA MÉDICA LTDA

Av. Independência, 944  
Fones: 24.3333 - 27.2666  
Av. São Pedro, 1201  
Fone: 42.4242  
Porto Alegre - RS

suas famílias, além de manter um ônibus para levar as crianças para a escola, em Rondonópolis, a 15 quilômetros da fazenda.

A atividade principal da Agropecuária Guarita é a agricultura, ficando a pecuária em segundo lugar. No entanto, a intenção do fazendeiro é integrar as duas atividades. Para isso, comprou 18 reprodutores da raça charolês, que serão misturados com um lote de 200 fêmeas aberdeen-angus para a produção de touros meio-sangue, que posteriormente servirão o rebanho geral de matrizes da raça nelore. A terceira atividade é a suinocultura, uma tradição da família Ströbel, que já conta com 24 criadeiras, produzindo mensalmente 30 animais para o abate.

Uma das estratégias da fazenda Guarita é treinar o pessoal no próprio estabelecimento, e ainda assim a prática deixa muito a desejar, especialmente no trato com o maquinário, cujo investimento é elevado. Por ser considerada um modelo na região, a Guarita costuma receber estagiários. Aliás, seu Hermann vem tentando segurar um dos estudantes para trabalhar na empresa, mas ainda não teve sucesso. Os salários, segundo ele, vão de dois mínimos a Cz\$ 120 mil. Contudo, somando to-

dos os benefícios — escola, alimentação e moradia — o valor dos ganhos dos empregados se equivale a mais de Cz\$ 100 mil.

## VBC só dá para comprar metade do adubo

O custo de produção na Guarita sofre os mesmos reveses da agropecuária nacional. O Valor Básico de Custeio no caso da Guarita dá só para comprar 30 por cento do adubo, que só de calcário consome de seis a dez mil toneladas por ano. Para as demais despesas, tem que tirar financiamento na rede privada a juros de mercado — 22 por cento ao ano mais a correção monetária, afirma o produtor. Ele vê com gravidade também a questão da tributação, pois, falando de soja, não é menos de 30 por cento. Quando o produtor vende a soja, recolhe 12 por cento, e a indústria, outros 17 por cento. A cascata da decomposição dos preços é inversa, vem da capacidade de aquisição do mercado, ficando ao produtor as sobras.

Seu Hermann, entretanto, é um produtor tranqüilo, já que a empresa não tem dívidas, a não ser um saldo de compra de máquinas. É um ponto positivo. Porém, é preciso continuar os investimentos no local, especialmente para prosseguir com o desbravamento da área, que ainda tem sete mil hectares intocados. E tem máquinas que precisam ser substituídas, coisa que seu Hermann não se atreve a fazer num momento como esse. Já na questão do armazenamento, há uma certa urgência na ampliação da capacidade estática, porque na safra passada se perdeu muito produto por falta de condições de estocagem. A Guarita precisa aumentar sua capacidade de 80 mil para 200 mil sacos, que é para não haver sufoco na hora de escoar a produção, que no caso da soja é de 220 mil sacos por ano.

Mas, para os investimentos retornarem nos níveis de necessidade do setor primário, não existe nenhuma perspectiva. Por isso, o sócio-proprietário da Guarita sugere que o Governo subsidie os impostos, pois assim seria preciso primeiro produzir o produto físico para depois gozar os benefícios dessa política. □



Suinocultura: uma tradição dos Ströbel

# CENTRO-OESTE. A AGRICULTURA QUE MAIS CRESCE NO PAÍS.



Mais uma vez o Ministério da Agricultura acertou seu prognóstico. E não deu outra: a região Centro-Oeste é a nova fronteira agrícola do País. Só ela colheu 15 das 66,5 milhões de toneladas de grãos da safra-recorde deste ano. São 23% da colheita total, um número que cresceu 6% em relação à safra anterior e que não vai parar por aí. Pela previsão do Ministério da Agricultura,

vamos ultrapassar os 70 milhões de toneladas na próxima safra. E até o ano 2000 atingiremos os 100 milhões. Para isso, as sementes já estão plantadas. Já existe uma crescente profissionalização e modernização das atividades rurais. E a região Centro-Oeste é a melhor prova que, com empenho, força e confiança, a nossa agricultura chega lá.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA  
GOVERNO FEDERAL.  
TUDO PELO SOCIAL.

# Engorde é um bom negócio

Seu Nilo Assunção Machado é dono da Estância Boa Esperança, a 32 quilômetros de Rondonópolis, onde mantém um rebanho de 600 cabeças num total de 780 hectares. Compra garrotes na região, com um ano ou dois, e conserva no pasto durante dois ou três anos, quando são comercializados. Há desesseis anos, quando deixou Minas Gerais, trouxe gado de leite, e teve produção em Boroaba, onde a propriedade está instalada, "mas o negócio fracassou por falta de mercado", recorda ele.

Apesar da crise de descapitalização da pecuária, seu Nilo ainda acha

que é um bom negócio, já que enfrenta como problemas apenas o preço de mercado e os acidentes climáticos, que obrigam o terminador a "folgar o campo", como agora, com a prolongada seca que vem se arrastando desde abril deste ano.

Para não depender totalmente da oferta de garrotes no mercado, seu Nilo mantém umas vacas de cria para produzir alguns bezerros. Além da recria de garrotes, este fazendeiro também compra boi magro para engorde. Esse acabamento demora mais ou menos seis meses, mas oferece a vantagem de girar mais rapi-



Nilo: cauteloso com o mercado

damente o capital. De qualquer forma, ainda é possível administrar a criação, protelando as vendas, como no ano passado, quando fez compras de garrotes, deixando a comercialização para março do próximo ano.



**AS INFECÇÕES  
SÃO AS MESMAS.  
O TRATAMENTO  
É QUE EVOLUIU.**



**PENTABIÓTICO REFORÇADO F.W.  
6.000.000 u.**

**O campeão dos antibióticos**

O mais prático — Apenas 1 aplicação

O mais potente — Cada dose contém 6.000.000 u. de produto ativo

O mais moderno — Único à base de Penicilina G Benzatina, com efeito prolongado

O mais econômico — Custo muito abaixo dos antibióticos comuns.



Para maiores informações, escreva para a Divisão Veterinária da Fontoura Wyeth  
R. Caetano Pinto, 129 - Tel.: 270-3432 - Cep 03041 - São Paulo - Sp.

Nome \_\_\_\_\_

End. \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_

Estado \_\_\_\_\_

# SOMAX

## QUALIDADE

"Com Somax, a lavoura melhorou 50%. O arroz está granado até no pezinho do cacho, e está dando de 25 a 30 cm de comprimento."

ANÍSIO FRANCISCO DA SILVA  
FAZENDA CANADÁ - GO

## PRODUTIVIDADE

"Somax foi um dos responsáveis pelo aumento da nossa produtividade, da ordem de 60%. Ele possibilita o aumento da produtividade a um custo de investimento muito baixo."

LUIS ESTEVÃO DE OLIVEIRA NETO  
GRUPO OK - DF

## CONFIANÇA

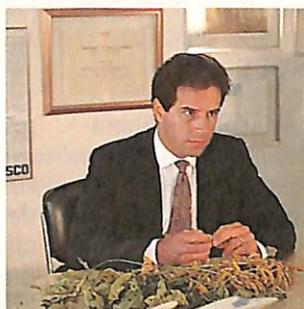
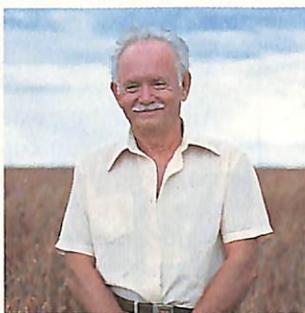
"É muito mais fácil usar Somax, porque não dá problema nenhum no maquinário. É fácil de se trabalhar. Confio no Somax, porque é um adubo da Trevo".

CRISÓSTOMO C. VASCONCELOS  
FAZENDA GRUPO OK - DF

## GRANULOMETRIA

"Somax é um adubo de fácil aplicação e granulometria muito boa. Se você quiser colocar 400 kg/ha, você consegue, e isso é muito importante para nós".

ODÍLIO BALBINOTTI FILHO  
FAZENDA ADRIANA - MT



## RESULTADOS

"Trabalho há 15 anos com a Trevo e nunca tive nenhum problema. Este ano, usei Somax. Resolveu, deu certo. Ele dá mais vigor na produção. É bom mesmo. É positivo."

SANTOS ALBERTO REBELLATO  
FAZENDA SANTA MARIA - MT

## LUCRATIVIDADE

"Ano passado, colhemos 33,34 sacos e, este ano, com Somax, estamos colhendo 47,50 sacos. Foi violento mesmo. O produto é excelente. Somax é mais dinheiro no banco."

GILSON PINESSO  
FAZENDA MONTE AZUL - MS

## FACILIDADE

"Em 87, comprei os micronutrientes e misturei na fazenda mesmo. Foi muito trabalhoso. Este ano, comprei Somax, que vem com os micronutrientes no próprio grão."

OTTO FRANCISCO EVERLINE  
FAZENDA HARMONIA - MS

## FUTURO

"Vou usar Somax por causa dos micronutrientes. Já vem misturados no próprio grão. A partir deste ano, vou usar Somax."

NILSON CALABRIA  
FAZENDA CALABRIA - MS

# TEM NOME, SOBRENOME E QUEM ASSINE EMBAIXO.

Adubos Trevo trouxe para o agricultor brasileiro a última palavra da tecnologia, para aumentar a produtividade: SOMAX. A soma perfeita de macro e micronutrientes, na dose exa-

ta, nos grãos. SOMAX é a garantia da formulação exata, com distribuição uniforme na lavoura, e tem a tradição de 58 anos do maior fornecedor nacional de fer-

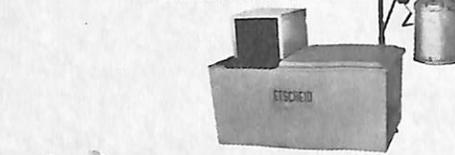
tilizantes e corretivos. Com SOMAX, a agricultura brasileira ingressou numa era de melhores produtos e maiores safras. Quem diz isto, assina embaixo.



**ADUBOS TREVO S.A.**  
GRUPO LUXMA

## ETSCHIED RESFRIADORES PARA LEITE

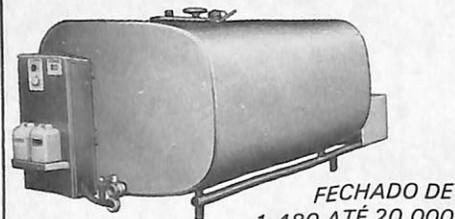
DE ALTA CLASSE



CAIXA DE FIBERGLASS



TANQUE ABERTO DE 250 ATÉ 5.300 LITROS



FECHADO DE 1.480 ATÉ 20.000 LITROS C/LAVAGEM AUTOMÁTICA

**EUGAPEC** - Implementos Pecuários Ltda.  
16.600 - Pirajuí - SP - Caixa Postal 152  
Fones: (0142) 72-1591-72-1648-72-1825

# TABAPUÃ

Dr. ALBERTO ORTENBLAD



Fazenda Agua Milagrosa

Cx. Postal 23 Tel.: PABX (0175) 62-1117  
15880 - Tabapuã - SP

RUSTICIDADE,  
FERTILIDADE E GRANDE  
GANHO DE PESO.  
TABAPUÃ, A RAÇA FEITA  
PARA O BRASIL.

Escritório no Rio:

Rua da Assembléia, 92, 10º and.  
CEP 20011 - Rio de Janeiro, RJ  
Tels.: (021) 242-0297 e 222-1818

## Limitação do crédito inibe a expansão da lavoura

O Mato Grosso, mais do que o seu vizinho sulino, ainda reserva extensas áreas completamente intocadas. Ainda assim, os mapas que circulam não informam com exatidão a existência de novas cidades como Sorriso, Sinop ou Comodoro, consideradas pólos regionais, que emergiram sobre a ruína de antigos povoados e vilas. Os investimentos na região, em grande parte, são recursos particulares, através de incentivos; porém, o grosso da produção é financiado mesmo pelo Banco do Brasil.

Ano passado, 80 por cento da liberação do crédito de custeio e investimento para a região saíram dos cofres da poupança nacional, perfazendo Cz\$ 60 bilhões, revela o superintendente do Banco do Brasil no Mato Grosso, José Fernando de Queiroz, lembrando que para a safra 88/89 está prevista a liberação de Cz\$ 150 bilhões, dos quais Cz\$ 110 bilhões já se encontram na mão dos produtores.

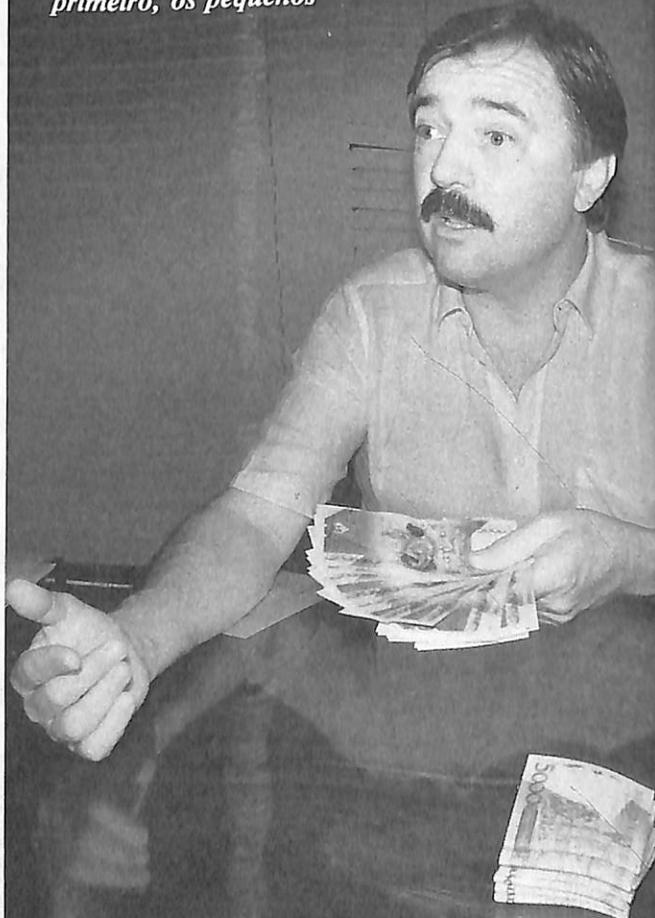
Porém, o volume de crédito agrícola disponível não permitirá expansão da área de plantio como ocorreu na safra passada, situando-se em 12 por cento, enquanto o crescimento do Estado foi de seis por cento. O Banco do Brasil tem aplicados na agropecuária do Mato Grosso cerca de Cz\$ 200 bilhões, provenientes da Poupança Verde, cujas reservas atingiram Cz\$ 1 trilhão e 900 bilhões em 1988. Os maiores investimentos estão na agricultura e o calcário é o produto mais consumido. Já na pecuária, os recursos ficam em Cz\$ 15 bilhões das aplicações totais, distribuídos em desmatamento e formação de pastagem, aquisição de máquinas e implementos. O superintendente do Banco do Brasil recomenda muito cuidado aos pecuaristas no momento de investir, pois o setor hoje não é autofinanciável, ou seja, o retorno não cobre os juros e custos financeiros.

Para se ter uma idéia da

evolução atual dos investimentos em pecuária, José Fernando de Queiroz relata a experiência de um produtor que financiou 200 matrizes a Cz\$ 10 mil por cabeça. No mês passado, a dívida já estava em Cz\$ 10 milhões e 200 mil. Se os animais produzirem bem, terão 120 terneiros ao final de um ano. Somando tudo, as vacas estariam valendo Cz\$ 12 milhões; mais Cz\$ 4 milhões pela bezerrada se chegaria a Cz\$ 16 milhões; líquida o financiamento e sobram Cz\$ 6 milhões, "que provavelmente não cobrem os custos da produção", avalia o dirigente do Banco do Brasil em Cuiabá.

O superintendente do Banco do Brasil informa ainda que, com a escassez de recursos, a recomendação é financiar prioritariamente os pequenos produtores, segmento que já recebeu Cz\$ 1 bilhão através do Fundo de Desenvolvimento Comunitário, com prazos de até 20 anos, taxas de seis por cento ao ano e 30 por cento de correção monetária.

*Queiroz e o dinheiro oficial: primeiro, os pequenos*



**NOVO**

# GOIÁS, UM CONVITE IRRECUSÁVEL AOS INVESTIMENTOS.

**Goiás é, hoje, um convite ao desenvolvimento. Suas terras férteis, seus avanços tecnológicos, resultando em safras recordes de grãos, sua pecuária apurada e os incentivos do Governo do Estado, fazem da região um convite irrecusável aos lucros com a indústria.**

As terras férteis de Goiás produzem de tudo. É generosa e necessita apenas de ser trabalhada com eficiência — o que vem sendo feito com sucesso, graças à nova mentalidade produtiva que se instala por aqui.

Quem caminha pelas estradas de Goiás, encontra grandes produções de soja, verdadeiro mar verde. Quilômetros e quilômetros de canaviais se estendem por riquíssimas regiões, onde a indústria alcooleira se implanta. Alqueires e alqueires de arroz de primeiríssima qualidade são plantados todos os anos, oferecendo safras que batem recordes a cada nova colheita. Sem falar do milho, do feijão, da mandioca, do algodão e outros cultivos.

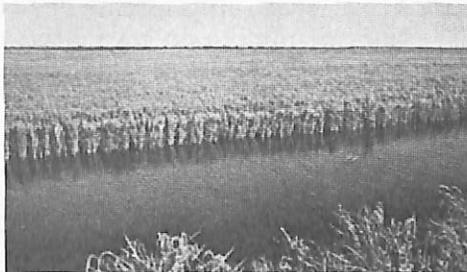
O clima do planalto é extraordinário para as lides agrícolas, graças à luminosidade, aliados à fertilidade da terra. O que transforma o Estado em grande atrativo para o desenvolvimento da agro-indústria, a partir de matérias-primas abundantes, infra-estrutura humana e física.

## **PRODUÇÃO INEJAVEL: 6 MILHÕES DE TONELADAS DE GRÃOS**

Da última década para cá, a agricultura goiana está saindo da exclusiva cultura do arroz para uma diversificação e avanços tecnológicos. Os tratores e seus arados rasgam o cerrado goiano, plano e fácil de ser trabalhado. As máquinas entram em cena, substituindo a colheita manual, e dando melhor aproveitamento a cada semente lançada ao solo.

Tanto que, na última safra, Goiás produziu 1.600 mil toneladas de arroz, 242.940 toneladas de algodão; 55.280 toneladas de feijão; 2.990 toneladas de milho; 1 milhão e 500 mil toneladas de soja, entre outros grãos.

E esses números tendem a aumentar com a introdução de novas técnicas, como a irrigação, por exemplo. Afinal, alimentar o povo brasileiro é um desafio enorme. E Goiás quer participar com o dinamismo de sua produção agrícola e com a implantação da agro-indústria, um desafio que o Governo de Goiás vem enfrentando com competência e extraordinários avanços.



## **GOIÁS NA PECUÁRIA UM LUCRATIVO INVESTIMENTO**

Competindo palmo a palmo com Minas Gerais pela hegemonia do primeiro lugar, a pecuária goiana apresenta um rebanho de mais de 15,5 milhões de cabeças de boa linhagem raças nobres, graças a um trabalho que demandou anos de pesquisas, adaptando-se ao clima e pastagens.

Também neste setor da economia são sentidas as vantagens da modernização, aumentando a participação da pecuária no bolo econômico.

A criação e engorda em confinamento de gado racionalmente apurado e cruzado, pouco a pouco ganha espaço dentro deste segmento produtivo — através da melhoria da qualidade da carne, do leite e dos subprodutos bovinos.

Vários mercados, como os do Rio e São Paulo, serão atendidos pela pecuária goiana, gerando divisas também com a exportação.

## **UM PÓLO DE ATRAÇÃO INDUSTRIAL**

Além de significar um pólo de atração de investimento em sua fase primária, a criação de gado em Goiás começa a atrair indústrias que se aproveitam de tudo aquilo que o boi oferece.

Novos e grandes frigoríficos se instalam aqui e a capacidade de abate aumentou em 80% em 1987. Curtumes e fábricas de calçados começam a se instalar nas principais cidades goianas, rompendo com o passado, aderindo às novas tecnologias e fazendo com que a agricultura e a pecuária goianas participem ativamente da economia brasileira.

Industrializar a sua recorde produção de grãos e as matérias-primas que a pecuária oferece é o desafio que o Governo de Goiás está enfrentando e vencendo. Acenando com incentivos fiscais.

## **OS INCENTIVOS DO FOMENTAR: DINHEIRO, ESTRADAS, ENERGIA**

Como, por exemplo, os incentivos do programa Fomentar, que fortalece o capital das empresas que aqui se instalam com isenção de até 70% do ICM, juros de 3% ao ano, sem correção monetária, com dez anos de carência para amortização.

Por outro lado, Goiás está bem servido de energia elétrica, possibilitando à zona rural, a irrigação em pleno funcionamento.

Quanto ao escoamento de sua produção, Goiás possui uma malha viária capaz de levar seus produtos a qualquer ponto do país, por estradas asfaltadas. Sem falar no projeto da ferrovia Leste-Oeste, que deve sair de Cuiabá, passando pelo sudoeste goiano, rica região que produz, em dados de hoje, 1 milhão e 15 mil toneladas de soja e 2 milhões e 155 mil toneladas de milho — cortando Minas e Espírito Santo, até o Porto de Tubarão, em Vitória.

E há ainda os Distritos Agroindustriais com toda infra-estrutura necessária para sua empresa vir para cá produzir, lucrar e remunerar, invejavelmente, o seu capital.

# MILHO LIDERA A ÁREA DE PLANTIO

Em 1989, a produção de grãos atingirá quase seis milhões de toneladas, com destaque para o milho. Na pecuária, o grande esforço é a vacinação em massa do rebanho contra a aftosa

**A** base da economia goiana é o setor primário, representado principalmente pela agropecuária. Esta importância decorre de seu papel como fonte geradora de divisas, absorvedora de mão-de-obra e porque os setores secundários e terciários dependem basicamente da agropecuária.

No ano agrícola 1988/89, Goiás terá um aumento de área plantada em torno de oito a 10 por cento, em termos globais, o que significa que o Estado terá também um aumento da produção neste mesmo nível. A informação é do secretário da Agricultura, Ângelo Rosa, acrescentando que a tendência dos produtores goianos é para as culturas de milho e soja. O algodão deverá sofrer, em relação à safra anterior, um decréscimo de área plantada da ordem de 34 por cento e o arroz-de-sequeiro de 20 por cento, enquanto que a soja deverá crescer 20 por cento, o milho oito por cento, o arroz irrigado 5,5 por cento e o feijão de primeira safra 8,53 por cento.

**Produção de grãos** — A produção de grãos no estado, de acordo com levantamentos preliminares do Grupo de Coordenação de Estatísticas Agrope-

cuárias — GCEA —, deverá atingir quase seis milhões de toneladas para uma área plantada estimada em três milhões de hectares nesta próxima safra. O destaque é para o milho (três milhões/t) e a soja (1.700 mil/t). O arroz-de-sequeiro deverá produzir 982 mil/t. Com exceção do algodão, que já foi plantado, as demais culturas estão ainda em fase de plantio. Conforme o GCEA, o algodão sofreu redução de 34 por cento, em função do crescimento da área de soja, baixo valor do VBC em relação às outras culturas, custos de produção elevados, preço baixo do produto no mercado internacional e a má colheita da última safra.

A redução prevista para o arroz-de-sequeiro, em torno de 20 por cento, foi motivada principalmente pelo desestímulo do governo em função dos grandes estoques do produto, além de outros fatores negativos inerentes à cultura. No médio-norte goiano, está havendo muita procura por sementes de capim, onde a pecuária tem muito espaço para expansão, que certamente substituirá o cultivo de arroz. A estes fatores somam-se a descapitalização do produtor. Ele está partindo para outras cul-

turas de maior rentabilidade, como o milho e a soja.

Conforme o GCEA, o milho deverá manter a liderança em área plantada e volume de produção na próxima safra. A previsão é de que esta cultura ocupe uma área de um milhão e 200 mil hectares, devendo ocupar as áreas de algodão, arroz e soja — esta em função da necessidade da rotação de culturas. O milho conta com mercado favorável, incentivo do governo e disponibilidade de sementes. Cerca de 70 a 80 por cento da área de milho já foi plantada. Houve atraso no plantio desta cultura em virtude do retardamento das chuvas em Goiás.

A boa *performance* da soja em Goiás é em função dos preços compensadores no mercado internacional, motivados pela redução dos estoques mundiais e quebra da safra norte-americana, incentivo oficial e boa produtividade. Os produtores estão investindo em tecnologia, para aumentar os índices de rendimento e superar os altos custos de produção. A maior parte da soja goiana ainda está por plantar — apenas 30 por cento foi plantada.

**Oferta normal** — Com exceção da soja, que enfrenta problemas relacionados às sementes, tanto em termos de preço alto como de quantidade e qualidade, as demais culturas estão com a oferta normal de insumos, embora os produtores reclamem dos preços altos destes produtos. Goiás cultiva ainda culturas permanentes e de longa duração, como cana-de-açúcar (120 mil/ha), mandioca (49 mil/ha), banana (33 mil/ha) e café (21 mil/ha). Consta ainda a exploração de tomate rasteiro e tutorado (3.300ha) e alho (1.100ha).

O crescimento do arroz irrigado é motivado principalmente pela ampliação da área em alguns municípios goia-▷

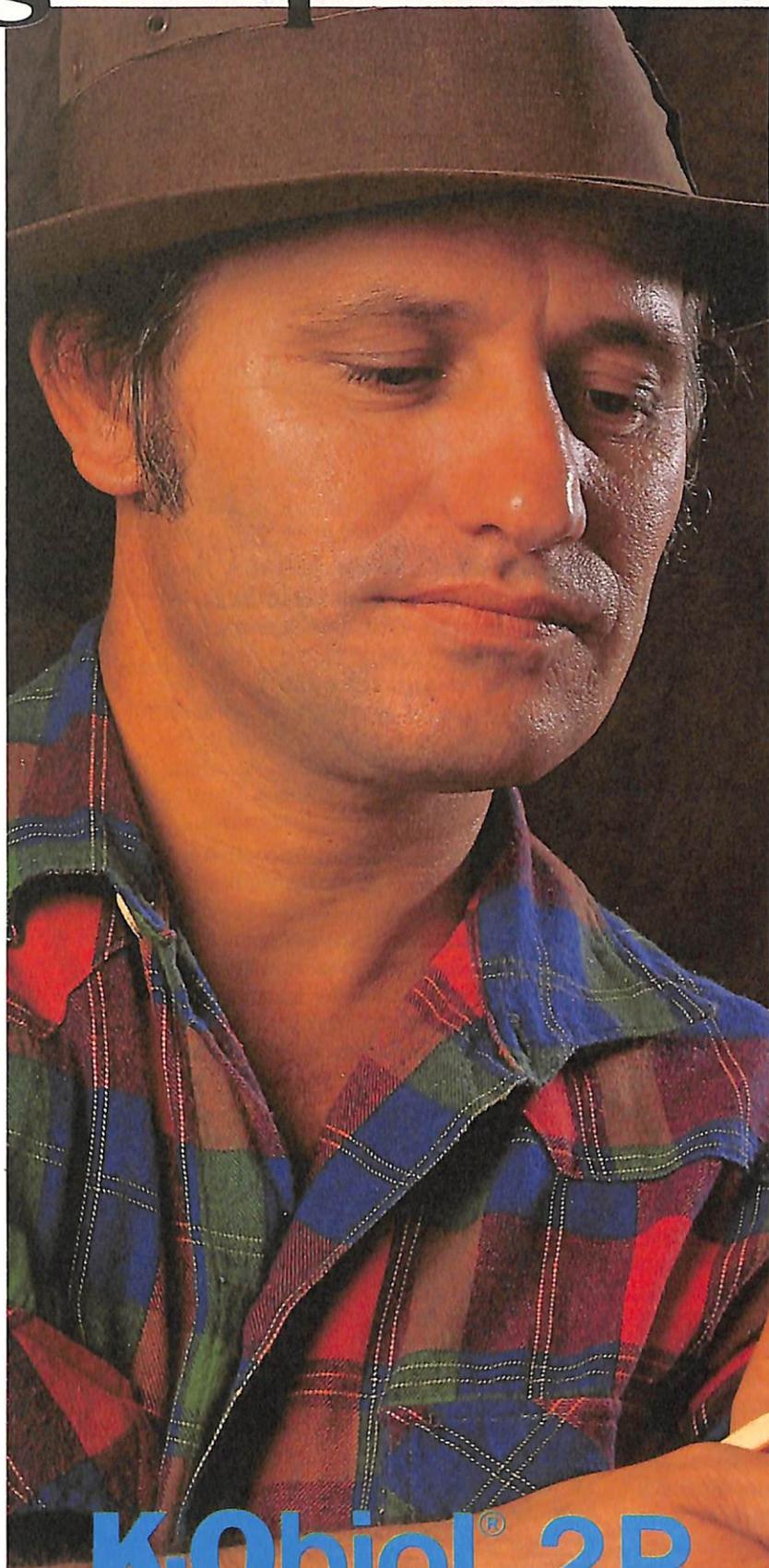
*Falta de chuvas atrasou o plantio do milho*



# Praga aqui não entra.

**A**té há pouco tempo, milho armazenado era sinônimo de milho perdido. Sobretudo sendo guardado em paiol.

Hoje você economiza tempo e dinheiro com K-Obiol 2P. K-Obiol 2P é um inseticida em pó de grande eficácia e superior qualidade. Uma única aplicação sobre o cereal no momento da



armazenagem garante proteção total contra a devastação dos insetos.

K-Obiol 2P tem um poder de ação tão forte, que as pragas vão desistir de rogar pragas para ele.



**K-Obiol**<sup>®</sup>  
(DELTA METHRIN)  
2P

QUIMIO   
divisão agro-química

**K-Obiol**<sup>®</sup> 2P

**A defesa do milho em paiol.**

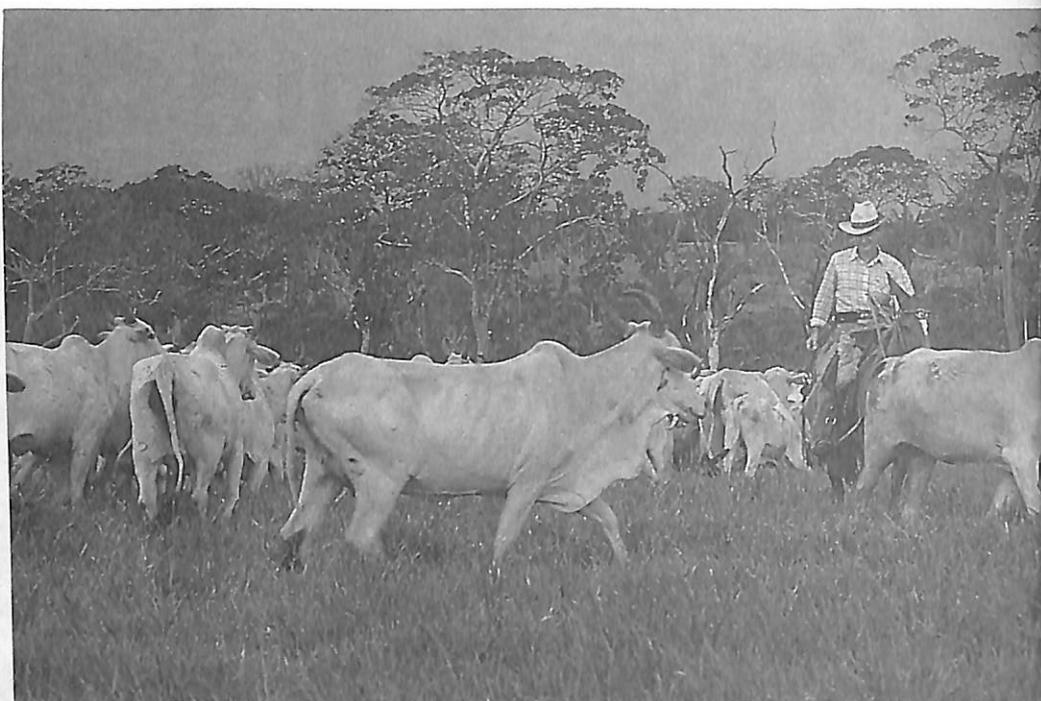
nos, o aproveitamento das várzeas, além da boa aceitação do produto no mercado, rentabilidade compatível com os custos de produção e pequeno risco no cultivo. Além de grandes projetos de irrigação, como o rio Formoso e o Marreco, os pequenos agricultores também estão se dedicando a culturas irrigadas. Somente no âmbito da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás — Emater —, foram elaborados 2.600 projetos com área de 28 mil hectares, envolvendo basicamente as culturas de arroz, milho e feijão. Os recursos são do Provárzeas, que prevê o atendimento a agricultores que possuam de 0,5 a 330 hectares de terra.

No que tange ao setor pecuário, Goiás disputa com Minas Gerais a posição de detentor do maior rebanho do país. No estado, conforme levantamentos, há mais de 20 milhões de cabeças, com predomínio da pecuária de corte. A ênfase é para o sistema de criação extensivo, registrando-se alguns projetos grandes de confinamento em nível empresarial e ainda de médios e pequenos proprietários. Este ano, foram confinados 106 mil bois, através de 271 pecuaristas.

Hoje, a arroba do boi está sendo vendida aos frigoríficos ao preço de Cz\$ 14.000,00, com 30 dias de prazo, enquanto que o preço médio do litro de leite está em torno de Cz\$ 70,00, com igual período para pagamento. Na pecuária de corte, predominam as raças nelore e gir, enquanto que na de leite é a girolanda.

**Problemas** — Os pecuaristas goianos ainda enfrentam problemas com a baixa produtividade do rebanho, alto índice de mortalidade, avançada idade de abate, baixa produção de carne por hectare, baixa capacidade de suporte por hectare, baixo desfrute, além da idade elevada à primeira cria e baixo índice de fertilidade do rebanho. Também, apesar dos esforços da Secretaria da Agricultura do Estado, continuam suspensas as exportações da carne goiana para a Comunidade Econômica Européia — CEE — em função da febre aftosa.

No entanto, técnicos da Extensão Rural assinalam que houve grandes avanços tecnológicos na pecuária goiana, destacando-se o interesse dos pecuaristas por gramíneas mais produtivas, sementes selecionadas, melhoria do índice de natalidade, redução da mortalidade e do tempo de engorda



*Nelore predomina nas grandes criações extensivas*

dos novilhos e pelo aumento da duração de lactação. Destacam ainda que já estão sendo adotados com mais frequência o manejo reprodutivo, a estação de monta, a alimentação do gado na seca, além da prática rotineira de inseminação artificial, do uso da uréia, das vacinações sistemáticas contra doenças e do combate à verminose.

O presidente da Federação da Agricultura do Estado de Goiás — FAEG, Aroldo Rastoldo, considera a pecuária goiana de bom nível, acrescentando que o estado já produz reprodutores que são comercializados para estados que têm uma pecuária bem desenvolvida, como Minas Gerais e São Paulo.

Na opinião de Rastoldo, a pecuária sempre foi um bom negócio e continuará sendo, porque o país tem condições propícias para a criação de gado, onde o preço da terra é barato e as condições climáticas também são favoráveis, o que significa lucro no final do processo.

Com relação ao crédito rural, o presidente da FAEG afirma que este é um dos problemas sérios que todo o país atravessa, com um patamar mensal de 30 por cento de inflação inviabilizando qualquer tipo de investimento. No entanto — diz —, o pecuarista goiano tem investido na pecuária quase que somente recursos próprios, atendo-se portanto, apenas à sua capacidade de investimento. Os recursos para investimentos fixos colocados à disposição dos criadores do estado, conforme

Rastoldo, não estão sendo utilizados em toda a sua plenitude, por falta de interesse do próprio criador neste tipo de financiamento e pelo alto risco que ele representa em função do alto índice de inflação.

Apesar dos esforços empreendidos no controle à febre aftosa, o secretário da Agricultura, Ângelo Rosa, não acredita que a Comunidade Econômica Européia faça a reversão do bloqueio da exportação da carne goiana ainda este ano, porque, se assim o fizesse, seria uma atitude incoerente da parte deles. Uma nova avaliação do rebanho goiano foi feita em novembro último, porém os técnicos da CEE ainda não divulgaram o seu relatório. Na opinião de Ângelo Rosa, o bloqueio à carne goiana é uma atitude mais de cunho econômico do que sanitário. Ele confirma que a doença não foi erradicada do estado, mas está controlada e que a própria CEE não erradicou a doença de seu rebanho.

Com o objetivo de sanar o principal problema verificado na última campanha de vacinação antiaftosa realizada em agosto, quando os menores índices obtidos com a vacinação foram justamente nas regiões onde predominam os pequenos criadores, com taxas de apenas 60 por cento de vacinação, contra 90 por cento obtidos nas regiões onde se sobressai a grande propriedade, o governo de Goiás, através da Secretaria da Agricultura, criou o Programa de Distribuição gratuita de vacinas antiaftosa para os pequenos criadores.

## ABCZ premia imprensa

Com a finalidade de premiar jornalista e veículo de imprensa (escrita, falada ou televisada) que publicarem ou fizerem veicular uma ou mais reportagens de amplo interesse da pecuária nacional, a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu instituiu o Prêmio ABCZ de Jornalismo. Os trabalhos jornalísticos deverão ser publicados ou veiculados entre a primeira quinzena de novembro/88 e a primeira quinzena de abril/89. Os prêmios: profissional/jornalista, placa comemorativa mais 100 OTNs; veículo, troféu ABCZ e inscrição nos anais da entidade. As reportagens serão recebidas no período de 10 de março a 17 de abril de 1989. Informações: ABCZ, praça Vicente Rodrigues da Cunha, 188, Par-

que Fernando Costa, CEP 38020, Uberaba/MG.

## Brasil retoma mercado argelino

A J I Case do Brasil vendeu para a Argélia 50 retroescavadeiras, modelo 580H, com chassi monobloco. O recente negócio é resultado de uma concorrência — da qual participaram a J I Case e a trading japonesa Mitsui — e representa a retomada deste tradicional mercado consumidor. As 50 máquinas, fabricadas em Sorocaba/SP, já foram embarcadas e destinam-se ao atendimento de vários segmentos de trabalho nesse mercado. Atualmente, a empresa contabiliza 1.700 máquinas naquela região. Além da Argélia, os equipamentos da J I Case estão sendo exportados para a América Latina e Ásia.

## Trator a toda prova

A Massey Perkins, de Canoas, no Rio Grande do Sul, pôs em prática uma nova maneira de testar a qualidade dos tratores que fabrica no Brasil. Trata-se do 'proving ground' (em inglês, campo de provas), que é uma pista circular com obstáculos intercalados, imitando as condições que os tratores vão encontrar nas lavouras.

A Massey Perkins usa tecnologia inglesa; porém, a preocupação em adequar seus produtos às necessidades dos usuários levou a empresa a projetar seus tratores já superando suas próprias deficiências, o que dá mais segurança e tranquilidade ao comprador, conforme observa Vilson Tolfo, gerente de engenharia de tratores.

Um braço mecânico mantém o trator funcionando por 200 horas, com paradas apenas para revisões e abastecimentos, de modo que o método permite avaliar a durabilidade, resistência e até mesmo a qualidade da lataria, submetida a jatos de chuva ácida, refletindo exatamente as situações de trabalho de campo. No final do processo, a equipe pode medir com segurança a performance da máquina: implementos tracionados, consumo de combustível, produtividade, manutenção e conforto ou satisfação do usuário, explicou o gerente de engenharia da Massey Perkins, já que as 200 horas na pista especial equivalem a cinco mil horas de trabalho na lavoura, compara ele.



## Helmut Kepler, o "Homem de Aço" 88

A escolha do "Homem de Aço", edição 88, promovida pela Associação do Aço do Rio Grande do Sul, recaiu sobre o empresário Helmut Kepler, diretor-presidente da Kepler Weber S/A, o maior fabricante de equipamentos para armazenagem da América do Sul, com uma participação de 70 por cento do mercado. Para o final deste exercício, a empresa já garantiu uma receita 23 por cento superior à de 1987, com os pedidos em carteira superando Cz\$ 5,5 bilhões. Na foto, o governador Pedro Simon entregando o troféu ao empresário.

## Livro de bolso sobre citricultura

A Shell Brasil S/A editou e está distribuindo, gratuitamente, o Manual Shell sobre Citricultura. Trata-se de um livro de bolso onde o produtor encontra informações sobre como manejar o solo, adubação, calagem, principais pragas e doenças, colheita e rendimento da cultura. O trabalho foi desenvolvido pelos agrônomos Dagoberto De Negri e Clóvis Toledo Piza Jr., da Cati de Campinas/SP. Para receber o exemplar, basta escrever ou telefonar para Shell Brasil S/A - Divisão Química, av. Nove de Julho, 997, Higienópolis, CEP 14100, Ribeirão Preto/SP, fone (016) 634-4344.

# Engorde seu lucro com Bovifort + Cobalject



## O modificador orgânico que revigora seu rebanho.

Bovifort e Cobalject, associados, constituem um **modificador orgânico duas vezes mais potente**. É a qualidade Propec dando nova vida ao seu rebanho e oferecendo a você dose dupla de lucro. A força regeneradora de Cobalject, obtida a partir de uma solução de cobalto, aliada ao complexo vitamínico presente em Bovifort atuam como corretivo nas deficiências nutricionais, estimulando as funções orgânicas do animal e aumentando tanto o seu peso vivo na invernada, como sua carcaça no frigorífico. Bovifort + Cobalject melhora o estado do gado fraco



**Propec**®

e demonstra sua eficiência como auxiliar no tratamento e prevenção de doenças e nos pós-cirúrgicos, apresentando as seguintes propriedades:

- \* regula o metabolismo;
- \* aumenta o índice de fertilidade;
- \* estimula o apetite;
- \* promove a total assimilação das proteínas;
- \* proporciona crescimento muscular e ganho de peso adicional.

Os resultados aparecem já na primeira aplicação.

Bovifort + Cobalject.

O legítimo modificador orgânico.

**PROPEC - Indústria e Comércio de Produtos Agropecuários Ltda.**

**MATRIZ - CURITIBA - PR**  
Rua Padre Camargo, 250  
Bairro Alto da Glória - CEP 80060  
Cx. P. 727 - Tel. (041) 262-4753 (PABX)

**ADMINISTRAÇÃO CENTRAL DE VENDAS - CURITIBA - PR**  
Rua Padre Camargo, 250  
Bairro Alto da Glória - CEP 80060  
Cx. P. 727 - Tel. (041) 263-4733

**LABORATÓRIOS E INDÚSTRIAS:  
CAMPINA GRANDE DO SUL - PR**  
Estrada do Timbu Velho, s/nº  
CEP 83430 - Tel. 772-1212

**EQUIPE DE VENDAS CTB**  
Cx. Postal 727  
CURITIBA - PR

**EQUIPE DE VENDAS MNS**  
Cx. Postal 93  
BETIM - MG

**EQUIPE DE VENDAS SPL**  
Cx. Postal 960  
BAURU - SP

**EQUIPE DE VENDAS MGS**  
Cx. Postal 168  
CAMPO GRANDE - MS

**EQUIPE DE VENDAS RGS**  
Cx. Postal 166  
SANTA MARIA - RS

**EQUIPE DE VENDAS GSS**  
Cx. Postal 1.181  
ANAPOLIS - GO



# A FORÇA DO CAVALO CRIOULO NO PARANÁ

**LONGEVIDADE • RUSTICIDADE • RESISTÊNCIA • FUNÇÃO**

**ESTAS SÃO ALGUMAS DAS PRINCIPAIS CABANHAS DO PARANÁ.**

## **CABANHA BARROZO**

**PROPRIETÁRIO:**  
MARCOS GOMES ANTUNES  
**LOCALIDADE:**  
CASTRO - PR  
**FONE:** (0422) 32-1128

## **CABANHA BOA VISTA**

**PROPRIETÁRIOS:**  
CARLOS ALBERTO PEREIRA MARCONDES  
SÉRGIO LUÍS VIEIRA BECKERT  
OTTO JAYME BECKERT  
**LOCALIDADE:**  
PALMEIRA/PR  
**FONE:** (041) 232-2011

## **FAZENDA CAPELA I**

CURITIBA - PR

## **FAZENDA CAPELA II**

PALMEIRA - PR  
**PROPRIETÁRIOS:**  
AVELINO E FRANCISCO VIEIRA  
**FONES:** (041) 262-7427 (Res.)  
(041) 263-2725

## **FAZENDA ERYDAN**

**PROPRIETÁRIOS:**  
MURILLO BASTOS PACHECO E FILHOS  
**LOCALIDADE:**  
M<sup>o</sup> HELENA / UMUARAMA - PR  
**FONES:**  
(0446) 30-6377, Ramal: 306137  
(0446) 22-4590 (Res.)

## **RANCHO JB**

**PROPRIETÁRIO:**  
OTTO JAYME BECKERT  
**LOCALIDADE:**  
PALMEIRA - PR  
**FONE:** (041) 232-2011

## **CABANHA LOBO BRAVO**

**PROPRIETÁRIO:**  
NÉZIO TOLEDO  
**LOCALIDADE:**  
PALMEIRINHA / GUARAPUAVA - PR  
**FONES:** (0427) 23-3038  
(0427) 23-3314  
(0427) 23-1368

## **CABANHA MONTANA**

**PROPRIETÁRIOS:**  
LAURINDO DUMS E FILHOS  
**LOCALIDADE:**  
SÃO BENTO DO SUL - SC  
Rua ANTONIO KAESEMODEL, 631  
**FONES:** (0476) 33-1875 (Res.)  
(0476) 33-0070

## **FAZENDA PONTEIO**

**PROPRIETÁRIO:**  
HÉLIO BRÜGGEMANN DE CAMPOS  
**LOCALIDADE:**  
PONTA GROSSA - PR  
**FONE:** (041) 225-3545 (Com.)

## **HARAS PORTO DE CIMA**

**PROPRIETÁRIOS:**  
LENOMIR TROMBINI  
RAUL TROMBINI  
JOEL MALUCELLI  
**LOCALIDADE:**  
MORRETES - PR  
**FONE:** (041) 224-9024

## **FAZENDA DA PRAIA SUL**

**PROPRIETÁRIO:**  
OLAVO ALMEIDA RIBAS  
**LOCALIDADE:**  
PONTA GROSSA - PR  
**FONE:** (0422) 24-0049

## **CABANHA ROSA**

**PROPRIETÁRIO:**  
GILBERTO JOSÉ ROSA  
**LOCALIDADE:**  
GUARAPUAVA - PR  
Rodovia PR-466, km 3  
**FONE:** (0427) 23-5029

## **CABANHA ROSAZUL**

**PROPRIETÁRIOS:**  
RENATO E RAUL TROMBINI  
**LOCALIDADE:**  
PALMEIRA - PR  
**FONE:** (041) 223-4592

## **CABANHA SÃO SEBASTIÃO**

**PROPRIETÁRIO:**  
ARNALDO FAIVRO BUSATO FILHO

## **LOCALIDADE:**

SÃO JORGE DO OESTE - PR  
Distrito: Dr. Antônio Paranhos  
**FONES:** (0465) 39-1259 (Cab.)  
(041) 254-8857

## **CABANHA STO. ANTÔNIO**

**PROPRIETÁRIO:**  
EUCLIDES RIBAS  
**LOCALIDADE:**  
PALMEIRA - PR  
**FONE:** (041) 233-7122

## **CABANHA STO. ONOFRE**

**PROPRIETÁRIA:**  
FLORA LIA PEIXOTO DEMIATE  
**LOCALIDADE:**  
PONTA GROSSA - PR  
Rodovia BR-376, km 90  
**FONES:** (0422) 24-2744  
(0422) 24-2022 (Res.)

## **CABANHA STA. FÊ**

**PROPRIETÁRIO:**  
ARYZONE MENDES DE ARAÚJO  
**LOCALIDADE:**  
FRANCISCO BELTRÃO - PR  
**FONE:** (0465) 23-2311

## **CABANHA DA SERRA I CABANHA DA SERRA II**

**PROPRIETÁRIO:**  
MARCOS MICHIELIN  
**LOCALIDADE:**  
CASTRO - PR E BOCAIUVA DO SUL - PR  
**FONE:** (041) 262-7281

## **CABANHA VILA VELHA**

**PROPRIETÁRIO:**  
ANTÔNIO CARLOS DE ARAÚJO MACIEL  
**LOCALIDADE:**  
PONTA GROSSA - PR  
BR-376, RODOVIA DO CAFÉ, km 73  
**FONE:** (041) 244-1212

## **CABANHA VALENTE**

**PROPRIETÁRIO:**  
MIRTILLO TROMBINI  
**LOCALIDADE:**  
PORTO AMAZONAS - PR  
**FONE:** (041) 224-9024

# NÚCLEO ROBERTO BASTOS TELLECHEA

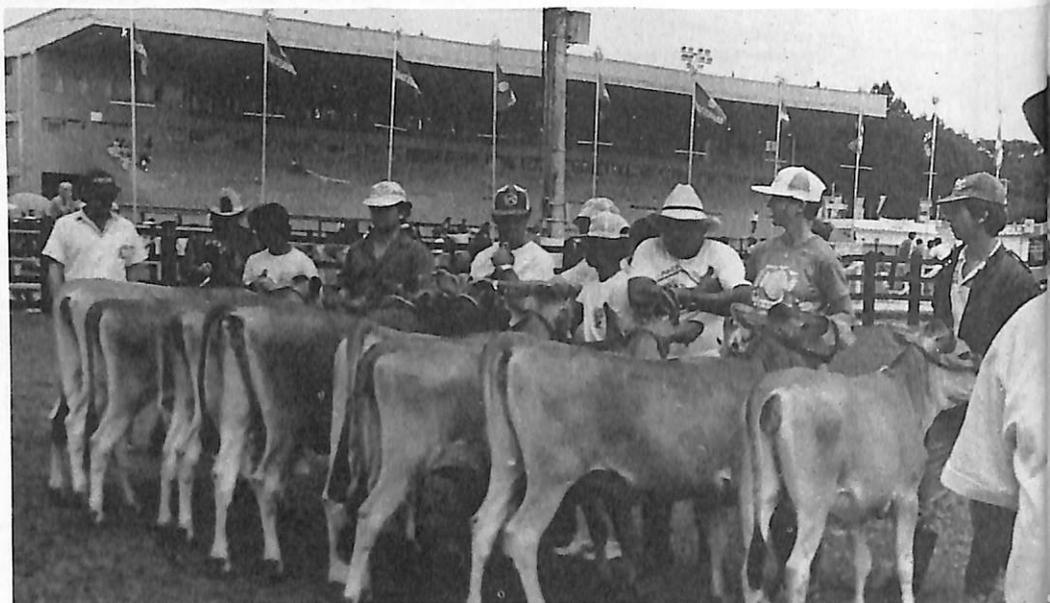
Sede Administrativa: Rua Don Alberto Gonçalves, 74 - Fone: (041) 232-2011 / 80.510 / Curitiba - Paraná.

# A força da pecuária na

Quando alguém teve a idéia de internacionalizar a 19ª Expotiba — Exposição Nacional de Animais e Produtos, que aconteceu de cinco a 13 de novembro no Parque Castello Branco, em Piraquara, na Grande Curitiba —, houve quem recebesse a sugestão com grande desconfiança. Afinal, de porte internacional já existia a Expointer, em Esteio, com tradição só comparável a Palermo e a Prado. Finalizadas a Expotiba e a I Feira Internacional da Indústria e Agropecuária, batizada pelos paranaenses com a sigla de FIIA, ninguém mais duvida do sucesso do evento: dos cerca de 4.800 animais inscritos, exatos 2.164 trocaram de donos, com transações que chegaram a Cz\$ 390 milhões com vendas nos leilões e a galpão. Nas máquinas e implementos a situação não foi diferente. A procura foi intensa e as 135 empresas que participaram da mostra comercializaram e engatilharam negócios da ordem de Cz\$ 1 bilhão.

“Nunca tivemos e nem temos a pretensão de concorrer com Esteio, que, sem dúvida, é a maior feira internacional do País; mas nos empenhamos para mostrar que o Paraná, responsável por um quarto da produção nacional de grãos e com rebanho de 8,5 milhões de cabeças de gado, também tem muito que apresentar”, enfatizou o secretário da Agricultura e Abastecimento, Osmar Dias — irmão do governador Álvaro Dias —, logo no início da feira. E, realmente, muitos compradores de diversas partes do Brasil e também do exterior apreciaram os produtos expostos. Dos sete países que estiveram com representações no Parque (Estados Unidos, Canadá, Paraguai, Hungria, Israel, Itália e Portugal), a maioria firmou negócios com produtores, empresas ou com o próprio governo paranaense.

“Febre alta” — A “febre” da exposição foi medida pela movimentação



*Guimarães: interesse pelo jersey ocorre no mundo inteiro*

dos negócios, expressa nas vendas realizadas durante a feira e no encaminhamento de futuras transações. “E a febre estava mesmo alta”, deixou escapar com satisfação Manuel Lustosa Martins Neto, presidente da Associação Paranaense de Charolês, descendente de Manuel Lustosa Martins, seu avô, introdutor da raça no Paraná em 1923 e, posteriormente, responsável na década de 60 pela importação do touro francês “Ricardão”, considerado o padrão do charolês durante muito tempo, de estatuta baixa.

Motivos para estar satisfeito é que não faltaram: a raça charolesa compareceu com 135 animais, sendo a segunda representação de bovinos — somente ultrapassada pela holandesa. Entretanto, na comercialização não houve quem alcançasse o charolês. Foram vendidos 25 produtos, entre mochos e aspados, por um total de Cz\$ 35,9 milhões e com média de Cz\$ 1,4 milhão.

Particularmente, Manuel Lustosa Martins Neto tinha razões de sobra para estar alegre. Proprietário da Caba-

nha das Tunas, em Clevelândia/PR, ele arrebanhou de uma só vez três prêmios de grande importância: os animais aspados “Faraó das Tunas” e “Risoleta das Tunas” sagraram-se, respectivamente, grande campeão e grande campeã da 19ª Expotiba e I FIIA. “Considero uma grande vitória as duas premiações”, enfatizou, justificando que “o Rio Grande do Sul e outros estados estão há mais tempo criando charolês com excelente qualidade”. O terceiro prêmio não tardou. No leilão da raça, o grande campeão ‘Faraó das Tunas’ foi adquirido pela Secretaria da Agricultura e do Abastecimento por Cz\$ 9,1 milhões, recorde da exposição e nacional, em 13 parcelas de Cz\$ 700 mil, corrigidas pela OTN. O animal será utilizado para coleta de sêmen dentro do programa de inseminação artificial de touros puros para melhorar a qualidade dos touros dos pequenos e médios produtores.

Ainda nas raças de corte se destacaram o nelore, o normando, o canchim e o chianina. Entre os zebrinos, a fê-

mea nelore "Equação DC", de dois anos e oito meses, foi o lote de maior cotação e foi adquirida por Luiz Alberto Baggio, de Maringá/PR, junto a Francisca Campinha Garcia, de Londrina/PR, considerada a maior e me-

animal jovem, de boa estatura e profundidade", e para a grande campeã, "uma fêmea de características leiteiras bem pronunciadas, muita força, boa angulosidade e arqueamento de costelas."

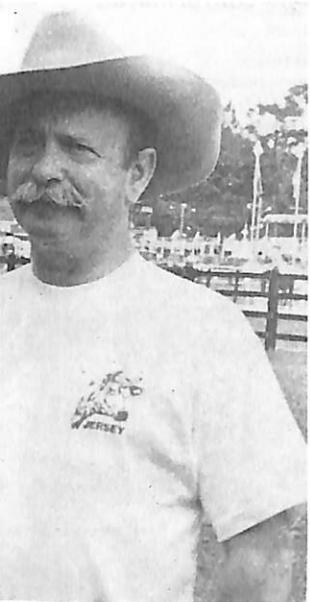
plena consciência de que a carne e a lã têm mercado e está trabalhando para isso, inclusive fazendo importações para melhorar o padrão genético das raças."

E nos leilões das raças suffolk, hampshire down, ile-de-france e texel o fato ficou comprovado. Dos 220 animais expostos, 137 encontraram compradores, num total de vendas de Cz\$ 19,1 milhões e média geral de Cz\$ 139,4 mil, demonstrando, segundo o juiz de todas as raças ovinas, o criador gaúcho Jair Menezes, que a Expotiba se consagra, além da qualidade, em nível de comercialização de animais. Para Antônio Roberto Bacilla, a tendência da ovinocultura paranaense é a exploração da carne, tendo como subproduto a lã. Uma prévia desta inclinação de mercado foi observada na própria exposição, onde as raças de corte, especialmente a suffolk, se apresentaram com preços superiores.

**Pequenos tiveram vez** — Nos 27 leilões realizados durante os nove dias da feira, dois concentraram a atenção de entusiastas e curiosos: os de abelhas-rainhas e de escargot — este último, segundo os organizadores, foi considerado o primeiro leilão de caracóis vivos do mundo. Foram ofertados 30 lotes das raças petit gris, gros gris e bourgogne e vendidos 23 por um total de Cz\$ 498 mil, com média por lote de Cz\$ 21.650,00 e Cz\$ 524,21 por animal. O presidente da Associação dos Helicultores do Paraná (Helipar), Ferenc Polena, considerou a promoção um sucesso, lembrando que o custo do investimento é relativamente baixo com um retorno garantido a curto prazo. "O mercado é promissor", completa, enfatizando que o centro do país é um consumidor em potencial do escargot, "sem falar da expectativa de exportação, onde somente a França importa cerca de 50 toneladas para atender ao seu consumo interno".

Já nas abelhas não foi diferente. A procura foi elevada, e a grande campeã da exposição saiu por Cz\$ 56 mil, adquirida por Loris Cavazzoni, de Pato Branco/PR, junto a Almerindo Firmo Correa, do mesmo município. No total, nove animais foram vendidos por Cz\$ 230 mil, com preço médio de Cz\$ 25.500,00. "Houve uma disputa acirrada", reconheceu o presidente da Associação Paranaense de Apicultores, Sebastião Gonzaga, ressaltando que uma boa rainha possibilita um aumento expressivo de produtividade da colmeia em pouco tempo. □

# terra dos grãos



lhor expositora de bovinos das raças zebuínas (nelore e gir) na Expotiba. No total, foram comercializados 34 animais nelore por Cz\$ 19,080 milhões com média de Cz\$ 561.176,47, sendo destacada pelo presidente da Sociedade Rural do Paraná, o ex-secretário da Agricultura Brasileiro de Araújo Neto, a qualidade zootécnica dos exemplares

presentes à feira, observação referendada pelo juiz Arnaldo Manoel de Souza Machado Borges, da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu.

**Leite em alta** — A boa performance dos bovinos de corte se estendeu aos de leite, embora muitos compradores tenham se frustrado, pois não houve a comercialização de nenhum dos 158 animais expostos. A justificativa, segundo Newton Ribas, da Associação Paranaense dos Criadores de Bovinos, é de que nenhum dos 46 expositores tinha interesse em vender os animais em leilão, "uma vez que a Expotiba tem mais um caráter de supercampeonato, onde são reunidos os animais campeões das principais feiras do estado e nenhum criador quer se desfazer de holandeses de ponta", explica. Seja como for, a qualidade foi o que realmente impressionou, especialmente o juiz canadense Doug Wingrove. Ele destacou que toda a representação da raça, que entrou na pista de julgamento, se apresentou parelha, fazendo referência especial para o grande campeão, "um

Também no jersey, além da boa qualidade, expressa nos elogios do juiz Donald McCaig, presidente da Associação de Gado Jersey do Canadá, as vendas aumentaram o interesse em torno desta raça leiteira. Nos leilões, 29 animais foram arrematados por um total de Cz\$ 26,6 milhões, com média de Cz\$ 918,7 mil, sendo que o maior preço, de Cz\$ 2,8 milhões, foi obtido por uma vaca, uma terneira e uma novilha puras, adquiridas pela Agropecuária Amara Ltda., de Curitiba/PR, de Clodelcion Bahr, da Cabanha da Gruta, Fraiburgo/SC. Para o presidente da Associação de Criadores de Gado Jersey do Paraná, Acir Guimarães, o rebanho do estado tem despontado em qualidade e quantidade, fato reconhecido por um dos maiores criadores desta raça no País, o gaúcho José Ronald Bertagnoli, lembrando que o jersey hoje não é somente uma realidade estadual ou nacional, "mas em todo o mundo há interesse pelo jersey."

**Carne na frente** — A espécie ovina também caiu nas graças dos criadores que visitaram a exposição, conforme palavras do vice-presidente da Ovino-par — Associação dos Criadores de Ovinos do Paraná, Antônio Roberto Bacila, para quem a atividade está em expansão no estado, onde existe mercado para a colocação de carne e da lã. O rebanho ovino paranaense dá mostras deste interesse e, em menos de três anos, o plantel vem dobrando, atingindo atualmente 300 mil cabeças, com uma produção de lã estimada em 150 toneladas.

"Ainda é muito pouco", reconhece Bacila, lembrando que o Rio Grande do Sul, com cerca de 12 milhões de cabeças, tem o maior rebanho brasileiro. "A partir da década de 80", prossegue o dirigente, "o produtor paranaense se deu conta de que já havia passado a época de se criar ovelha para abater no final de semana. Hoje o criador tem

# Eqüinos: recordes, procura e muito lucro

“A caixa registradora já começou a tilintar”, comentou um assistente e provável comprador, quando os primeiros animais da raça mangalarga iniciaram o desfile pela pista de remates da luxuosa Mansão Glória, num dos leilões mais concorridos da Expotiba/FIIA. Tinha razão. Depois que o martelo bateu pela última vez, os números surpreenderam: 40 animais vendidos num total de Cz\$ 61,8 milhões (maior movimentação financeira da exposição), com média de Cz\$ 1.545.375,00. Mas o Leilão Elite do Mangalarga teve mais uma surpresa com Babaçu JO, um macho de 50 meses, criado por José Osvaldo J. e exposto por Jaffer Felício Jorge, que bateu o recorde nacional da raça ao ser arrematado por Cz\$ 7,5 milhões, em 13 parcelas de Cz\$ 580 mil, corrigidas pela OTN. O lance partiu de Rosa Maria Beltrão de Almeida, esposa do empresário paranaense Cecílio do Rego Almeida.

Em verdade, o remate do mangalarga foi uma pequena mostra do potencial dos eqüinos dentro da feira, onde foram comercializados 144 animais por Cz\$ 143 milhões, o equivalente a 36 por cento de todo o volume de vendas, que chegou a Cz\$ 390 milhões. Para João Ataliba de Resende Neto, presidente do Núcleo Paranaense dos Criadores de Mangalarga Marchador, os números têm comprovado o interesse atual pelos eqüinos e a excelente qualidade dos animais. Do marchador foram expostos 124 exemplares, cujos atributos principais, segundo o dirigente, são a comodidade da montaria, a facilidade para a lida de campo e a docilidade. “O marchador pode cobrir longas distâncias e, no final, o cavaleiro está inteiro”, garante Resende Neto. Estas características, aliás, pesaram muito na hora dos remates e 54 animais encontraram compradores, com média de Cz\$

310.178,00 e total de Cz\$ 17,3 milhões.

“Circo voador” — No rastro das boas vendas, a raça crioula deixou pegadas profundas, apesar de um contratempo: um temporal com ventos fortes desmontou dois circos, armados no Parque Castello Branco, e que seriam usados como recinto do leilão de elite. Com rapidez, o núcleo de criadores transferiu o remate para o pavilhão de suínos, sem perder a força e os atrativos inicialmente previstos. Dezesete animais foram vendidos por Cz\$ 21,3 milhões, com média de Cz\$ 1,2 milhão.

O animal de maior preço foi a fêmea BT Usura, criada e exposta por Flávio Bastos Tellechea, de Uruguaiana/RS, adquirida pelos irmãos Avelino Vieira Neto e Francisco José Bernardi Vieira, do Grupo Bamerindus, para presentear a mãe, Didi Bernardi Vieira, por Cz\$ 6,7 milhões. O alto valor é considerado o recorde nacional da raça em valores nominais, embora não supere a tordilha negra BT Soberana, da mesma procedência, comercializada no Leilão 18 Quilates, realizado em abril na praça de Porto Alegre/RS. BT Soberana custou Cz\$ 2,660 milhões a José Wagner de Andrade Lima, de Jaguarão/RS, constituindo-se, na época, no recorde nacional e sul-americano da raça. Em valores corrigidos, o preço desta fêmea em novembro, levando em conta somente a variação da OTN no período, chegaria a Cz\$ 10.549.577,65.

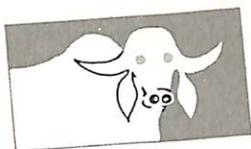
Seja como for, o presidente do Núcleo Paranaense do Cavalo Crioulo, Carlos Alberto Pereira Marcondes, exhibia indisfarçável ar de satisfação e otimismo quanto ao futuro da raça no Paraná, que é o segundo plantel de crioulos, superado apenas pelo Rio Grande do Sul. O Paraná tem cerca de 600 animais puros e 60 criadores registrados no núcleo, mas o plantel, segundo ele,

vem crescendo muito nos últimos anos. Para Marcondes, a raça originária da Espanha e fixada no Chile vem demonstrando a cada ano o seu valor. Criando animais da raça desde 1982, o crioulista diz já ter encontrado o animal ideal: é oriundo do acasalamento da linhagem uruguaia e argentina com a chilena. No seu entender este choque de sangue garante animais de estatura mediana, cerca de 1,44 metro, fortes, de excelente tração e boa conformação e harmonia.



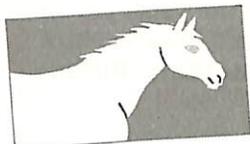
Marcondes: “o lucro não é tão grande assim”.

Em relação aos altos preços, Carlos Alberto Marcondes diz que os eqüinos têm uma peculiaridade: “Nós vendemos na hora em que os compradores querem, ao contrário do boi, que comercializamos no momento em que queremos”. Segundo ele, há uma informação distorcida sobre o lucro fácil com cavalos. “Hoje (novembro) criamos um boi durante três anos e o vendemos por Cz\$ 150 mil”, revela, “com custos mínimos. Já um eqüino é comercializado com a mesma idade por Cz\$ 400 a 500 mil, mas tem um custo infinitamente maior”. O crioulista explica que só em 90 dias, considerando os gastos com o cavalo na cocheira, os cuidados do peão, os vermífugos e a doma, não sai por menos de Cz\$ 150 mil. “Então fica provado que o lucro não é tão grande assim como espalham”, finaliza.



# Principais resultados

Bovinos/Raças	Grande Campeão	Grande Campeã	Maior Preço	Total/Vendas
<b>Canchim</b>	"Herculano da FJ", criado e exposto por Francisco Jacinto da Silveira, Sandovalina/SP.	"Ilhapa da FJ", criada e exposta por Francisco Jacinto da Silveira, Sandovalina/SP.	"Toradora de São Jorge", de Robinson Guilherme Moura, Miraselva/PR, por Cz\$ 1 milhão, para Maribens Empreendimentos Agropecuários, Curitiba/PR.	Onze animais ofertados, e vendidos por Cz\$ 6.140.000,00 com média de Cz\$ 558.181,82.
<b>Charolês aspado</b>	"Faraó das Tunas", expositor e criador Juarez e Manoel Lustosa Martins Neto, Clevelândia/PR	"Risoleta das Tunas", criada e exposta por Juarez e Manoel Lustosa Martins Neto, Clevelândia/PR.	"Faraó das Tunas", de Manoel Martins, Cabanha das Tunas, para Secr. da Agricultura do PR por Cz\$ 9,1 milhões.	25 animais vendidos por um total de Cz\$ 35.940.000,00 com média de Cz\$ 1.437.600,00 entre exemplares aspados e mochos.
<b>Charolês mocho</b>	"Hércules", criado pela Apomedil Agropecuária, Lageado/RS, e exposto por Nutritional Agropecuária Ltda., São José dos Pinhais/PR.	"Geada do Pinhal", criada por Jesusa Souza e exposta por Nutritional Agropecuária Ltda., São José dos Pinhais/PR. 2.340.000,00.	Uma novilha da Apomedil Agropecuária Ltda., Lageado/RS, para Nutritional, São José dos Pinhais/PR por Cz\$ 2.340.000,00	
<b>Jersey</b>	"Albert Milestone 2 Irmãos", criado e exposto por Isafas e Arlindo Grott, Blumenau/SC.	"Gruta Pricila Milestone", criada e exposta por Clodelcion Bahr, Cabanha da Gruta, Fraiburgo/SC.	Uma vaca PO, uma terneira PO e uma novilha PO, de Clodelcion Bahr para Agropecuária Amara Ltda., Curitiba/PR, por Cz\$ 2.850.000,00 cada uma.	29 animais vendidos por um total de Cz\$ 26.645.000,00 com média de Cz\$ 918.793,10.
<b>Nelore</b>	"JE Zaibo da EN", criado e exposto por José Eduardo da Rocha Cabral, Itaguaçu/PR.	"Koshelt DC POI", criada e exposta por Francisca Campinha Garcia, Sertãoópolis/PR.	"Equação DC", de Francisca Campinha Garcia para Luis Alberto Baggio por Cz\$ 1.500.000,00.	31 animais vendidos por um total de Cz\$ 19,080 milhões e média de Cz\$ 561.176,47.
<b>Simental-Fleckvieh</b>	"Fels do Três Galhos", criado por Rudolf Reich e exposto por Sociedade Rural do Paraná, Eldorado/PR.	"Digna do Três Galhos", criada por Rudolf Reich e exposta por Sociedade Rural do Paraná, Eldorado/PR.	Um novilho PO de Johann Reinhofer, de Guarapuava/PR para Cabanha Roseira, Curitiba/PR por Cz\$ 2.950.000,00.	3 animais vendidos por um total de Cz\$ 5.950.000,00 com média de Cz\$ 1.933.333,33.



Equínos/Raças	Grande Campeões	Grande Campeã	Maior Preço	Total/Vendas
<b>Appaloosa</b>	"Top Vantage", criado por Elliot Crochete e exposto por José Américo Ribeiro dos Santos/SP.	"Bonnie Gal", criada por Daniel Kuesis e exposta por José Américo Ribeiro dos Santos, São Paulo/SP.	"Miss Margie RGB", de Orlando Rodrigues Filho, São Paulo/SP, para Haras Aki, Londrina/PR, por Cz\$ 4.160.000,00.	16 animais vendidos por um total de Cz\$ 18.343.000,00 com média de Cz\$ 1.033.880,00.
<b>Críoulo</b>	"Destino Sombra", criado por Obera Brentanha e exposto por Antonio Carlos de Araújo Maciel, Loanda/PR.	"Cana Brava do Junco", criada por Junco Agropecuária e exposta por Renato e Raul Trombini, Palmeira/PR.	"BT Usura", de Flávio Bastos Tellechea, Uruguaiana/RS, para Avelino e Francisco Vieira, Curitiba/PR, por Cz\$ 6.760.000,00.	17 animais vendidos por um total de Cz\$ 21.320.000,00 com média de Cz\$ 1.254.117,60.
<b>Mangalarga marchador</b>	"Mocambo Pagão", criado por José Lúcio Rezende e exposto por Hélio Eugênio Sacchi, Ituaçu/SP.	"Fada do Arpoador", criada por Fazendas Reunidas Arpoador Ltda. e exposta por Adão Cláudio da Silveira, São José do Rio Pardo/SP.	Macho de Antônio Luceno T. Neto para Agenério Coelho por Cz\$ 1.050.000,00.	54 animais vendidos por um total de Cz\$ 17.370.000,00 com média de Cz\$ 310.178,00.
<b>Mangalarga</b>	Não houve premiação.	Não houve premiação.	"Babaçu JO", de Jaffer Felício Jorge para Rosa Maria Beltrão de Almeida por Cz\$ 7,540 milhões.	40 animais vendidos por um total de Cz\$ 61,815 milhões com média de Cz\$ 1.545.375,00.
<b>Pantaneiro</b>	"Professor de Santa Tereza", criado e exposto por Cristóvão Afonso da Silva e outros, Poconé/MT.	"Novale do CEC", criada por Décio de Figueiredo e exposta por Paulo Sérgio da Costa Moura, Poconé/MT.	"Barroso da Promissão", de Paulo Sérgio da Costa Moura, Cuiabá/MT, para Alcool Branca Ltda., Cuiabá/MT, por Cz\$ 1.560.000,00.	5 animais vendidos por um total de Cz\$ 7.670.000,00 com média de Cz\$ 1.820.000,00.
<b>Árabe</b>	"SN Albelor", criado por Haras El Adhwar e exposto por Haras Shasbach, de Fernando Hamoto e Washington Orlando Ortega Júnior, Piraquara/PR.	"Dhanie LM", criada e exposta por Lúcio Miranda, Piraí do Sul/PR.	"A.F. Tupã", de Plauto Miró Guimarães Filho, Fazenda Fortaleza Ltda., para Susumu Sasaki, Curitiba/PR, por Cz\$ 2.080.000,00.	3 animais vendidos por um total de Cz\$ 4.940.000,00 com média de Cz\$ 1.495.000,00.
<b>Quarto-de-milha</b>	"Day Blue HC", criado por Antônio Carlos de Souza e exposto por Gilda Miranda Valle Nicolau, Ponta Grossa/PR.	"Barreira Bid RT", criada por Rui Moraes Terra e exposta por Gilda Miranda Nicolau, Ponta Grossa/PR.	"Movim West", de Hélio Costa Curta, de Maringá/PR, para Renato Artimonte, de Curitiba/PR, por Cz\$ 2.600.000,00.	9 animais vendidos por um total de Cz\$ 11.570.000,00 com média de Cz\$ 1.242.220,00.



Ovínos/Raças	Grande Campeão	Grande Campeã	Maior Preço	Total/Vendas
<b>Ile-de-France</b>	"Valente 01", criado e exposto por Mirtillo Trombini, Cabanha Valente Porto Amazonas/PR.	"Rancho Fundo 216", criada e exposta por Agropecuária Rancho Fundo Ltda., Caçador/SC.	Uma borrega de Jair Menezes, Livramento/RS, para Heitor Baggio, Curitiba/PR, por Cz\$ 540 mil.	
<b>Hampshire Down</b>	Não houve premiação.	"Recosta 163", criada por João Bronzatto e exposta por Maurício Rosindo Fruet, Agudos do Sul/PR.	"Tatuagem 50", macho, de Jamil Nicolau Aun, de Abelardo Luz/SC, para Hélio O. Júnior, Porto Vitória/PR, por Cz\$ 351 mil.	137 animais comercializados de todas as raças por um total de Cz\$ 19.106.000,00 com média de Cz\$ 139.459,85.
<b>Suffolk</b>	"F.E.B. Hunter 8610", criado por Frank Hunter, Columbia/EUA e exposto por Cabanha Rosazul, Palmeira/PR.	"Heggemeir 87-214", criada por Jonas Heggemeir, Utah/EUA e exposta por Francisco José Dresch, Piraquara/PR.	Dois borregos PO, de Bertagnolli & Filhos, Passo Fundo/RS, um para Victor Augusto, Curitiba/PR, e outro para Laércio Nicolau, Arapoti/PR, por Cz\$ 715 mil cada um.	
<b>Texel</b>	"Valente 311", criado e exposto por Mirtillo Trombini, Porto Amazonas/PR.	"Valente 319", criada e exposta por Mirtillo Trombini, Porto Amazonas/PR.	"Dedo Verde 467" de Mirtillo Trombini, Porto Amazonas/PR, para Heitor Baggio, Curitiba/PR, por Cz\$ 520 mil.	

# NOVIDADES NO MERCADO



**Analgésico e sedativo** — À base de cloridrato de detomidina, o Domosedan é um produto não-narcótico, com poder sedativo e tranqüilizante, aliado a potente ação analgésica, sendo específico para aplicação em equinos. Rapidamente absorvido pelo organismo (de um a cinco minutos, dependendo da dose), sua aplicação por via intramuscular ou intravenosa tem ação altamente seletiva e permite tranqüilizar os animais para realização de exames e até mesmo de cirurgias, sem necessidades de outros agentes anestésicos locais ou gerais. **Ciba-Geigy - Saúde Animal**, av. Santo Amaro, 5137, caixa postal 21468, fone (011) 241-6393, CEP 04701, São Paulo/SP.



64 - DEZEMBRO/88



**Caminhão-tractor** — De marca Tramountini, é apresentado em três versões: carroceria de madeira, basculante e cabine dupla. A tração é 4x4, com marcha reduzida, e apresenta um consumo de 25km por litro de óleo. **Revendedor exclusivo: Sodima - Sociedade Distribuidora de Máquinas Ltda.**, rua Gaspar Martins, 267, CEP 90000, Porto Alegre/RS, fone (0512) 25-0144.

## **Luvas de segurança** —

Desenvolvidas para dar às mãos o máximo de conforto, maleabilidade e segurança em todas as tarefas manuais, preservando-as de ressecamentos, rugas, ferimentos e contaminação por produtos ou materiais agressivos, especialmente na aplicação de defensivos e nos abatedouros. Características técnicas: pontas anatômicas, superfície antiderrapante; material flexível que possibilita a total movimentação dos dedos, constante contato com a palma da mão, punhos extralongos, revestimentos interno aveludado. **Latex São Roque**, rua Conselheiro Crispiano, 29, conj. 95, fones (011) 35-6887 e 32-7256, São Paulo/SP.

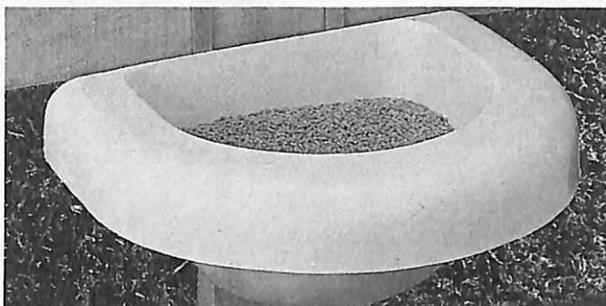


**Cultivador** — Segundo o fabricante, o Red Cat é o menor e mais prático cultivador para chácaras e sítios fabricado na América Latina. Possui regulador automático de rotação, ajustando-se automaticamente sempre que houver necessidade de maior torque. Motor "Branco", de dois tempos, com 3,5Hp a gasolina, com ignição transistorizada e aceleração automática, além de nebulização de óleo, refrigeração a ar sem cárter e que trabalha em desnível, ou seja, em qualquer posição. **Canan Industrial Ltda**, rua Laval, 129, fone (0512) 73-2499, CEP 93200, Sapucaia do Sul/RS.



**Pulverizador** — Especial para citricultura, o Turbo Citrus 2840 possui chassi em aço perfilado indeformável, tanque em fibra de vidro com capacidade de 2.000 litros, 22 bicos torex, biflor ou uniflor, com um rendimento de trabalho de 200 a 2.000 litros/ha. Saídas traseiras orientáveis para reforçar o ar nas zonas desejadas, facilitando o combate da leprose no pomar. **Berthoud Ind. de Máq. Agríc. Ltda.**, rua Tenente Djalma Dutra, 888, caixa postal 71, fone (041) 283-1191, telex 6447 BM AG, CEP 83100, São José dos Pinhais/PR.

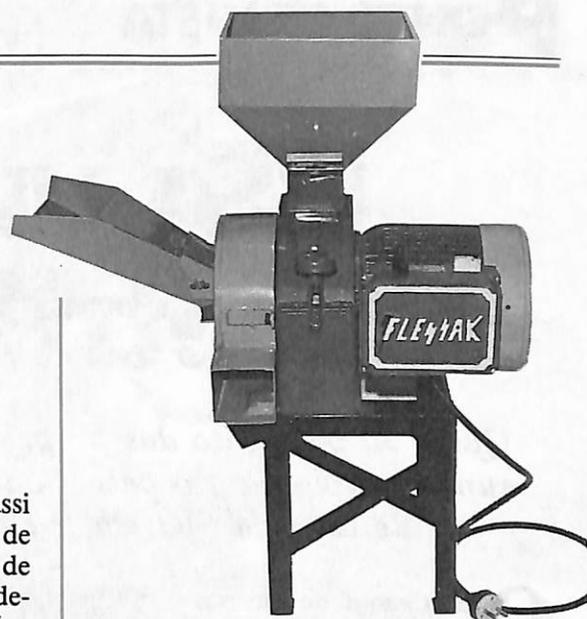
**Cochos** — Fabricados em fiberglass, podem ser utilizados nas cocheiras ou no campo, presos às cercas, às portas das baias, às paredes ou apoiados em estruturas de alvenaria. Opcionais: luva e niple de uma e meia polegada para escoamento manual de água ou através de instalação hidráulica definitiva; bóia para alimentação automática com capa protetora de fibra; tubo de nível para sistema de água corrente; ferragens com 68cm para pendurar o cocho.



**Sissa Com. e Ind. Ltda.**, av. Anton von Zuben, Jardim das Bandeiras, fones (0192) 47-5831 e 47-9102, CEP 13053, Campinas/SP.



**Subsolador** — Fabricado especialmente para tratores com tração, o Subsolador Controle Remoto IBL está disponível nas versões de sete a 15 garras, sendo que estas possuem pino de segurança. A profundidade de subsolagem é regulada do trator durante o trabalho. As trações dianteira e traseira não sofrem alteração de esforços decorrentes dos braços hidráulicos. É oferecido em três tipos de chassi, que possuem regulagem de inclinação. **Industrial Busse Ltda**, rua Cel. Jorge Frantz, 845, fone (055) 359-1422, telex 55-2576 HIBL, CEP 97900, Cerro Largo/RS.



**Triturador-desintegrador elétrico**

— Este equipamento foi projetado para atender às necessidades de pequenos e médios produtores. O TDE Flessak dispensa o uso de correias, porque o motor elétrico, o quebrador e o forrageiro estão posicionados em um só eixo. Permite fazer quirera e forragem ao mesmo tempo, sem misturar as duas. A produção do quebrador é de 480kg/h e a do forrageiro de 600kg/h. Segundo o fabricante, é de baixo consumo, alta produção e facilidade de operação e manutenção. **Flessak Ind. e Com. de Materiais Elétricos Ltda.**, av. Macali, 284/292, caixa postal 48, fones (0465) 25-1286 e 25-1493, CEP 85618, Marmeleiro/PR.



**Bebedouro** — Confeccionado em ferro fundido, este bebedouro para suínos possui mola regulável que serve tanto para leitões como para animais adultos. **Veterinária do Sul**, rua Ernesto Alves, 27, fones (0512) 24-3700 e 26-4481, CEP 90220, Porto Alegre/RS.

# RS: um modelo de eletrificação rural

*Quase 30 por cento das propriedades rurais gaúchas são eletrificadas, constituindo-se num exemplo para o país. Conheça um pouco deste trabalho da Companhia Estadual de Energia Elétrica, na palavra de seu presidente, Oswaldo Baumgarten.*

O Rio Grande do Sul possui, conforme o censo agropecuário do IBGE, 475.286 estabelecimentos rurais, dos quais, em dezembro de 1987, 295.599 já contavam com os benefícios proporcionados pela energia elétrica. Com isto, o Rio Grande atinge posição de destaque nacional, detendo quase 30 por cento dos estabelecimentos rurais eletrificados do país e sendo o Estado que mais tem propriedades rurais eletrificadas no Brasil, em termos absolutos.

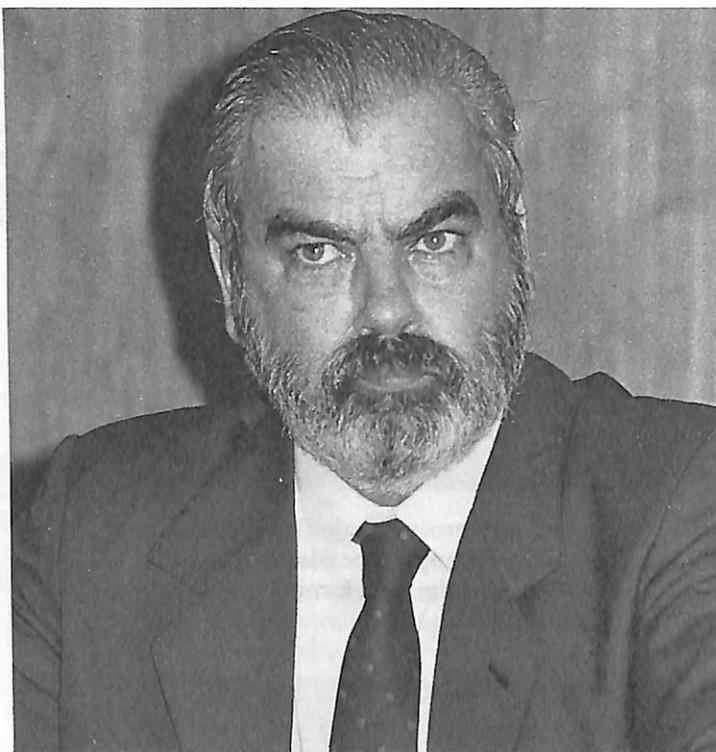
A eletrificação rural no Estado é conduzida pela Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) e pelas cooperativas de eletrificação rural, as quais, em suas áreas de atuação, somadas ao esforço do próprio homem do campo, apresentam a seguinte evolução do número de consumidores:

— em 1983, as Cooperativas possuíam 96.418, e a CEEE 127.134 consumidores;

— em 1987, as Cooperativas possuíam 117.890, e a CEEE 177.709 consumidores.

O resultado destas atuações é a eletrificação de mais de 62 por cento dos estabelecimentos rurais do Estado.

A extensão das redes de distribuição rural, em alta tensão, atinge mais de 100.000 quilômetros no Estado, sendo mais de 62.000 quilômetros de responsabilidade da CEEE e cerca de 48.000 quilômetros das Cooperativas de Eletrificação Rural. É importante notar



que, destes mais de 62.000 quilômetros de redes de responsabilidade da CEEE, 6.020 quilômetros foram construídos no Sistema Monofilar com Retorno por Terra (MRT) e Condutor de Aço Zincado (CAZ) — um sistema não-convencional de distribuição de energia elétrica, cuja principal característica é a redução dos custos de instalação das redes (em relação aos padrões convencionais). Isto, sem dúvida, contribuiu para que mais proprietários pudessem contar com a energia elétrica, favorecendo a permanência do homem no campo.

A CEEE, desde 1980, conta com o Programa de Eletrificação Rural para o Estado do Rio Grande do Sul —

Proergs, o qual contempla dois aspectos: econômico e social.

O Proergs econômico objetiva a substituição de motores diesel por motores elétricos, acarretando a redução da importação de petróleo, o incremento da irrigação de lavouras agropastoris com maior confiabilidade e redução de custos, a oferta da infra-estrutura necessária à implantação da agroindústria e a oportunidade do surgimento de maior número de empregos no meio rural.

Através do Proergs social, se pretende dar o atendimento aos minifúndios, a fixação do homem do campo, proporcionando-lhe o conforto da utilização da energia elétrica, o aumento da produção e da pro-

ductividade agropastoril através da mecanização das atividades rurais, o acesso do homem do campo aos meios de comunicação social e ao aumento do nível social, econômico e cultural do nosso rurícola.

Dentro do Proergs social, o subprograma que mais tem se desenvolvido nos últimos anos é o Subprograma Antecipado Social (SAS), onde a participação da CEEE representa, em média, 15 por cento do custo total de cada obra.

A CEEE é uma das poucas, se não a única concessionária de energia elétrica do país, que estimula a ação de todos os agentes intervenientes na eletrificação rural. 

# É DA FAMÍLIA, É DE CONFIANÇA.



A colheita é a hora da verdade. Onde a utilização de máquinas com tecnologia mais avançada pode fazer muita diferença. É a hora de ficar com Massey Ferguson.

As colheitadeiras Massey Ferguson 1630, 3640 e 5650 possuem o exclusivo cilindro de alta inércia, que evita embuchamentos, elimina a sobrecarga do motor e garante a produtividade.

Sua maior área de separação e

melhor sistema de limpeza garantem perda mínima, sem quebra de grãos.

A localização da plataforma do operador permite perfeita visão do corte da lavoura e melhor controle de descarga do graneleiro.

E a Rede de Assistência Técnica Massey Ferguson – a maior do país – está sempre a postos, para superar dificuldades e orientar a operação para maior eficiência e rendimento.

Venha até um Concessionário

Autorizado buscar a sua colheitadeira Massey Ferguson.

E fique com quem é de confiança.



**MASSEY FERGUSON**  
**A FORÇA DA FAMÍLIA.**



# Às suas ordens, patrão!



No Revendedor Purina você é o patrão.  
Isto lhe garante um atendimento profissional e personalizado.  
Lá você encontra todos os produtos com a qualidade e a tecnologia Purina para diferentes espécies animais, em todas as fases do ciclo produtivo.  
Por isso, quando você procura resultados para sua criação e para o seu investimento, você encontra na Revenda Purina muitas soluções. Uma para cada caso.  
Agora que você já sabe quem é que dá as ordens, que tal pedir um cafezinho?  
Só a Revenda Purina faz de você um verdadeiro patrão.  
Às suas ordens!



**Purina**